

DOCUMENT RESUME

ED 179 075

FL 010 537

AUTHOR de Meneses, Fernando
 TITLE Entre dois mundos: vida quotidiana de criancas portuguesas na america [Between Two Worlds: The Daily Life of Portuguese Children in America].
 INSTITUTION National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Education, Fall River, Mass.
 SPONS AGENCY Office of Education (DHEW), Washington, D.C.
 PUB DATE 77
 NOTE 228p.
 AVAILABLE FROM National Assessment and Dissemination Center, 49 Washington Ave., Cambridge, Massachusetts 02140 (\$2.50 for student's book, \$1.25 for teacher's guide)
 LANGUAGE Portuguese: English
 EDRS PRICE MF01/PC10 Plus Postage.
 DESCRIPTORS Acculturation; Biculturalism; Bilingual Education; Cross Cultural Studies; *Cultural Awareness; *Cultural Differences; *Cultural Education; Culture Conflict; Ethnicity; *Immigrants; Mincrity Groups; Multicultural Education; *Portuguese Americans; *Rural Urban Differences

ABSTRACT

This Portuguese reader with accompanying teacher's guide describes the culture shock that Portuguese children and their families face when they immigrate to North America. The reader is divided into 75 short stories about the families that come from the rural areas of Portugal where there has been little industrialization. The purpose of the reader is to help children grow to modes of thinking adaptable to the industrial city without losing the values implicit in the life and culture of their village. To achieve this goal, the teacher's guide suggests four steps: (1) to listen with respect to all elements of the old culture, (2) to search for the general values that are at the origin of the different customs, (3) to find the economic and historic reasons why those values were expressed in such customs, and (4) to find ways the permanent values can be incorporated into practices consistent with life in the modern city. For each story, the teacher's guide contains the counseling goal for dealing with the certain cultural aspect of the story, discussion questions, project suggestions, and explanations of certain language and cultural terms used in the story. The text is in Portuguese and the teacher's guide is in English. (NCR)

 * Reproductions supplied by EDRS are the best that can be made *
 * from the original document. *

ED179075

entre dois mundos

vida quotidiana de crianças portuguesas na américa

"PERMISSION TO REPRODUCE THIS
MATERIAL HAS BEEN GRANTED BY

NADC

TO THE EDUCATIONAL RESOURCES
INFORMATION CENTER (ERIC)."

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH,
EDUCATION & WELFARE
NATIONAL INSTITUTE OF
EDUCATION

THIS DOCUMENT HAS BEEN REPRO-
DUCED EXACTLY AS RECEIVED FROM
THE PERSON OR ORGANIZATION ORIGIN-
ATING IT. POINTS OF VIEW OR OPINIONS
STATED DO NOT NECESSARILY REPRESENT
OFFICIAL NATIONAL INSTITUTE OF
EDUCATION POSITION OR POLICY.

FL010537

The activity which is the subject of this publication was supported in whole or part by the Office of Education, U.S. Department of Health, Education and Welfare. However, the opinions expressed herein do not necessarily reflect the position or policy of the Office of Education, and no official endorsement by the Office of Education should be inferred.

The National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Education is a special ESEA, Title VII project funded by the U.S. Office of Education through Lesley College, Cambridge, Mass. and the Fall River, Mass., Public School System.

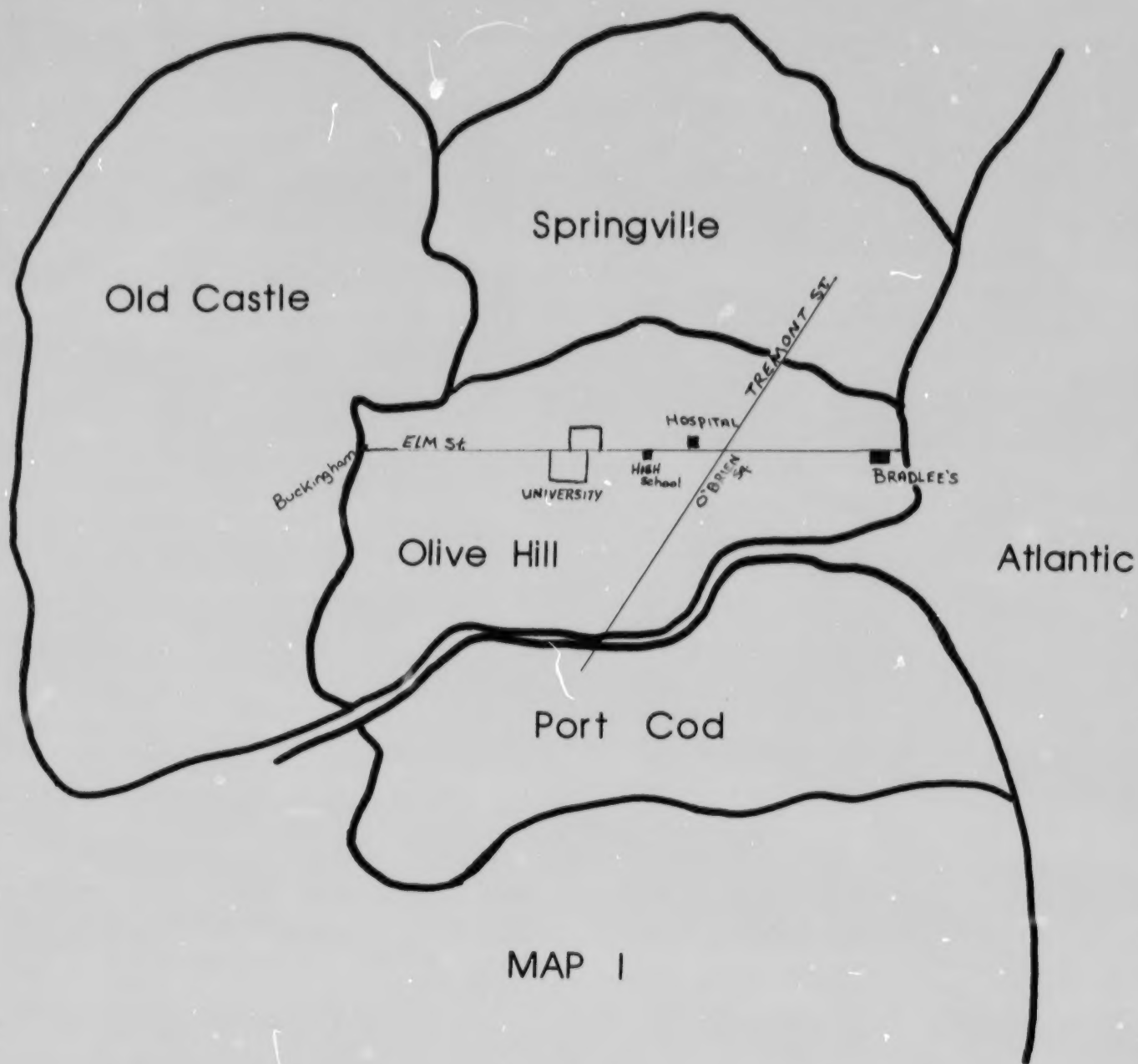
This publication was developed and printed with funds provided by Title VII of the Elementary and Secondary Education Act of 1965, as amended.

1977

National Assessment and Dissemination Center ESEA, Title VII — Assessment: Lesley College, 9 Mellen Street, Cambridge, Mass. 02138 — Dissemination: 385 High Street, Fall River, Mass. 02720 — National Materials Development Center for French and Portuguese, 168 South River Road, Bedford, New Hampshire, 03102.

entre dois mundos

histórias: FERNANDO de MENESES
ilustrações: MAGDALENA MACHADO



MAP I

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A FAMÍLIA

1. Patucho
2. Um aspecto de amor
3. Desculpe
4. Deixe os pequenos connosco
5. A senhora vestida de preto
6. Liberdade
7. Sensibilidades diferentes
8. Sem protecção
9. O diabo tece-as
10. Apaixonada
11. A marmelada
12. Estamos na América
13. Fartura
14. O que Deus dá

A ESCOLA

15. O leite
16. Os cravos
17. Rejeitados
18. A recepção
19. Dificuldades na leitura
20. Aldeia morta
21. Moirata
22. Nada que fazer
23. A bicicleta
24. *A frisa*
25. O gorila
26. A quadrilha
27. A guitarra
28. Cagarros
29. Bonito
30. Prefere viver

31. Tabu
32. Coisas de rapazes
33. O apertar do círculo
34. Eles põem-se a rir
35. Os óculos
36. Ambivalência
37. Coisas de mulheres

ENTRE A ESCOLA E O TRABALHO

38. Cheiro a maresia
39. Incorrigível
40. Entre dois mundos
41. Desperdício
42. Na garagem dos Medeiros
43. Ele agora só quer brincadeira

CONDENADOS

Condenado pelos médicos

44. A peça de museu
45. Lawrence Welk
46. Marmelada
47. O buraco
48. Os médicos é que sabem
49. Um resto de esperança
50. Sem palavras
51. A mão
52. Sonho desfeito

Condenado pelos professores

53. Culpar a vítima
54. Vida nova
55. Confiança

- 56. Beco sem saída
- 57. Solidão
- 58. Seres humanos
- 59. À espera da prova
- 60. Contente
- 61. Como fazer amigos

Condenado pelo patrão

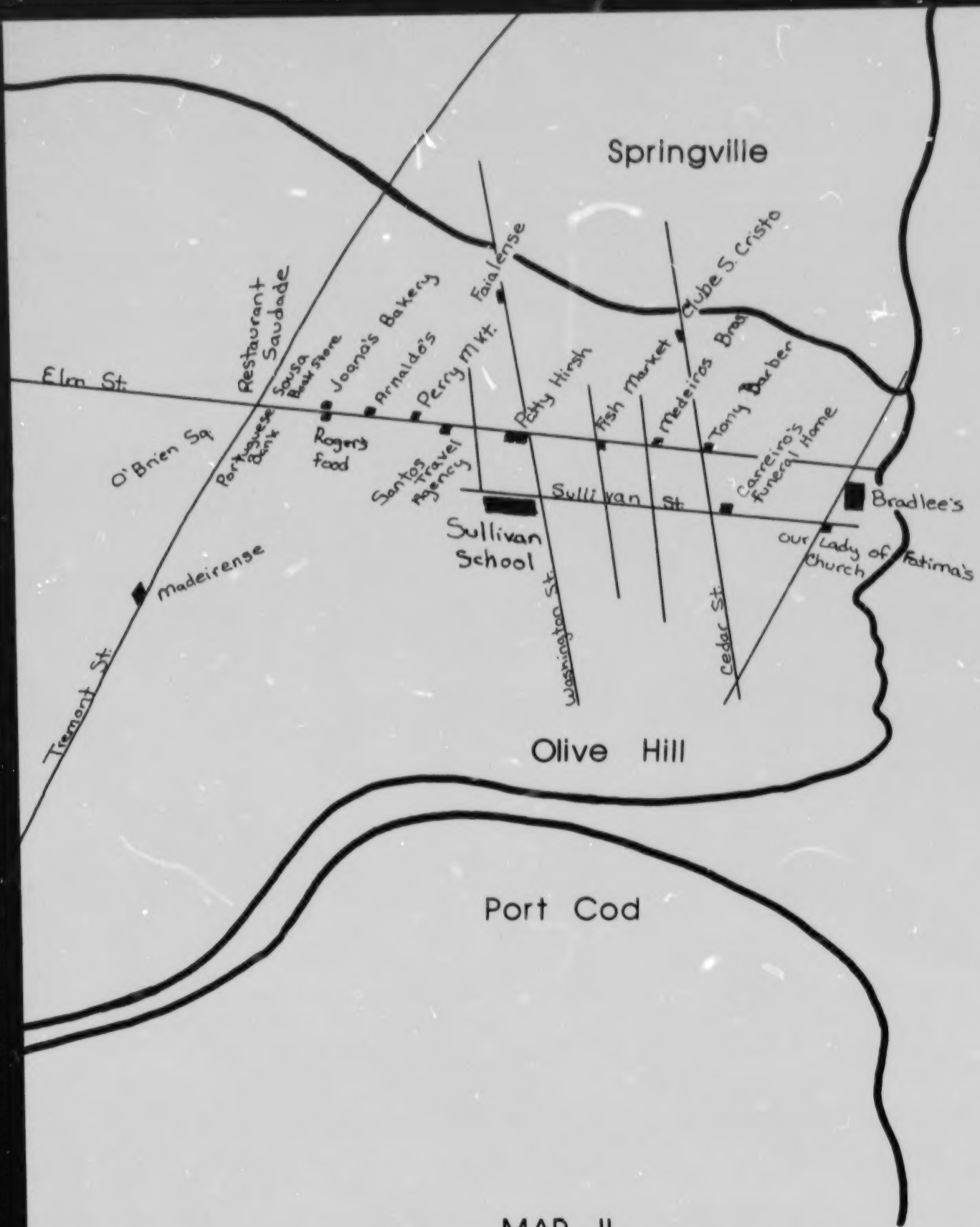
- 62. À rasca
- 63. A vida do mar
- 64. Ao bater da meia noite
- 65. O justo
- 66. Exploração
- 67. A gargalhada
- 68. O autocarro
- 69. Sonos trocados
- 70. O amendoim

Condenado pelos companheiros

- 71. Entre estranhos
- 72. As limpezas
- 73. O convite
- 74. O whiskey

À GUIA DE CONCLUSÃO

- 75. Andamento



MAP II

Dedico este livro

às crianças portuguesas
que, nesta terra estrangeira,
se sentem humilhadas e sem rumo;

às mães portuguesas
que têm de usar como intérpretes, no hospital,
os filhos de 10 anos;

aos pais portugueses
que perderam o emprego
por não terem língua para protestarem;

às professoras portuguesas
que beijam as crianças quando as vêm tristes,
dançam a chamarrita nos dias de festa,
e servem favas guisadas no *Thanksgiving*;

Aos meus pais
que tiveram 11 filhos,
agora dispersos por outras terras;

à minha mulher
que, ao chegar do trabalho, ouvia
com o coração nas mãos
as histórias do dia que eu lhe contava.

INTRODUÇÃO

Entre dois mundos. Entre o mundo agrícola, isolado, ao ar livre, e o mundo industrializado, cosmopolita e poluído; entre o mundo onde todos se respeitam e conhecem, e o mundo dos arranha-céus e das violências raciais; entre o mundo do futebol na rua, da espera dos barcos e das histórias à lareira, e o mundo do Rock 'n' Roll, da televisão e dos supermercados. Entre, muitas vezes, o mundo do trabalho à jorna, da casa de pedra sem chaminé e da bilha de barro, e o mundo do *social security*, do apartamento aquecido e do frigorífico.

A gente nova adapta-se depressa, dizem os que se ofuscam com as roupagens do novo mundo que, depois de um mês, observam nos filhos. Adaptam-se depressa, sim, mas à custa de muita vergonha, de muita confusão e de muitos valores perdidos.

Este livro conta a história de rapazes e raparigas que passaram para o novo mundo. Não é a história do triunfo ou da derrota: outros escreverão sobre esse tema. É a história da encruzilhada.

X X X

Olive Hill, onde a história se passa, pode ser uma das inúmeras cidades de Nova Inglaterra onde emigrantes portugueses têm afluído desde o princípio do século. Pode ser uma comunidade de *calafonas*, como os açorianos chamam aos que se fixaram na costa ocidental. Pode ser uma rua em Toronto ou em Montreal... É qualquer cidade neste mundo industrializado e saxão, onde emigrantes portugueses se esforçam por se adaptar a novo mundo, nova língua e nova cultura.

Como todas as cidades de cultura anglo-saxã, Olive Hill encontra-se bem diferenciada socio-economicamente. No Leste, perto da água, estão as fábricas, os imigrantes e os pobres. No Centro, a Universidade, os hospitais e as lojas caras. No Oeste, instalaram-se os professores, os médicos e os WASPS.

Quem quiser sentir bem esta progressiva diferença, percorra a Elm St., rua imensa que atravessa a cidade de ponta a ponta. Tome o autocarro junto de Bradlee's, e vá até à última estação do Oeste, a Buckingham Station. As casas do Leste, todas pegadas umas às outras, de duas ou três famílias, encontram-se em geral despintadas, sinal do senhorio ausente que só lá vai receber a renda. Quando estão pintadas é muitas vezes de verde claro ou de azul, prova do português com saudades das cores da terra. À medida que nos aproximamos do Centro, as casas começam a ter o seu jardimzito entre elas, e a estar pintadas de castanho, cinzento ou amarelo torrado. Quando passamos do Centro, descortinamos, encobertos pelas árvores, os grandes solares coloniais pintados de branco com persianas e telhados pretos.

Esta diferença dentro da cidade, prolonga-se fora dela. A Norte e a Sul de Olive Hill situam-se respectivamente Springville e Port Cod; a Oeste, estende-se Old Castle.

Springville é cidade modesta e pobre, mas ao longo dos anos foi-se protegendo da indústria, e sempre desconfiou das Universidades. É em geral o primeiro passo na ascensão económica do português e do italiano. Depois de mourejarem em Olive Hill por dois ou três anos, os mais ambiciosos compram casa em Springville.

Port Cod é o centro industrial. Não há portugueses nesta cidade. Talvez porque o lugar já fora ocupado pelo preto e pelo portoriquenho.

Quem passa para Old Castle respira fundo: grandes campos de golf, lago com praia privativa, solares coloniais rodeados de carvalhos, jardins, relva, estradas bem calcetadas. Aqui vivem os que possuem as fábricas do Leste de Olive Hill, os advogados que tomam o avião todos os dias para Washington e os banqueiros de Port Cod.

Mas concentremo-nos no Leste de Olive Hill, que é onde a acção se passa. A Tremont Street cruza a Elm Street em ângulo, formando a O'Brien Square. Esta é, por assim dizer, a fronteira do Leste de Olive Hill. Para lá da O'Brien, fica a Universidade, o Liceu e o Hospital. Para cá da O'Brien, isto é, em direcção ao Leste, moram os imigrantes com as suas lojas e boticas.

A livraria do Sr. Sousa, o Banco Português e o Restaurante Saudade, ainda se encontram, aristocraticamente, na praça. Continuando para Leste, vemos, primeiro, o Roger Food, a "estoa do Sr. Arnaldo", o Perry Market e o Santos Travel Agency. Exactamente a meio, entre a O'Brien e o Bradlee's, bem isolada para realçar a sua função de marco, depa-ramos com a casa de mobílias Patty Hirsh. Para lá da Patty Hirsh, encontra-se a peixaria da tia Joana, a garagem dos Medeiros Brothers e o Tony Barber.

A Sullivan School, escola dos "porugee", foi reconstruída recentemente mesmo por detrás da Patty Hirsh, rodeada do imenso campo de jogos, delícia e terror das crianças portuguesas.

A Igreja de Nossa Senhora de Fátima situa-se mesmo ao lado do Bradlee's, ao pé das casas mais pobres e dos imigrantes mais recentes.

Junto da Igreja, fundada pelo P. Daniel mais um grupo de estudantes universitários, encontra-se a PIRC (Portuguese Information and Referral Center). É lá que os recém-chegados vão buscar ajuda para arranjam emprego ou casa, para traduzirem a carta do hospital, ou escreverem a queixa ao senhorio.

Os clubes, esses, preferiram as perpendiculares à Elm St. O Faialense foi-se instalar na Washington St., que cruza a Elm St. mesmo por detrás da Putty Hirsh. O Clube Sto. Cristo também quis atrair os de Springville, e portanto, foi buscar instalações na Cedar St., juntinho da cidade vizinha. O Madeirense está mais afastado. Alugou casa na Tremont St., como quem perdeu a esperança de ser reconhecido "um de nós".

X X X

Antigamente, quando as crianças estrangeiras chegavam à América, mandavam-nas logo para a escola regular de língua inglesa. Para ali estavam elas, sentadas no banco de trás, caladas e envergonhadas. "Respirando, aprenderão inglês", racionalizavam os professores. Muitas vezes punham-nas em classes de pequenos muito mais novos, como se nunca tivessem passado de ano (para muitos Directores, não saber falar inglês equivalia a não saber nada, era como não saber falar). Outras vezes mandavam-nas para "classes especiais" com os *atrasadinhos* e os *maluquinhos* (para muitos psicólogos, não saber falar inglês e vir lá do Nordeste de S. Miguel era como ser atrasado mental e não "ter memória").

Os sistemas escolares mais avançados começaram então a organizar classes de ESL (English as a Second Language). Misturavam-se todos os estrangeiros numa aula, sem diferença de idade nem de língua, e matracavam todo o dia com o "this is a pencil", "this is a pen". Esqueceram-se, no entanto, que os pequenos portugueses eram crianças que também tinham curiosidade em aprender coisas; que, no fundo, também gostavam de saber donde é que vinha a chuva, o que eram as estrelas, porque é que o Sol aquecia e porque é que só na água é que havia peixes. Os educadores repararam que o adolescente português também tinha vergonha de se sentar com os mais novos na mesma aula, que já queria fumar o seu cigarrito às escondidas, ou falar das garotas com a "malta". Ao fim dum ano destas classes, mandavam os alunos para as classes regulares; ficavam então muito admirados de os pequenos, depois dum ano inteiro, ainda não saberem falar bem, não saberem fazer contas e não saberem o significado de palavras "que toda a gente percebe"; escandalizavam-se de verem rapazes e raparigas de 16 anos a saírem da escola para a fábrica, fartos de vergonha e solidão.

Em 1972, o Estado de Massachusetts publicou a Lei dos Programas Bilingues. Segundo esta lei, os sistemas escolares de cidades onde haja mais de 20 alunos de determinado grupo linguístico, têm de organizar o programa bilingue. Nestes programas, que duram três anos, o aluno, enquanto aprende inglês, tem também aulas sobre as várias disciplinas na sua própria língua. Só ao fim de três anos é que muda para o programa regular, mas então já sabe inglês, já se situa neste país, já tem amigos americanos e não perdeu ano nenhum. Sobretudo passa a maior parte do dia com a professora da própria terra, que o

percebe, o protege dos preconceitos dos outros professores, que fala com os pais e organiza chamarritas.

Durante muito tempo, os alunos portugueses, por serem diferentes, eram muitas vezes tratados como se fossem atrasados, e enviados para "classes especiais". Mas outras vezes, aqueles que eram mesmo atrasados, ou que tinham problemas emocionais, ou que lutavam com dificuldades de percepção, esses continuavam esquecidos nas suas classes a crescerem em vergonha, frustração e impotência. Felizmente, a situação mudou nestes últimos dois anos. O Programa Bilingue de Olive Hill já tem, desde o ano passado, uma equipa de especialistas bilingues para avaliar e tratar das crianças portuguesas que têm dificuldades especiais. A equipa é constituída pelo psicólogo, o conselheiro terapêutico e o especialista de dificuldades de aprendizagem. O psicólogo examina sobretudo a capacidade intelectual do aluno e a sua maneira de aprender. O especialista de dificuldades de aprendizagem apura os problemas que o aluno encontra na comunicação, e dá depois explicações individuais aos que precisam. O conselheiro terapêutico avalia a adaptação social do aluno. Para este fim, tem de visitar a família, e fazer um relatório sobre o desenvolvimento infantil do pequeno e sobre a dinâmica familiar que possam explicar as dificuldades por que ele está a passar. Depois do aluno ser avaliado, se se verificou que ele tem dificuldades emocionais, cabe ao conselheiro organizar um programa terapêutico para resolver essas dificuldades.

Eu era o conselheiro terapêutico do Programa Bilingue de Olive Hill.

X X X

As histórias deste livro são independentes umas das outras, pois cada uma sugere um ponto a meditar ou um símbolo a viver. No entanto, certas histórias referem-se ao mesmo personagem, e algumas continuam o tema de outras. Daí a divisão em capítulos.

No primeiro capítulo, A Família, observamos os pais e mães dos nossos alunos no seu mundo de solidão e de vergonha, de coragem e de nobreza.

No segundo capítulo, saímos com os nossos rapazes e raparigas para a escola; vemo-los a serem discriminados, a andarem de bicicleta pela primeira vez, a aprenderem a tocar guitarra e a odiarem a ginástica. Vemo-los ainda com as ideias que trouxeram da terra, a lutarem agora com as necessidades novas que aqui surgiram.

O terceiro capítulo reúne as histórias dos que querem sair da escola para começarem a trabalhar. Uns são chamados pelo mar (histórias 38), outros pelo casamento (39). Os pais da Assunção não a querem na escola para que não namore (40), o pai do Manuel

precisa de trabalho do filho para sobreviver (41). O Zé Freitas perdeu a matrícula (42), o Hermínio não é responsável, e deixa o trabalho todo para a irmã (43).

Condenados, é o título do quarto capítulo. Condenados pelos médicos (44-52), pelos professores (53-61), pelo patrão (62-70), pelo companheiros (71-74). Condenados que, esperamos, sejam salvos por aqueles mesmos que os condenam.

Frases e expressões em itálico referem-se sempre a modos de falar que se desviam do português oficial. Umas vezes são variantes dialectais dos Açores ou de Trás-os-Montes, outras vezes são essa mistura de inglês e português, típica da comunidade emigrante que tem mais que fazer do que se preocupar pela pureza da língua. Os nossos emigrantes já vivem cheios de vergonha, por não falarem bem o inglês. Que não tenham que se envergonhar, por não falarem bem o português de Coimbra ou de Lisboa.

PRECAUÇÃO

Que o amigo que ler este livro tenha bem presente esta verdade:

Há portugueses pobres e portugueses ricos,
portugueses que não sabem ler e portugueses de cultura,
portugueses exploradores e portugueses explorados,
portugueses cuja vida na América é uma miséria e portugueses que só
na América encontraram dignidade.

Há americanos obtusos e americanos compreensivos,
americanos que exploram o português e americanos que o ajudam,
americanos que odeiam o português e americanos que o admiram,
americanos estúpidos e americanos inteligentes.

Não concluam, portanto, o que são os portugueses e o que são os americanos.
Falem-me do João e da Teresa, da Susan e da Mary.

1. PATUCHO

De todos os pontos de referência na Elm St. que me têm dado, o mais frequente é, sem dúvida, o *Patucho*. Parece que tudo na Elm St. fica ou depois ou ao lado ou antes do *Patucho*.

E no entanto, de tantas vezes que passo na Elm St., nunca vi nenhum *Patucho*. Será uma loja? Será a casa de algum italiano bem ou mal feitor da região? Nunca me resolvi a perguntar o que fosse ou onde ficasse, com medo de me parecer com o turista que pergunta, no adro, onde fica a Igreja.

Hoje, ia a passar de carro com um amigo que me queria explicar onde ficava a peixaria portuguesa.

É ali mesmo ao lado do *Patucho*, e com gesto evidente, aponta para a famosa loja.

Era uma loja de mobílias, bem isolada das outras casas, com o grande título de letras pretas: PATTY HIRSH.





2. UM ASPPECTO DE AMOR

Telefonei para a mãe da Luísa, para marcarmos um encontro. A filha andava inquieta, sempre a chorar e sòzinha.

-Onde é que fica a sua casa, minha senhora?

-Fica mesmo ao lado da casa castanha.

-Mas em que rua?

-É antes do *Patucho*! Perto do barbeiro português.

Caindo na conta que, sem o nome da rua, eu não podia encontrar a casa, desfez-se em desculpas: que estava na América há muito pouco tempo, que não sabia falar americano, o Sr. Professor que desculpasse...

Lá consegui chegar. Era um terceiro andar de escadas a gingarem e de tinta a desfazer-se. Mas, dentro, tudo cheirava a alface e a laranja. Chão bem encerado, paredes pintadas de fresco e a sala-museu (a *parla*) de boneca sentada no sofá e candeeiro aos berloques.

Perguntei-lhe como é que tinha nascido a Luísa, com que idade começara a andar, que doenças apanhara. A tudo me ia respondendo, envergonhada, que não se lembrava muito bem. Enfim, não tinha muitos estudos, não sabia ler e, além disso, tinha sempre muitas dores de cabeça. Até se estava a tratar...

Então, como eu olhasse para ela com simpatia e com respeito, baixou os olhos, e disse como num suspiro:

-O meu marido tem um semblante indiferente para mim. O aspecto dele não é de amor.

Continuou a falar, nervosa e atrapalhada. Eu já nada ouvia. Contemplava esta senhora, perdida na América, sem saber o nome da própria rua, sem língua nem amigos, a endoidecer por falta de um aspecto de amor.



3. DESCULPE

Maria Teresa faltava muitas vezes à escola, e tinha uma infecção no ouvido. Lá fui, portanto, visitar a família.

A entrada dava para a cozinha. Uma senhora velhinha estava sentada à mesa, a dar de comer a uma pequena, e a mandar calar dois terroristas que saltavam por todo o lado.

Depois das apresentações, pedi para nos mudarmos para a *parla*, pois, com os pequenos presentes, não poderíamos nem sequer falar. A casa era pobre e escura. Paredes cheias de buracos, tinta a cair, chão a gingar. Os terroristas claro que nos seguiram, e tive que me resignar à baibúrdia que levantavam. A *parla* era um cochincho com o tapete esburacado e o sofá de molas arreventadas.

A senhora velhinha não era a avó dos pequenos, não senhor. Pois se só tinha 40 anos! Era a mãe deles. Tinha três ainda em casa, mais cinco na escola. Estava agora à espera que eles chegassem para poder ir trabalhar para o *shop*.

-Custam muito a criar - concluiu a Sra. Estefânia. -O meu marido não ajuda. Anda-me sempre bêbado.

Quando acabei a entrevista, sentia o coração pesado de ver tanto sofrimento e tanta paciência. No aperto de mão que lhe dei à saída, queria exprimir todo o respeito e admiração que me enchiam.

A Sra. Estefânia, de olhos no chão e voz submissa, disse-me então:

-O Senhor desculpe, sim?

4. DEIXE OS PEQUENOS COM A GENTE

A Luísa era o modelo de menina bem comportada e tímida. Muito séria, olhava para mim, aflita e travada. Tinha 10 anos, e ainda não sabia ler nem escrever. Falava pouco, não brincava e estava triste.

Decidi ir falar com os pais. Como não tinham telefone, tive que os visitar sem me anunciar.

Entrei para a cozinha daquele andar pobre e barulhento. Quando dei por mim, estava sentado à mesa com o pai, a mãe e os 5 filhos, à roda, todos em silêncio, esperando que eu anunciasse à família o motivo da minha presença. A pequena mais velha tinha 13 anos, e o mais novo 7. Mas todos estavam interessados, todos se sentiam envolvidos no que a visita tinha a dizer.

A súbita tentação me passou de aceitar aquela mesa redonda, de não perturbar a coesão da família que enfrentava, assim em grupo, o mundo exterior. Mas tive medo de envergonhar a Luísa, já tão tímida, e de atrapalhar a mãe diante dos filhos com as minhas perguntas sobre a gestação e parto da pequena.

Olhei para o grupo, e pedi se os filhos podiam ir brincar lá para dentro. Ouviu-se um suspiro desiludido e triste, e lá se foram os pequenos. Mas, à medida que os filhos saíam, aumentava o terror nos olhos dos pais. Quando a porta se fechou, a mãe, de mãos cruzadas em oração, perguntou ansiosa:

-Mas morreu alguém, Senhor?

X X X

Tranquilei então os pais como pude: Que vinha simplesmente falar com eles sobre a Luísa; que não acontecera nada de grave, estivessem descansados. Respiraram fundo, sentaram-se à mesa e puseram-se a contar:

Desde os quatro anos que a Luísa tinha tido dificuldade com os intestinos. Fora operada lá na terra, mas parece que a operação fora mal feita. De novo a operaram aqui na América, e agora felizmente estava bem. Sim aprendia pouco, era acanhada e triste, mas... Fora tudo por causa do cheiro! - declaram com a naturalidade de quem acerta no diagnóstico.

X X X

Eu, claro, reconstruí rapidamente todo o drama interior da pequena. Como o problema tinha sido de intestinos, deveria ter cheirado mal, os outros pequenos teriam feito pouco dela, e ela ter-se-ia encolhido na sua concha.

-Ah! Sim, ela também tinha desse cheiro - concordaram os pais.

-Mas não era desse cheiro que estavam a falar?

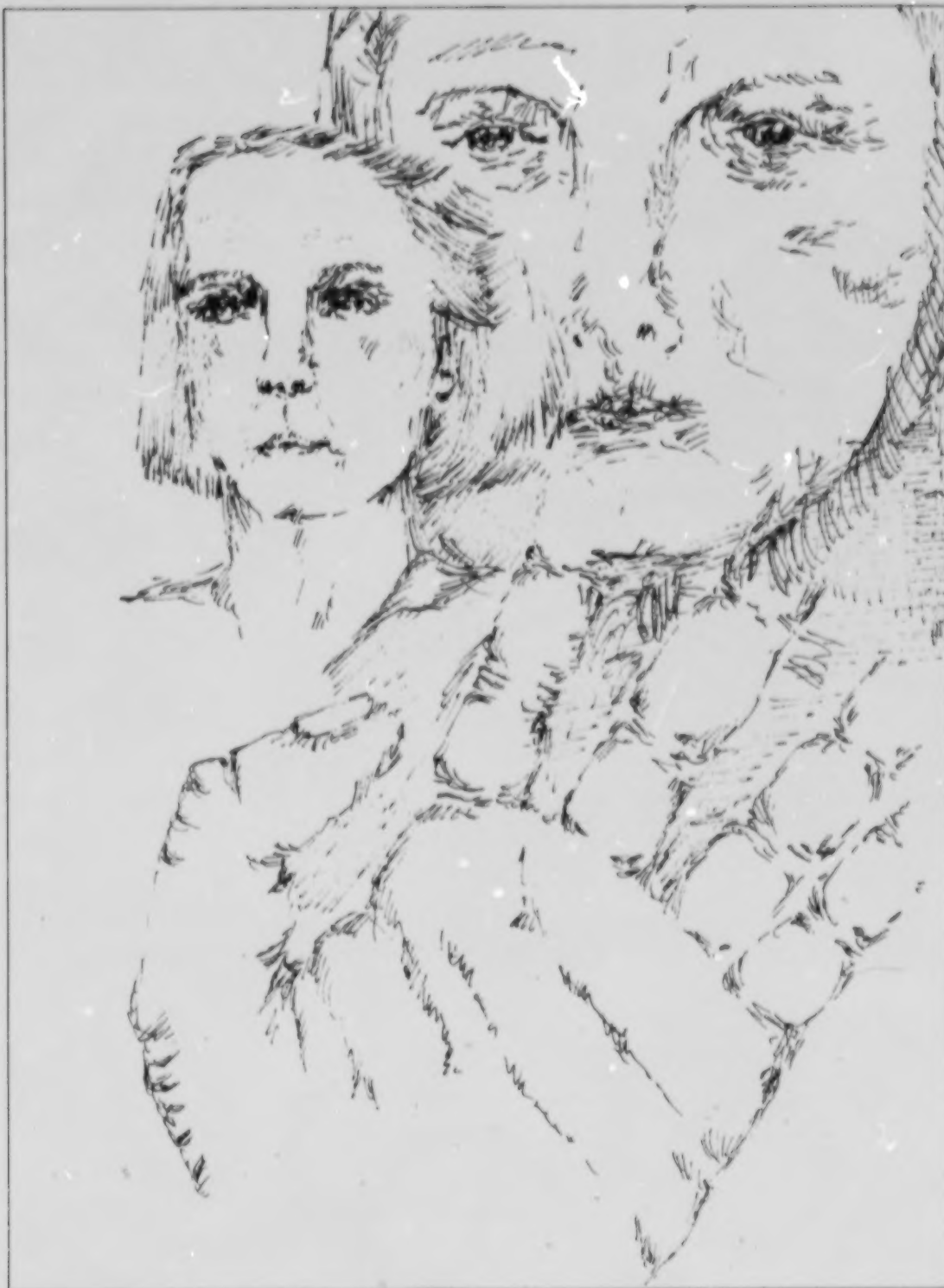
-Não, era do outro, o da operação. Eles agora já não fazem isso, mas dantes punham uma coisa no nariz.

X X X

Quando me ia a despedir, já na porta, a mãe interrompeu, atrapalhada, esfregando o avental nas mãos:

-O Senhor, para a próxima vez, pode deixar os pequenos com a gente. Sempre ficamos mais descansados.





5. A SENHORA VESTIDA DE PRETO

A senhora toda vestida de preto chega ao escritório da Sullivan School. Lenço preto na cabeça, saco preto na mão, meias pretas.

Envergonhada, diz qualquer coisa à secretária num inglês sumido e atrapalhado. Consigo perceber o nome de Susana.

A secretária, condescendente e sorrindo, antes mesmo da senhora de preto acabar de falar, é que percebera tudo:

-Já sei - diz ela conivente para comigo. - Deve querer que a filha *Susan* a acompanhe ao hospital.

Desconfiado de que a secretária pudesse ter percebido tanto, pergunto em português à senhora vestida de preto:

-Quer que traduza alguma coisa?

-Só queria que a minha Susana me desse a chave de casa. Vim mais cedo do trabalho.

X X X

Enquanto esperávamos pela Susana, a mãe explicou-me que a *bossa* a mandara mais cedo para casa. Trabalhava na fábrica de sapatos, mas hoje faltara o coiro. E mostrou-me as mãos, para que eu visse a ligação lógica entre os sapatos, o coiro e aquelas mãos cheias de calos, atravessadas de chicotadas de sangue.

-A minha Susana é que não vai ficar contente de me ver aqui - murmurou a senhora de preto, humilde. - Ela não gosta que eu venha à escola.

X X X

A Susana chega, moça dos seus catorze anos já arrebitados. Depois de dar a chave à mãe, despede-se à pressa, como quem quer fugir do pobre que pede esmola.

Mas eu, distraído, interrompo:

-Afinal, tu és Susan ou Susana?

A senhora de lenço preto, com ar de quem sabe, é quem responde: que em casa é Susana, mas com os americanos, é Susan.

-Não deixes que te troquem o nome, filha - digo eu moralizando.

-Eu prefiro inglês - afirma solenemente a Susan. E vai-se embora, como quem deixa o próprio país.

6. LIBERDADE

O sr. Bento é minhoto. Veio lá das Terras do Bouro, essa região entre o Homem e o Cávado cheia de mosteiros românticos e solares medievais. A serra do Gerês passa mesmo ao lado. Ali construiu o Estado Novo a barragem da Caniçada, enchendo aqueles vales de lagos imensos onde a canalha toma banho e os senhores engenheiros fazem ski.

O Sr. Bento tem os seus 40 anos, com dois filhos na escola e longa experiência de emigrante. Fora primeiro para França tentar a sorte. A família ficara atrás, a tratar da latada e das coíves. Nos dois anos que lá estivera, conseguira pôr uns patacos de lado, de modo que, quando lhe chegou a vez, tinha o suficiente para vir para a América.

Agora, por aqui andava ele na Elm St. com a sua *station wagon*, próspero e bem instalado. Depois de me contar estas andanças, concluiu com ar animado:

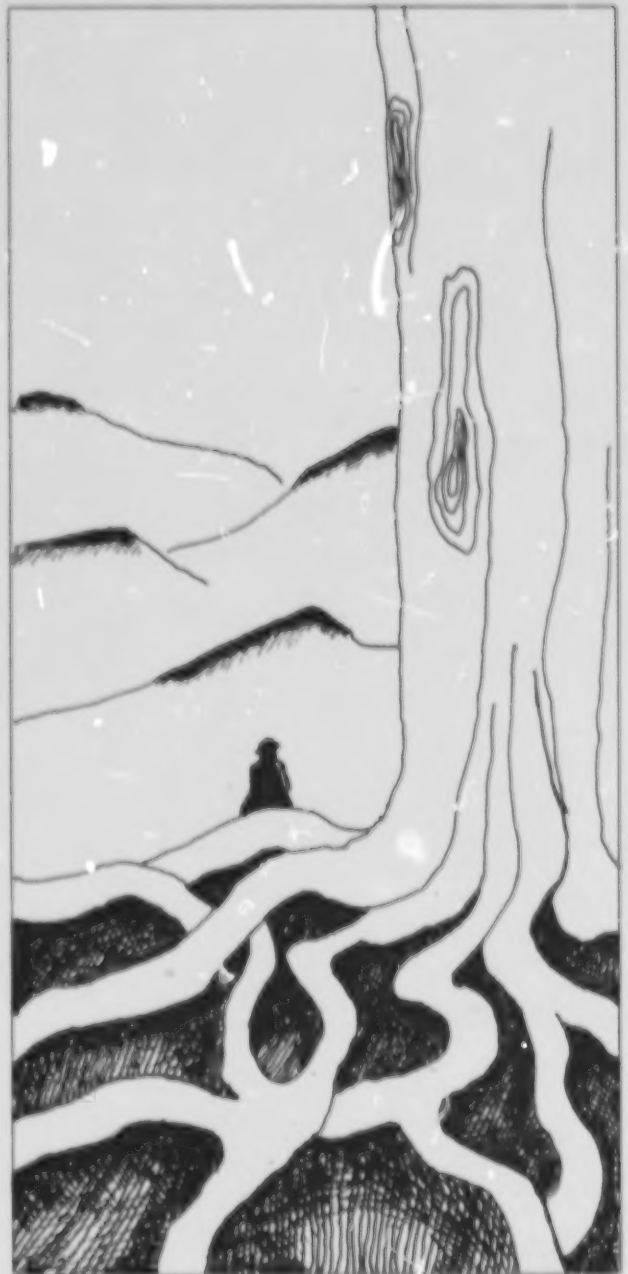
-Mas isto é por pouco! Não tarda nada volto para a terra.

-Vai lá passar o verão? perguntei eu, distraído.

-Qual! Volto para lá viver! Para que é que eu tenho estado a trabalhar?

-Mas então, agora que está aqui tão bem instalado, vai mudar outra vez?

-Ah, Sr. Meneses - responde-me ele com saudade - aquilo lá é outra liberdade! Não serve para fazer dinheiro, mas, para quem tem alguma coisa, aquilo sim que é vida.



Despedi-me do Sr. Bento e vim para a casa. No caminho, aquela palavra "Liberdade" não deixava de me ressoar nos ouvidos. Não, não era liberdade política que o Sr. Bento buscava. Saíra de lá ainda em tempo de Salazar, quando as pessoas se preocupavam com tudo menos com a política. Não era liberdade económica, como a entendem os marxistas. Dessa, só depois do 25 de Abril é que se fala. Era a liberdade mais radical de quem sai de casa e vê os campos em que nasceu; de quem vai à botica e sabe a língua do botiqueiro; de quem se sente à vontade no meio dos vizinhos, sem medo de ser apontado como ser estranho e diferente.

Há 15 anos que o Sr. Bento trabalha para poder vir a ser livre com dignidade. O trabalho é aqui, mas a dignidade só pode ser na terra. O pior são os filhos que, quando forem para as Terras do Bouro, hão-de suspirar pelo parque da Sullivan School e as *estoas* da Elm St.



7. SENSIBILIDADES DIFERENTES

Um rapaz apanhou-me no corredor do Liceu, e disse-me que, no escritório, andavam à minha procura; que fosse depressa, porque era urgente. Corri para o escritório, cheio de pressentimentos e ansiedades. Como a minha mulher estava à espera de bebé, já pensava que alguma coisa lhe acontecera, que o bebé nasceria antes de tempo, ou que ela tivera algum desastre.

Quando cheguei, a secretária insistiu, preocupada, que eu telefonasse imediatamente para determinado número. De novo, era urgente.

Que ainda bem que eu tinha telefonado logo, respondeu-me a senhora do outro lado. Ela era a professora que ensinava em casa dos alunos que, por doença, não podiam vir à escola. Acabava de chegar da casa dos Almeidas, na Sullivan St.; eu conhecia-os? Pois bem, continuava ela indignada, nessa casa havia baratas! Tivera que ensinar na cozinha, e vira-as por todos os lados! Dizia-se que eles também tinham piolhos! Não, ela não os vira, não tinha ousado olhar para as cabeças, mas era o que se dizia.

Respirei fundo. Mas à medida que a preocupação pela minha mulher se desanuvava, crescia em mim a indignação contra a professora. A Aurora Almeida tem 10 irmãos, e vive numa pobre casa da Sullivan St. Os pais trabalhavam no campo lá em S. Miguel, e ela também já tinha começado a trabalhar antes de vir para a América. Como ainda não tinha 16 anos, por aqui andava no Liceu, faltando a metade das aulas e aborrecendo-se na outra metade.

-Senhor, a gente *semos* pobres! - dizia-me ele um dia. - Eu não tenho memória para os estudos!

Mas eu sabia que a Aurora tinha *memória*. O que ela precisava era de uma explicadora que pudesse ensiná-la individualmente, começando pelo princípio. Fez, há uma semana, uma operação às pernas, e terá que andar de muletas pelo menos durante um mês; seria a ocasião ideal para ter a tal explicadora em casa.

-O que é que tencionas fazer? - perguntei à professora.

-Não quero entrar mais naquela casa. Não é saudável! A minha ideia é que ela venha a uma escola mais perto de casa, e encontramo-nos assim em terreno neutro.

-Mas a Aurora está de muletas! - exclamei eu sem poder acreditar.

-Pois, então, a escola que pague um táxi para a vir trazer e levar todos os dias.

Fui visitar os Almeidas. A mãe estava na cozinha, com duas crianças sentadas no chão que mal se viam entre os lençóis estendidos.

Perguntei pela Aurora. No meio da conversa, como quem não quer a coisa, meti o assunto das baratas. Que sim, que tinham muitas baratas. O senhorio até lhes tinha dado um *spray* para pôr à noite, mas aquilo não fazia nada. Era a *cela* que estava infestada. Enquanto a *cela* não fosse limpa, não haveria nada a fazer.

Informei que ela se podia queixar ao *Board of Health*. O *Board of Health* mandaria um inspector, e obrigaria o senhorio a tomar medidas. E que não tivessem medo das consequências, pois havia uma lei em Massachusetts que defendia os inquilinos.

A mãe então, com cara de piedade e suspiro longo de paciência, respondeu-me:

-Mas, Senhor, a gente não *querem* fazer mal a ninguém! O senhorio tem sido bom. Quando às vezes a gente se *descuidem* uns dias na renda, ele nunca nos diz nada!

Há 5 anos que os Almeidas moram naquela casa infestada de baratas.

P.S. A Aurora nunca mais teve lições em casa, e nunca mais foi à escola.

8. SEM PROTECÇÃO

Washington St. cruza a Elm St. mesmo depois do *Patucho*. Fui lá, ontem à noite, visitar a família do Ernesto Domingues. Como não têm telefone, não me pude anunciar.

Era um edifício de três andares, pintado de castanho e de sujidade. A porta do prédio estava aberta e dava para a entrada escura e sem janelas. Em frente, via-se a escadaria e, dos lados, as portas para os dois apartamentos do rés-do-chão. Bati à do apartamento da esquerda. De dentro perguntaram quem era, com voz aflita e irritada.

Entrei. Os pequenos, seis crianças, estavam na sala a ver TV com a mãe. O pai ainda não chegara do trabalho.

A gente *estavam* todos com medo - disse a mãe, já aliviada.

A Sra. Maria Arlinda tem seis filhos, mas conserva a pele fresca e os olhos vivos de quem trabalha com saúde, se ri com vontade e gosta da vida. Estava habituada ao campo lá em S. Miguel, dizia-me ela, e ainda estranhava muito a América. Aqui andava sempre cheia de medo. Ainda esta manhã tinha tido que limpar a entrada, que estava cheia de vomitado. Os homens saíam daquele *barrum* ali ao lado, e vinham para ali dormir, a cair de bêbados. De manhã estava tudo sujo.

-Mas então não podem fechar a porta? perguntei eu.

Que não, suspirou a Sra. Arlinda. Primeiro, porque o fecho estava estragado; e isso ainda era o menos, pois o seu homem o arranjará. O pior era que, dos outros andares, todos queriam a porta aberta, para não terem que descer as escadas sempre que batessem.

-Mas não podem ao menos chamar a polícia? - insisti.

-A gente não *sabem* falar inglês...



9. O DIABO TECE-AS

Tínhamos uma reunião marcada na escola, para decidir do futuro do Serafim. Como a mãe não tinha telefone, fui lá a casa para a convidar a assistir. Era a quinta vez que eu falava com esta senhora de 60 anos bem sofridos. Depois de lhe explicar para o que era a reunião, falou-me dos outros filhos, dos netos que ainda tinha em Portugal e da fraqueza no coração que às vezes lhe dava.

Ao despedir-me, disse-lhe, quase como que de passagem, que a viria buscar de carro para a levar ao liceu. A reunião seria às 11 horas do dia seguinte.

Às 10 e 30, lá estava eu a bater à porta. Entrei para a cozinha, e reparei logo na malga cheia de chá em cima da mesa. Não, ela ainda não tinha tomado o chá da manhã. Estivera a lavar a roupa, e, como acontecia sempre que fazia um trabalho mais forte, sentira-se mal e tivera que se deitar.

Sentei-me e pedi se aquecia um pouco de chá também para mim. Assim beberíamos os dois. Que ela não se afligisse, pois os professores podiam esperar.

Foi então que, envergonhada, me confessou que realmente não tinha dormido nada nessa noite:

-Só a pensar que o Senhor me vinha cá buscar, enchia-me de medo. Eu até disse à minha irmã: "eu sei lá se aquele senhor me leva para a escola..."

-Então a Senhora ainda não tem confiança em mim? - respondi eu, meio divertido.

-Tenho, sim. O Senhor só quer bem. Mas a gente *sabem* lá. Às vezes o diabo tece-as. A gente *vêm* para aí na *televeijon* homens a atacar mulheres e levá-las para sítios... Por isso é que eu disse ao meu Serafim para ele vir comigo. Mas ele respondeu-me: "a minha mãe está sonhando!" Ah! Senhor, lá em Portugal vivia sem marido, mas nunca tive de fechar a porta de casa. Aqui vivo cheinha de medo.

10. APAIXONADA

A Sra. Margarida dos Santos tem um filho *atrasadinho*:

-Não tem a memória toda, Senhor.

Além de ataques epilépticos, este pequeno de oito anos mal fala, veste-se muito a custo e usa fraldas na escola devido à falta de reflexos e controles.

Mas aquela mãe de 11 filhos, com o marido em casa cheio de bronquite, a viver num andar podre e de aquecimento estragado, ainda encontra recursos íntimos para olhar de frente para quem quer que seja, dar um aperto de mão forte e vivo, e rir-se com franqueza.

Fui ontem ao hospital com o filho. O médico ficou admirado de o Floreano ainda usar fraldas, e de não se conseguir vestir por si mesmo. Que a culpa era da mãe, que o mimava demasiado, que o abebezava, que o não sabia ensinar.

-Sr. Fernando, vim do hospital toda apaixonada - contou-me a Sra. Margarida. -Se mandava o Floreano com fraldas para a escola, era para não incomodar a Sra. Professora, que, aqui em casa, já o meu filho não usa fraldas há muito tempo.

A Sra. Margarida é pobre e não sabe ler. Mas a sua delicadeza é como o fio da navalha antiga e nobre que se foi partir na rocha tosca e boçal.



11. A MARMELADA

* Todas as línguas cometem, de vez em quando, o seu pecado contra a lógica. Mas a língua inglesa parece reincidir com mais frequência. De tão habituados, já nem damos conta de absurdos correntes como *plastic silver*, *indian china*, ou *orange marmelade*.

Orange marmelade fazia-me espécie, quando era pequeno. Marmelada de laranja! Marmelada, só pode ser de marmelo! Mas não, em inglês é diferente. Eu detestava *orange marmelade*, como todas as crianças, penso. Mas a gente crescida apreciava-a muito. Nos bons hotéis de Portugal, feitos para o turista inglês, serviam-na sempre ao pequeno almoço. Faz muito bem aos intestinos, dizia a sabedoria britânica, sempre preocupada com a tradicional prisão de ventre dos seus súbditos.

Mas a verdadeira marmelada, a de marmelo, (de que outra coisa poderia ser?) essa, é a delícia das crianças portuguesas. Até agora já se vende no Stop and Shop de Olive Hill, enlatada pelo Fernandes. Também se dava aos doentes, lá em Portugal: era o melhor remédio para quem estava mal da barriga, de diarreia.

O filho da Sra. Margarida dos Santos teve mais um ataque epiléptico. Acompanhei-o hoje ao hospital mais a mãe. Não são tanto os ataques do filho o que preocupa a Sra. Margarida. É certo que eles são um tormento para toda a família, mas enfim, é coisa que passa, e que só dá de vez em quando. O pior é essa prisão de ventre constante que traz o filho mal disposto, caprichoso e enjoado.

O médico perguntou o que é que o Floreano comia. Que comia fruta, respondeu a Sra. Margarida, bebia muito sumo e gostava muito de sopa de legumes (o nosso caldo verde, sabe o senhor?). Doces? Sim, que gostava muito de marmelada.

-Isso é muito bom - concluiu o médico seguro. - Dê-lhe todos os dias marmelada ao pequeno almoço.

-Nunca mais dê marmelada ao seu filho - traduzi eu para português.

12. ESTAMOS NA AMÉRICA

Passando hoje pela Cedar St., decidi parar e visitar a Sra. Margarida dos Santos. Faz-me sempre bem vêr esta senhora em actividade, com os seus 11 filhos, o marido inválido e o filho *atrasado*. Subi pelas traseiras, e bati directamente à porta da cozinha, pois não há campainha na porta principal.

A Ana, de três anos, foi quem abriu a porta e gritou, para todos, que estava ali o Sr. Meneses. Em pé, diante da mesa, encontrava-se a Sra. Margarida, de grande lenço branco à volta da cabeça, com as mãos imersas no alguidar, a amassar farinha.

-É para o pão - disse-me ela a rir. - O meu homem só quer do pão que eu faço.

Ao lado da mãe estava o Adriano, rapagão dos seus 12 anos, que lavava tripas de vaca na bacia de plástico.

-Então hoje não foste à escola, meu malandrão - atirei eu, meio a rir.

-O Sr. Meneses que desculpe - explicou a mãe atrapalhada - mas ontem matámos a vaca, e portanto, é preciso lavar-lhe as tripas, senão estraga-se.

Eu olhava para todos os lados, a ver aonde é que, naquele segundo andar, se poderia ter matado a vaca; mas a Sra. Margarida acrescentou logo:

-Não, não foi aqui, credo! Fomos ontem a New Bedford, à quinta do Zé da Amália. A gente vamos lá umas três vezes por ano. Ele mata-nos a vaca ali mesmo, a gente lavamos o essencial, esquartejamos a rês, e trazemos tudo para casa na mala do carro. Sempre nos fica mais barato. Como não temos *cela*, pomos tudo no quarto do Antoninho que durante umas semanas, vai dormir com o Afonso. O Sr. Meneses quer ver?

Eu não quis ver, obrigado. Pretextando que estava com pressa, disse que só queria dizer adeus ao Sr. Santos, e que me tinha de ir embora.

Que o Sr. Santos estava na *parla*, respondeu-me a Sra. Margarida, eu que desculpasse as fraldas no corredor.

-Ó Aninhas acompanha o Sr. Meneses!

Andando quase de cócoras para me escapar às fraldas estendidas no corredor, lá cheguei à *parla*, onde o Sr. Santos, de boné na cabeça e casaco aos ombros, respirava com dificuldade. Ma! me sentei, apareceu de novo a Aninhas com o copito de aguardente.

-Não há remédio como este, Sr. Meneses - comentou o Sr. Santos, ofegante. Ele estava bem, sempre na mesma, o pior era aquele frio que lhe vinha pela *cela*.

Depois de esgotarmos o assunto, o Sr. Santos tirou o boné, coçou a cabeça com o dedo, e disse-me atrapalhado:

-Se o Senhor não se importa, até me podia traduzir aqui umas cartas que me mandaram do hospital...

Sim, não havia dúvida que estávamos na América.

11. FARTURA

Eram 8 horas da noite quando cheguei a casa dos Jardins. Lá estava a avó toda vestida de preto, de xaile aos ombros e lenço na cabeça, com o neto mais novo ao colo. Duas das filhas, sentadas à mesa da cozinha, faziam os trabalhos da escola. Os rapazes andavam lá por fora a brincar. O pai e o filho mais velho, esses ainda não tinham chegado do trabalho, explicava a Sra. Teresa Jardim.

-Trabalham 10 horas por dia, concluiu ela orgulhosa.

-Mas a mãe também chegou há pouco tempo - completou a avó com ar sério.

-Aqui na América tudo trabalha! - rematou a Sra. Teresa, triunfante.

-Lá em Portugal não conseguiam trabalho? - perguntei eu, impressionado pela sensação de alívio que o ter trabalho causava nesta família.

-Era quando calhava - respondeu a Sra. Teresa. - A gente *trabalhavam* no campo.

A avó levantou-se então da cadeira, e foi pôr qualquer coisa ao lume. Pensando que o que eles queriam era jantar, insisti para que, por amor de Deus, pusessem a mesa, que eu até poderia ir para a sala ali ao lado.

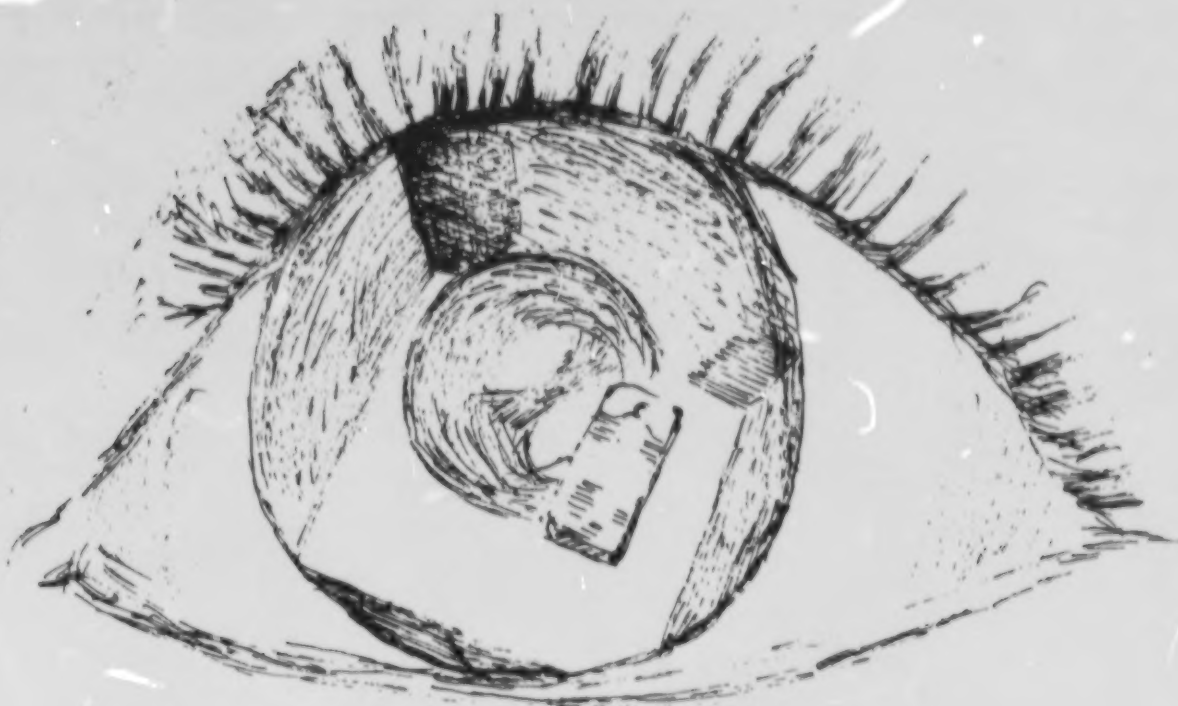
-Não se incomode, Senhor - respondeu a Sra. Teresa a rir. -Isto é só para o meu homem que deve estar aí a chegar. A gente já não *comem* assim todos juntos. Cada um que chega vai à frisa e tira o que lhe apetece. Só aos Domingos é que se come a sério. Comida não falta; o que falta, é tempo.

-Não sei para que é tanta fartura - resmungou de lá a avó com a panela na mão.

X X X

Continuei a minha conversa com a Sra. Teresa Jardim. A razão da minha visita, era a Maria das Mercês que faltava tanto à escola.

Que ela estivera muito doente, explicou a mãe. Fora há uns dois anos que lhe notara a garganta muito inflamada. A vizinha (a Sra. Alzira; eu conhecia-a, não conhecia?) pois, como ia a dizer, a vizinha tinha-lhe dito que aquilo eram as *tonsils* (as amígdalas, como nós dizemos lá em Portugal). Levava-a então logo ao hospital de Olive Hill.



-Mas, Senhor - continuou a mãe, indignada - eles não deixaram que a gente lá *dormissem* com a Maria das Mercês. Isto percebe-se lá! Uma pequena daquela idade a dormir sòzinha no hospital! Pois então, pegámos nela, e fomos para S. Miguel no dia seguinte. Lá, deixam as mães dormir no hospital.

-Até parece impossível - comentou a avó do seu canto. -Uma terra de fartura, e não há lugar para as mães nos hospitais!



14. O QUE DEUS DÁ

A Joaninha é a décima filha da Sra. Aldina Serrão. Nasceu surda e muda, e “não tem a discrição toda”, como dizia a mãe, desculpando-se. Já tem 10 anos, mas só no ano passado é que começou a ir à escola, pois os pais tinham medo que os professores a maltratassem. Como não há classes para surdos-mudos dirigidas por professores portugueses, tivemos de a colocar numa classe americana, com grande apreensão da família Serrão, que temia perder para sempre a esperança de vir a comunicar com a filha.

Muitas vezes visitei aquela casa pobre mas cheia de actividade e alegria. Sempre que lá vou, oferecem-me qualquer coisa “feito cá pela gente”: ou é o vinho que o Sr. Manuel acabou de fazer, ou o pão que a Sra. Aldina “tirou agora mesmo do forno”, ou as malassadas que “nos cresceram da festa de ontem”.

No outro dia, o Sr. Manuel Serrão chamou-me ao telefone. Se eu queria comer uns torresmosinhos de porco, convidou ele a medo e envergonhado:

-Quem sabe se o Sr. Meneses quer trazer também a sua senhora e a menina. A casinha é pobre, mas ontem matámos porco, e portanto, a carniinha é fresca.

Hoje, Domingo, carreguei o carro com as alfaias da minha filha, e lá fomos os três comer os torresmosinhos da família Serrão. No caminho, parámos para comprar o presente. O que me apetecia era comprar um cesto de laranjas para todas aquelas crianças, mas tive medo de ofender a Sra. Aldina, e o mercado ficava longe. A minha mulher, com intuição certa, sugeriu flores. Eu saltei logo a aprovar, deliciado com a ideia de oferecer malmequeres amarelos à Joaninha.

Subimos pelas trazeiras, e entrámos para a cozinha. A Sra. Aldina, de pé, mexia os torresmos no grande panelão; O Sr. Manuel estava sentado à mesa a olhar com orgulho para a sua família; a Isabel, com as mãos enterradas no alguidar, enchia chouriços; e os outros pequenos entravam e saíam, conforme o exigiam as regras do jogo a que brincavam. A Joaninha, quando me viu, fugiu logo lá para dentro, envergonhada e contente. Depois de dar duas graças a toda a família e de fazer pouco da Isabel, fui ter com a minha amiga que espreitava atrás da porta, e dei-lhe os malmequeres. Ela pegou nas flores, e de novo fugiu.

Voltei para dentro, e interessei-me pelas artes culinárias da família.

-Ó Isabel, mostra ao resto do porco ao Sr. Meneses! - disse de lá a Sra. Aldina como quem faz as honras da casa.

Fomos todos para o quarto que funcionava de dispensa, mas a minha mulher, que não tinha percebido, ficou para trás com o bebé ao colo. Vim buscá-la. Ao aproximar-me

deparei com a Joanelha a entrar na cozinha, olhando para todos os lados para que a não vissem. Eu escondi-me atrás da porta.

Quando voltei a olhar, estava a Joanelha, em bicos de pés, a oferecer um malmequer amarelo à minha filha de 6 meses.

X X X

Os torresmos estavam prontos. A Isabelinha armou mesa na *parla*, e lá nos sentámos para o petisco. Estava frio, e sentia-se a corrente de ar entre as janelas cheias de frestas. Mas bem depressa nos aquecemos com o vinho novo do Sr. Manuel e o pão que ainda fumegava, fresquinho do forno.

Comemos, brincámos, rimos. A Sra. Aldina insistiu em dar o biberão à minha filha para que pudéssemos comer mais à vontade. A certa altura, desapareceu para os lados da cozinha.

Por volta das três horas, levantámo-nos e fomo-nos embora. Ao passarmos pela cozinha, vimos a Sra. Aldina a servir o resto dos torresmos a mais dois casais que se tinham sentado à mesa.

-Então tem duas festas em casa ao mesmo tempo? - gracejei eu para a dona da casa. Sem hesitação, e com a franqueza de quem vive para dar, respondeu aquela mãe de 10 filhos:

-O que Deus dá é para todos!

15. O LEITE

Estava eu na primeira classe a falar com a professora portuguesa, quando a empregada do refeitório me entra pela aula dentro, sem bater nem anunciar. Era *snack time*, e vinha trazer o leite. Atarracada e gordota, avançava com a condescendência de quem dá a sopa aos pobres.

Em voz alta, interrogou-me com autoridade:

-What is the matter with these kids? At the beginning they didn't want any milk; looks like they were not accustomed. Is Portugal running out of milk?

Eu, muito estúpido, respondi-lhe, em voz baixa, que não admirava, que não estavam habituados a beber leite sòzinho, que nos Açores põem sempre pão no leite ou, então, um pouco de café...

Sem prestar o mínimo sinal de interesse pela minha explicação, dá meia volta ao carro de leite, e sai, impertigada, declarando:

-Never mind, we will train them!



16. OS CRAVOS

O Henrique tem só oito anos e já não se ri. Quando fala é com seriedade e lentidão (será medo?); mas a maior parte das vezes está calado, de grandes olhos abertos e tristes.

O irmão mais velho passara de ano, lá em Portugal. Fora por causa da irmã, contava o Henrique convencido. Ela pusera o dedo na Imitação de Cristo, e calhara numa palavra que dizia que o irmão iria passar. E passou mesmo.

Quando o Henrique pôs o dedo na mesa para demonstrar como se punha o dedo na Imitação de Cristo, reparei, pela primeira vez, nos cravos enormes que ele tinha na mão. Alguns até já tinham pus, e muitos estavam encarnados de tanto coçar.

-O que é que tens na mão, Henrique?

-São cravos. Apanhei-os, de tantas vezes apontar para as estrelas lá em Portugal.

X X X

Marquei consulta com o médico da escola para que ele visse os cravos da mão do Henrique.

No dia seguinte, falei com a mãe. Sim, que o médico tinha receitado um remédio. Era um líquido que se punha só no cravo, sem deixar tocar na pele. Mas ainda o não tinha aplicado. Tinha medo que aquilo ainda fizesse pior. E se queimasse a pele toda? Traquilei-a como pude e, como estava com pressa, fui-me embora.

Passaram-se oito dias. Hoje fui de novo visitar o Henrique. O remédio? Não senhor, ninguém ainda tinha tocado naquele remédio, respondeu a mãe firme e inabalável.

-Mas então a Senhora não obedece ao médico? - perguntei eu, moralizando.

-Ó Senhor! Com tantos cravos que o Henriquinho tinha na mão, ficava-me com a pele toda queimada! Aquilo é pele nova!

E contou-me então como de repente se tinha lembrado de lhe esfregar as mãos com casca de banana. Que estúpida não se ter lembrado antes! Esfregou, portanto, as mãos do Henrique com casca de banana, e botou-as depois ao forno.

À medida que as cascas secavam no forno, assim lhe iam caindo os cravos da mão - concluiu a Sra. Liduína, natural.

Chamei o Henrique, e pedi que me mostrasse as mãos.

Não lhe restava nenhum cravo.

17. REJEITADOS

Tenho visto o Henrique regularmente. Hoje, a professora avisou-me, quando o fui buscar, que ele estava estranho: passara toda a manhã a olhar para o ar, parece que sem ouvir o que se lhe dizia, ausente e triste.

Depois de lhe ter visto os desenhos e trabalhos da semana, olhei para ele e disse-lhe:

-Pareces muito triste hoje, Henrique.

-Nunca mais posso brincar fora de casa - respondeu ele, resignado. - *Os americanos* andam sempre atrás de mim.



A casa do Henrique fica na Washington St. Dum lado da estrada vivem portugueses, do outro lado vivem americanos. No prédio dele moram dois pequenos da mesma idade, e os três não podem brincar, porque os americanos da frente lhes querem bater.

-Porque é que eles nos quererão mal, Sr. Meneses? Às vezes a minha mãe senta-se nas escadas, e então eles não nos fazem mal. Mas muitas vezes ela não pode ir para lá.

Resolvi chamar os outros dois pequenos que vivem no mesmo prédio, e procurar decidir em comum o que se podia fazer. Depois de pensarmos um pouco, o Eduardo sugeriu:

-Não devíamos fazer mais caretas aos *americanos*.

O Henrique protestou que ele nunca lhes tinha feito caretas, embora alguém tivesse ido fazer queixa à mãe. Concordava, no entanto, que nunca se deviam fazer caretas. Mas também ele, da sua parte, tinha alguma coisa a sugerir:

-Há só um *americano* que é nosso amigo. Ele estava sozinho no nosso *lar*, e a minha mãe deu-lhe um *candinho*. Se calhar a minha mãe podia dar mais *candinhos* aos *americanos*...

O José Alberto continuava sentado no canto sem dizer nada. Depois de eu insistir, encolheu os ombros e suspirou, desiludido:

-Os *americanos* não gostam da gente!

18. A RECEPÇÃO

O Miguel já tinha estado três anos no Programa Bilingue. Falava bem inglês, mas, aos 10 anos, ainda não sabia ler nem escrever. Em Outubro passou para a terceira classe do Programa Regular.

-Puseram-me com os bebés - dissera-me ele, mais tarde, ainda revoltado. E o Miguel passou a ter birras, a chorar por tudo e por nada, a bater nos companheiros. Os professores inquietaram-se, e mandaram-no de novo para o Programa Bilingue, enquanto era avaliado pelos psicólogos.

Dois meses depois, veio a decisão: O Miguel devia mudar de escola para uma "classe especial".

Na véspera da saída, os companheiros e a professora portuguesa fizeram-lhe uma festa de despedida; até houve bolos e cocacola.

O Miguel começou a ficar triste.

No dia seguinte de manhã, fui buscá-lo à aula para o levar à nova escola. Todos os companheiros lhe disseram adeus. A Professora e a ajudante deram-lhe um grande beijo. À última da hora, o Joaquim, que é da aula dos mais velhos, veio-lhe pagar os tostões que ainda lhe devia dos bilhetes do hóquei.

O Miguel já tinha os olhos encarnados.

Levei-o no meu carro para a nova escola. Quando chegámos, conduzi-o ao escritório central. Apresentei-o à secretária:

-Este é o Miguel que vem hoje para a escola!

-A secretária, muito eficiente, dá-me os cartões que era preciso preencher, e diz-me onde ficava a aula para onde ele devia ir.

Nem uma palavra para o Miguel.

O Vice-Director sobreveio, e eu apresentei-lhe o novo aluno:

-Este é o Miguel que vem hoje para esta escola!

O Vice-Director, muito despachado, disse que já ouvira falar no caso, e que estava tudo arranjado.

Nem uma palavra para o Miguel.

Entretanto o novo *home room teacher* do Miguel (eu sei lá como traduzir essa expressão) chegou ao escritório, e eu apresentei:

-Este é o Miguel que vem hoje para a sua classe.

Furioso, respondeu que não sabia de nada, que ninguém tinha falado com ele, que isto não era maneira de se fazerem as coisas. De qualquer modo, ele não podia estar na aula até às 9.30, e portanto, eu que o entretivesse.

Nem uma palavra para o Miguel.

Levei-o para o meu escritório. Quando fechei a porta, o Miguel, que se aguentara até ali, desatou a chorar:

-Não quero ficar nesta escola.

X X X



Às 2.30 fui buscar o Miguel à nova escola, pois tive medo que ele não soubesse ir sozinho para casa. Estava calmo e contente. Os professores tinham sido bons, e até tinham brincado com ele às damas. Levei-o de carro para casa.

Quando chegámos à porta, convidou-me a entrar. Aquele carro grande, o Oldsmobile, era da irmã, disse-me ele, orgulhoso. A porta do terceiro andar estava aberta. Na cozinha, em cima da mesa, viam-se vários pratos de papas de milho, acabadinhas de fazer. A mãe, ainda de avental, punha a panela de sopa ao lume. No outro canto, a irmã mais velha, rapariga dos seus 24 anos, já vestia o casaco para se ir embora. E, sentada à mesa, com xaile e véu preto, estava a avó: fizera 74 anos, "meu Senhor".

A mãe perguntou-me pelo Miguel: se lhe tinha custado muito a mudança, se se tinha portado bem, se a nova escola começava à mesma hora. Eu ia respondendo, dando elogios ao filho, e serenando a mãe.

A filha, com a energia de quem tem os pés na terra, foi quem reparou que as honras da casa ainda não tinham sido feitas: se eu queria um pratinho de papas; porque é que eu não tirava o casaco; que eu tinha ali uma cadeira.

A avó, a Sra. Adelaide, olhou para mim com bondade, e, com a confiança de quem sabe o que é importante, perguntou-me se eu tinha filhos. Não, respondi eu, tocado por este convite à intimidade; mas que estava à espera de um.

-Que nosso Senhor dê uma boa hora à sua esposa - abençoaram as três senhoras, em unísono, benzendo-se.

Aquela benção ainda me enchia a alma, quando a Sra. Adelaide continuou com confiança:

-O Senhor há-de dizer depois ao Miguel se é menino ou menina.

Ao sair, lembrei-me do modo como o Miguel tinha sido recebido na escola.

19. DIFICULDADE NA LEITURA

O professor pediu-me para eu falar com o Rafael:

-Tem muita dificuldade na leitura, está sempre a bater nos outros, não se interessa por nada.

O Rafael tem 12 anos fortes e troncados. Morava numa pequena aldeia lá em Sta. Maria, e há 4 meses que está na América. O pai era lavrador; tinha a sua casa, a sua terra e algumas vacas.

-Ui! Havia tanto que fazer! - lembrava o Rafael.

Muitas vezes não ia à escola e ficava em casa a ajudar o pai. Mungia então as vacas, levava-as ao pasto ou conduzia-as enquanto lavravam.

Mas não era esta a razão porque repetira uma vez a primeira classe e duas vezes a segunda:

-O raio da professora estava sempre a bater; batia com réguas e até com um vime molhado!

-Com um vime molhado? - perguntei eu, incrédulo.

-Pois, mas também foi o vime que deu cabo dela!

O Rafael então, sentou-se para trás, sorriu com olho maroto, e contou:

-Um dia, bateu na minha irmã até ela ficar com sangue. À tarde, o meu pai foi falar com a professora que disse para lá umas mentiras. No dia seguinte, eu mais os rapazes fomos à escola de manhã cedo, partimos o vime e as réguas, e rasgámos os livros. Nunca mais nos chateou.

-Nunca mais vos bateu?

-Não, nunca mais apareceu na escola. Disse que, se nós não queríamos aprender, ela também não queria ensinar.

20. ALDEIA MORTA

E o Rafael continuou a contar. A aldeia dele ficava muito longe do mar:

-A mais de meia hora de caminho! - disse ele que ainda via as distâncias com olhos de açoriano.

Gostava muito de ir para a praia; mas tinha agora que descer pelas rochas, e isso era muito difícil. Antigamente havia carreiros, mas agora estavam todos cheios de silvas.

-Porque é que deixaram crescer as silvas? - perguntei eu para fazer conversa.

-Porque ninguém passava por lá - respondeu o Rafael, triste. -Toda a gente se temido embora daquela terra. Ainda lá ficaram o Joaquim da Avelina, os Amarais, o Zé Baleia e os avós. O resto veio tudo aqui para a América. Mas, na aldeia ao lado, ainda era pior. Só lá ficou uma família: pai e filho.

-Gostavas de lá ter ficado, Rafael?

-Eu não, Senhor. As casas estavam todas a cair, tudo abandonado. Aquilo era uma aldeia morta.





21. MOIRATA

O pai queixava-se, envergonhado, que os filhos não davam para estudar. Os professores, quando interrogados sobre os pequenos, respiravam fundo e diziam: "Coitados". Três filhos já trabalhavam (no Candy Shop, como de costume); os outros, e eram oito ao todo, distribuíam-se pelo Liceu e escola primária.

Chamei o Leonaldo. Começámos a falar da escola. se gostava de cá estar, se gostava do inglês, da matemática. A tudo me ia respondendo que sim, indiferente, bem educado e triste. Passámos para o Faial. Os olhos começaram-lhe a brilhar, e toca então a contar como tratava das vacas, como ia ao incenso ou a cortar cana. Mungir as vacas, ainda não sabia muito bem, mas dava-lhes maçarocas enquanto o pai as mungia.

E foi então que, sem interromper, como se estivesse a dizer a coisa mais natural do mundo, me confessou:

-Eu tinha dó era da Moirata. Foi a primeira vaca que tivemos. Era toda preta.

E calou-se. No silêncio que se seguiu, sonhei com um mago que pudesse colher esta piedade, emoldurá-la e cantar-lhe um hino ao som da flauta.

Mas o Leonaldo teve que me deixar. Tinha agora inglês.

22. NADA QUE FAZER

O João esteve na Sullivan School durante um ano, e veio de lá com fama de brigão. Aqui no Liceu não briga, mas é o desespero dos professores: É quase analfabeto, não participa nas aulas, não compreende o que se lhe diz. Eu que o examinasse, e que visse o que se podia fazer.

Chamei o João, e ele pôs-se a contar: O Pai era do Pico, mas casara com uma senhora de S. Miguel, quando para lá fora tentar a sorte. Tomava conta duma quinta lá no alto do monte. Tinha que amansar a terra, cortar o mato e tratar das vacas. Tudo por conta do patrão, claro. Também pintava estufas, mas isso era por conta própria.

A escola ficava longe, a uma hora e meia a pé. Quando chovia é que era bom: ficava-se em casa, e então podia-se ajudar o pai a tirar o leite às vacas. Mas tantas vezes faltara à escola que, já tinha 14 anos, e não passara da terceira classe.

Na escola era triste, continuava o João. Chegava sempre cansado de manhã, e era sempre o mais velho na aula. Mas depois da escola é que era bom. Ia para a mata com o pai, dava de comer às vacas ou ajudava a mãe a fazer o queijo. Sempre que fazer.

-E aqui na América, João?

-Eu aqui sinto-me muito triste.

-O que é que se passa, João?

-Não tenho livros. Quando chego a casa não tenho nada que fazer. Às vezes vou ao pão, e depois é só a *televeijon*. Já estou farto da *televeijon*.



23. A BICICLETA

O Júlio tinha-me sido mandado por um dos professores do Liceu.

Não percebo o que este tipo está a fazer na minha aula - dizia-me ele aborrecido.

-Nem sequer sabe escrever.

Fui hoje chamar o Júlio à aula de Inglês. Bati à porta. O professor mandou entrar. Os olhares de todos os alunos cravaram-se em mim. No fundo da aula, o professor não se mexia, e esperava que eu dissesse, em voz alta, para todos, aquilo que eu queria. Pedi para ele vir à porta, e disse, em voz baixa, que queria falar com o Júlio. Deu uma gargalhada, e chamou o rapaz com grandes manifestações de alívio:

Eh! tu ó Júlio, vamos, até que enfim que alguém te leva!

-Todos se riram.

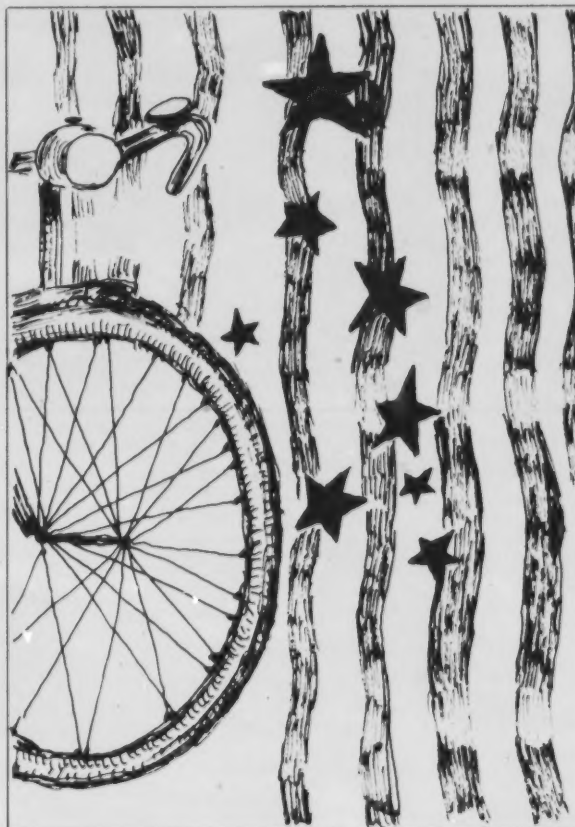
O Júlio é um rapaz de 15 anos, baixo e atarracado, de grandes lentes e olhar parado. Repetira 3 vezes a primeira classe, lá em S. Miguel, e, quando veio para a América, aos 13 anos, ia passar para a quarta. Mas agora estava na High School.

-O que é que fazias lá em S. Miguel?

-Muitas vezes não ia à escola. Ficava a tratar das vacas. Tínhamos 18 vacas. Eu tirava-lhes o leite e depois ia aos troços.
- Tanto trabalho!

-Gostas de estar aqui na América, Júlio?

-Gosto muito. Mais do que em Portugal. Aqui posso brincar. Até tenho uma bicicleta.



24. A FRISA

O Maurino é filho de pescador. Já lá em Vila Franca, repetira três vezes a primeira classe, e muito bolo apanhara naquelas mãos.

-Aquilo que eu sabia, a professora não me perguntava; aquilo que eu não sabia é que ela me perguntava! - desabafou o Maurino, desiludido com a injustiça das coisas.

Depois da escola, corria para o cais à espera do barco que o pai mais dois tios tinham comprado de parçaria. Quando eles chegavam, o Maurino e os primos varavam o barco, e depois lavavam-lhe o preparo.

O Maurino ficou admirado de eu não saber o que significava “varar” e “preparo”. Não admira que os professores nunca lhe perguntassem as coisas que ele sabia, teria pensado.

Mas agora, nos Estados Unidos, ele não vara barcos nem lhes lava o preparo. Tem, no entanto, outras coisas...

-Gostas de estar aqui na América, Maurino?

-Gosto muito. A gente aqui *vivem* bem; a gente até *tém* uma *frisa*.

25. O GORILA

O Sebastião tem 13 anos. É alto e espadaúdo, de cabelos muito pretos sempre no ar. Últimamente engordou imenso.

-Come tanto pão - queixava-se a mãe, aflita.

A primeira vez que o vi, julguei que era de Cabo Verde, de tão queimado que estava.

Com ele ninguém se mete. De poucas palavras e de poucos sorrisos, um movimento daqueles braços derruba qualquer pequeno que se atreva a travar-lhe o passo. Mas, no outro dia, um americano de 8.ª classe atreveu-se. O Sebastião foi lá acima à aula dele, e as coisas iam-se tornando sérias. A professora americana veio ao escritório desaustinada, e a única coisa que se lhe percebia era a imagem que aplicava:

-Parecia um gorila que me entrava pela aula dentro!

Pois o Sebastião já há dois anos que está no Programa Bilingue. Os professores, preocupados, não sabem que fazer:

-Ele não se interessa com nada! - diziam alguns.

-Não quer saber de estudos, e não faz esforço nenhum! - diziam outros.

Lá o recomendaram então para ser avaliado, a vêr se lhe dávamos alguma ajuda.

Quando o professor me falou nele, resolvi ir visitar os pais o mais depressa possível. Mas tinha ainda vários casos à frente do Sebastião, e portanto, normalmente só daí a uma semana os visitaria. Calhou, no entanto, a passar por casa dele nesse dia, e decidi subir.

A mãe via o Sebastião de modo um pouco diferente.

-O meu Sebastião, esse sim que é discreto! - dizia-me ela, orgulhosa. -Não gosta de estudar, mas não há como ele para compor uma bicicleta; é muito trabalhador!

Fui-lhe fazendo as minhas perguntas do costume. Quando acabei, a Sra. Olívia voltou-se para mim, e, com olhos de ternura, confessou-me o que acontecera essa manhã com o seu "abençoado" filho: Fora ali naquele canto. O Sebastião chamara-a, e dissera-lhe, aflito e em voz baixa: - Ó minha mãe, a minha mãe, hoje, não saia de casa; os professores vão-me ajudar, e para isso há-de vir alguém aqui a casa para a minha mãe dar ordem. A minha mãe veja lá, não saia de casa!

Um "gorila", que não se interessa por nada, dizia a escola do Sebastião.



26. A QUADRILHA

O Joaquim quase não fala. Às perguntas que lhe faço, encolhe os ombros, se percebeu a pergunta, e fica parado a olhar para mim, se a não percebeu. Mas hoje desabafou, e quase que se tornou falador.

Foi por acaso que me referi ao hóquei que ele costuma jogar depois da escola. Ele, mais os primos Tavares, vão todos os dias jogar para o campo da Sullivan School: campo imenso, que permite a 5 ou 6 equipas jogarem ao mesmo tempo. O Joaquim já sabe patinar, mas os outros ainda estão a aprender.

-A gente estamos muitos contentes - dizia o Joaquim, o pior é o Jimmy.

-O Jimmy, vim a saber, é um rapazinho americano que anda na 7.ª classe, e é o terror da rapaziada portuguesa.

-É mais pequeno do que eu - afirmava o Joaquim com desprezo - mas anda sempre com um grupo de rapazes grandes. Alguns estão na High School, outros até já saíram da escola.

-Muitas vezes - continuava o Joaquim - quando estamos a brincar ao hóquei, ele aparece com os outros, e diz que aquilo não é lugar para os "porugee". A gente *têm* de se ir embora, porque não chegamos para eles.

-Mas porque é que não chamam a polícia? - perguntei eu, ingénuo.

-Se eu não morasse aqui perto, haveria de lhe dar pancadaria ou chamar a polícia. Mas, morando aqui perto, tenho medo do grupo dele.

E o Joaquim contou-me então o que se passara, este verão passado, na piscina da Sullivan. O Guarda da piscina tinha expulso o Jimmy, por este estar a bater num português muito mais novo. No dia seguinte, o guarda aparecera quase morto nos lavatórios. A polícia nunca soube quem o tinha atacado, porque o guarda teve medo de acusar o Jimmy. Mas, daí em diante, não houve português que se atrevesse a entrar na piscina.

O Joaquim, encarnado e de olhos injectados, já não continha a raiva que o dominava. Esta raiva já se apossara de mim também, e foi, portanto, sem surpresa, que ouvi a decisão deste rapaz de 14 anos:

-Algum dia hei-de matá-lo!



27. A GUITARRA

O Sebastião apareceu hoje no meu escritório logo de manhã. Vinha de sorriso envergonhado, tentando disfarçar o corpo enorme à força de se encolher e baixar a cabeça. Com os olhos a brilharem de alegria, contou-me que o tio chegara de Portugal, e lhe trouxera uma guitarra.

-E tu já sabes tocar, Sebastião?

-Não Senhor, mas já estou a aprender.

-Com quem?

-Sòzinho! Quando chego da escola, vou para a nossa *cela*, e fico a tocar toda a tarde.

-Gostavas de ter alguém que te ensinasse?

O Sebastião nem respondeu. Abriu muito os olhos, já antevendo o sonho da sua vida, mas encolheu logo os ombros, como quem não acredita que a sorte grande lhe possa sair.

Fui falar com o professor de música. Ele não sabia tocar guitarra, mas que pedisse ao Ed Mahoney, um dos porteiros, que acabara de chegar da Irlanda, e era mestre consumado.

O Irlandês concordou, e ficou combinado que, às terças e quintas-feiras, o Sebastião teria as suas lições de guitarra.

Mas o Sebastião só apareceu uma vez nas lições. Passou a estar doente à quinta-feira e a chegar tarde à terça.

O porteiro veio ter comigo, e suspirou:

-Então o nosso amigo deixou-nos ficar mal parados, hem?

-Tem estado doente - respondi eu, nada convencido.

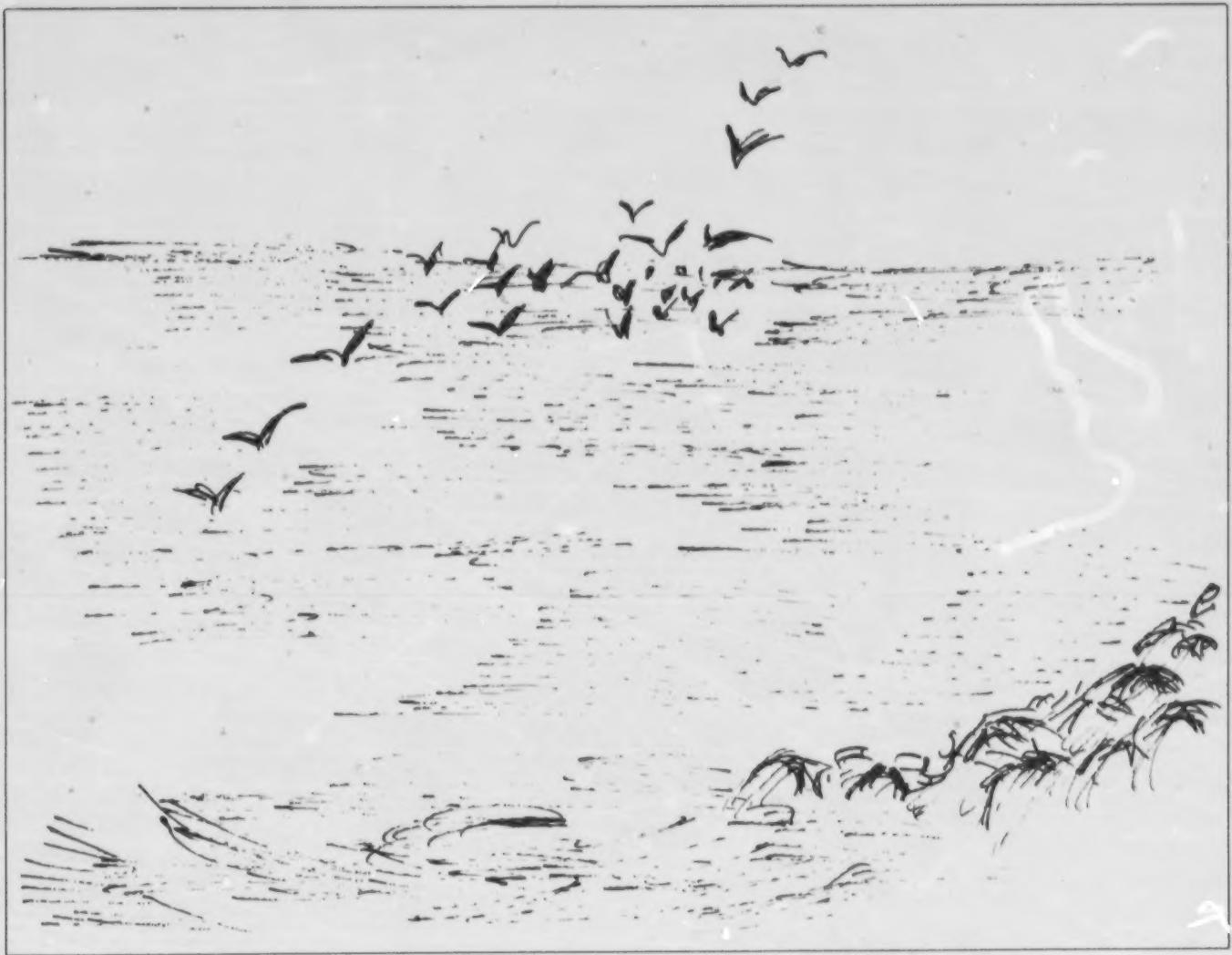
Hoje, chamei o Sebastião.

-Não tens vindo às lições de guitarra, rapaz!

-Tenho vergonha, Sr. Fernando.

-Tens vergonha de quê?

-Os rapazes fazem escárnio de mim, quando me vêm na rua com a guitarra. Chamam-me o "big shot".



28. CAGARROS

Nas vésperas do *Thanksgiving* as professoras do Programa Bilingue costumam oferecer aos alunos almoço na escola. As professoras de inglês, trazem o seu peru cozinhado de casa, e servem-no com a tradicional abóbora, batata doce e geleia. Claro que as professoras portuguesas não se deixam ficar atrás, e oferecem favas guisadas, arroz de galinha, bacalhau e doces de ovos.

Eu ia de sala em sala, petiscando aqui e ali, aproveitando para conhecer mais alunos e estragar o meu estômago com tanta coisa boa.

Na aula dos mais velhos, sentei-me à mesa. O Serafim e o Armando eram de S. Miguel, disse-nos o Agostinho sempre instrutivo.

-Ah coriscos mal amanhados! - atirei eu para me pôr à vontade. O Serafim, muito rápido, respondeu:

-O Agostinho é Rabo-Torto!

-Há aqui alguém de Sta. Maria? perguntei, divertido. Todos se voltaram para o Victor que ainda lutava com a perna de peru, e começaram em coro:

-Cagarro, cagarro, cagarro!

O Victor, muito sério, com a boca cheia, pontificou:

-Se não fossem os cagarros não se pescava nas ilhas. É onde se juntam os cagarros que os pescadores sabem onde há peixe.

29. BONITO

Dei uma folha de papel ao Arlindo. Era uma lista de palavras com as quais o aluno devia construir frases da sua escolha. O que eu queria era ajudar aquele rapaz acanhado e triste a exprimir-se; talvez que aquelas frases me revelassem um pouco mais do que se passava lá por dentro.

À palavra "inteligente", o Arlindo acrescentou: "eu não sou". Quando chegou à palavra "bonito", escreveu mesmo sem pensar: "gosto muito com batatas".

À noite houve reunião de pais na Sullivan School. Lá estavam os pais do Arlindo, sempre fiéis, com três ou quatro filhos a correrem por entre os bancos. Depois da reunião, fui ter com a Sra. Alice. Conteí-lhe então a estranheza que me causara a frase relacionada com "bonito" que o filho escrevera.

A Sra. Alice, sorrindo com paciência, respondeu:

-É o peixe dos pobres lá no Faial, Senhor! Lá para Outubro salgávamos o bonito que íamos comendo durante o ano. É muito bom com batatas.

30. PREFERE VIVER

A Ginástica é um dos grandes cavalos de batalha entre os portugueses do Liceu. Mais de metade nunca lá aparece, e muitos há que já saíram da escola, por não quererem fazer ginástica.

O Simão da Costa é um rapagão de quase metro e noventa, chefe da brincadeira nas aulas, mas sempre bem educado e sorridente. Quando os professores se queixam dele, acrescentam imediatamente:

-Mas ele é tão bom rapaz!

É portanto o chefe, pensei; se ele se interessar pela ginástica, poderá levar os outros atrás.

Chamei-o ao meu escritório. Sim, que há muito tempo que não ia à ginástica. Para quê? Ginástica, fazia-a ele à noite nas limpezas, e à tarde no hóquei. Nas limpezas? Sim, todos os dias trabalhava na limpeza dum prédio de escritórios, das 6 às 11 da noite.

-E das 3 às 6? - perguntei eu, já decidido a dar razão ao rapaz.

-Vou brincar - respondeu ele, natural. - Jogamos ao hóquei no campo da Sullivan School. Agora estou a aprender a andar de patins.

-Porque é que não dormes a sesta quando chegas da escola? - sugeri, com lógica de adulto. - Assim já poderias fazer ginástica, e não estarias cansado para as limpezas.

-Qual! - respondeu, indignado, o Simão.

-Se dormisse a sesta, que vida seria a minha! Escola, dormir e trabalhar; trabalhar, dormir e escola! Prefiro não ir à ginástica e ter forças para brincar.

Prefere viver, pensei eu, envergonhado da minha lógica de adulto.

31. O TABU

Quando eu era pequeno, ia muitas vezes passar o dia à Arrábida com o carro atulhado de irmãos, mais os cestos, os garrações e as cadeiras para o piquenique. O almoço era o centro do dia. Depois do primeiro banho, começávamos a sonhar com os pastéis de bacalhau que nos esperavam. E era com muita sorte se os meus pais conseguiam adiar o almoço para depois do segundo banho. Não há nada como pastéis de bacalhau com salada, na praia da Arrábida! O pior era o que se seguia: duas horas de calor infundável, sem poder nem sequer molhar os pés. Era preciso pelo menos duas horas para fazer a digestão dizia o meu pai, dizia a minha mãe, dizia o banheiro, dizia toda a gente. E toda a gente conhecia casos de meninos desobedientes que tomavam banho antes de passadas as duas horas, e morriam de congestão. E também morria de congestão quem tomasse duche a seguir ao almoço, ou quem lavasse a cabeça, ou fosse ao barbeiro. Duas horas secas a seguir à refeição era dogma sagrado, aceite pacificamente, respeitado à risca. À risca e à letra. Um minuto depois das duas horas já estávamos na água.

O primeiro ataque a este dogma veio da minha mulher que é americana. Quando pela primeira vez a vi lavar a cabeça depois do almoço, nem podia acreditar. Desculpei-a pensando que, como os americanos nunca têm refeições a sério, não admirava que não cumprissem a regra. Mas não; era mais grave do que isso. A minha mulher nem sequer sabia da regra.

X X X

O Fernando era um dos rapazes que mais resistiam à ginástica.

-Não gostas da ginástica, Fernando?

-Ó Senhor, eles querem que a gente tome duche logo a seguir!

-E que mal há nisso? Já não precisas de o tomar à noite.

-Mas a ginástica é a seguir ao almoço, Senhor!

32. COISAS DE RAPAZES

Ia eu pelo corredor da Sullivan School, quando a Amélia mais a Helena se aproximaram, de olhos inchados e cabeça baixa.

-O Senhor sabe onde está a Miss Lopes?

-Está a almoçar, filhas. Que aconteceu?

-A gente não *querem* ir mais à ginástica - respondeu a Amélia, determinada.

Levei-as para o meu escritório, e pus-me a ouvir.

As duas raparigas eram primas, e tinham vindo da Povoação há pouco mais de um mês. A Amélia fizera 13 anos na semana passada. Era alta, de cabelos pretos e luzidios, muito bonita, e já mulherzinha. A Helena era mais nova. Gorda e desengonçada, olhava para mim com uns olhos muito mansos, implorando piedade para a sua desgraça.



-A gente não *sabem* jogar àqueles jogos, Senhor - atirou a Amélia, revoltada.

-Mas a professora ensina, não ensina? - defendi eu.

-A professora, ensinar, ensina - continuou a Amélia. - Mas as americanas fazem escárnio da gente. A gente estamos sempre a perder a bola.

Foi então que a Helena, muito corada e olhando para o chão, explicou, de voz sumida:

-A gente não *gostem* de fazer coisas de rapazes.

33. O APERTAR DO CÍRCULO

Comecei hoje um grupo de diálogo com alguns alunos do Liceu; "Group counseling", diriam os profissionais. A sessão teve lugar durante uma das aulas de História.

Antes de começar, fui para a aula arranjar o cenário. Encostei as mesas à parede e dispus 20 cadeiras em círculo. Os alunos não tinham sido avisados que aquela aula de História seria diferente. Quando portanto chegaram, ainda ofegantes da brincadeira, olharam para o círculo de cadeiras, para o professor e para mim, com ar surpreendido e desconfiado.

Sentámo-nos. Éramos apenas 14 naquele grande círculo feito para 20. Os papéis no chão, que normalmente estão encobertos pelas mesas, faziam-me sentir em terreno público, sem conforto nem cuidado. O professor, depois de me apresentar, fez o gesto de quem dá a palavra. Eu olhava para aquelas caras, tentando adivinhar o que se passava lá por dentro. Cepticismo? Indiferença? Interesse? Tive um momento de dúvida, e senti a distância imensa que o adulto experimenta diante do adolescente arrogante e inseguro.

Comecei a falar. Ainda se viam restos de brincadeiras, dois ou três olhavam para o tecto, cadeiras vazias, papéis no chão, distância.

De repente (estaria eu a falar demasiado baixo?) alguém se inclina para a frente. Todos então, à uma, sem palavra nem surpresa, pegámos nas cadeiras e apertámos o círcu'lo. Gesto de congregação, cerrar fileiras, presença.

Nunca mais notei os papéis no chão.

À vinda para casa, no meio do trânsito da O'Brien Square, sonhei com a comunidade portuguesa a cerrar fileiras.

34. ELES PÔEM—SE A RIR

A Mariana está na América há quase um ano, e tem 14 anos fortes e alegres. Quando se ri é de gargalhada, ficando muito vermelha, de olhos maliciosos a brilharem.

A mãe, que tem mais cinco filhos na escola, vem todos os dias trazer a Luizinha ao Jardim Infantil. No outro dia estava preocupada:

-Ai Senhor, a Mariana não me aprende nada! Sempre que a levo à *estoa* não me é capaz de dizer nem uma palavra em inglês. É sempre a irmã mais nova quem acode.

Ontem, no nosso grupo de diálogo, a Mariana estava séria e pensativa. Temos história de namorados, julguei eu já habituado àquelas mudanças de disposição. Lá para o fim da reunião, aproveitando-se dum silêncio, pergunta-me com olhos aflitos:

-Ó Senhor Meneses! Porque é que as crianças aprendem a falar inglês mais depressa do que a gente?

-Lembrei-me então do que me disse a mãe, e de como, em casa, a comparavam constantemente com a irmã mais nova. Procurando ir ao encontro dela, atirei:

-Sentimo-nos estúpidos, quando vemos que os nossos irmãos aprendem o inglês mais depressa do que nós, não é?

Os olhos da Mariana brilharam.

-A minha mãe quer que eu fale Inglês nas *estoas*. Mas eu diante dela tenho vergonha. E também tenho vergonha dos homens da *estoa*. Eles põem-se a rir de mim.

35. OS ÓCULOS

O Pedro é alto e magro. Reparei nele, muitas vezes, nos corredores do Liceu. Por lá passeava os seus 15 anos inseguros, de braços caídos e vagos. Sempre que olhava para ele, deparava com um sorriso tímido, a desviar os olhos, corando.

A professora, desesperada, dizia que não sabia que fazer dele. Nas aulas, estava-se sempre a rir e a fazer rir os outros; não era capaz de estar quieto um momento; não se interessava por nada; brincadeira, só brincadeira era o que ele queria.

Num dos nossos grupos de diálogo, as raparigas discutiam profundamente sobre o rigor das exigências paternas. O Pedro, com aquele olhar dele inquieto, tinha conseguido segregar os rapazes da discussão, e uní-los nos risinhos e na troça. Irritado, dirigi-me a ele:

-Pedro, se te pões a distrair os outros, tenho de te mandar lá para fora!

Parou a brincadeira, mas ao fim de alguns minutos, lá estavam os olhos dele, outra vez, a provocar os risinhos do Agostinho e do António.

Com ar sério, e esforçando-me por dominar a irritação, interrompi:

-Vai lá para fora, Pedro! Ficamos amigos como dantes, mas por agora, parece-me que não estás interessado neste grupo.

Sentou-se muito direito, e, já corado e de olhos baixos, pediu-me:

-Ó Senhor Fernando, agora acabou-se. Prometo não me rir mais.

Eu não deixei. Estava irritado e nervoso, e sentia que ele provavelmente continuaria na mesma. O Pedro saiu da aula batendo com a porta. A professora, que estava presente, olhou para mim como quem diz: "vê o que eu lhe dizia?"

Encontrei-o uma hora mais tarde no corredor. Quando me viu, de novo me lançou aquele sorriso tímido onde eu sempre tinha descoberto o desejo de ser reconhecido como amigo.

-Estás zangado comigo, Pedro? - perguntei, sem saber se havia de ter em conta o sorriso de amigo ou a fúria com que fechara a porta da aula.

-O Senhor não ligue, Sr. Fernando! Hoje estou num dos meus dias. Quando tenho estas dores de cabeça, só faço disparates.

-De que é que são essas dores de cabeça, Pedro? - perguntei, já arrependido de ter pensado mal dele.

-Sempre que tiro os óculos, fico assim.

-E onde é que estão os óculos?

-Estão na minha *loca*. Tenho vergonha de os pôr.

36. AMBIVALÊNCIA

Tivemos hoje a nossa primeira reunião depois das férias do Natal. Para abrir a conversa, perguntei descuidadamente o que é que tinham feito durante todo aquele tempo.

Vendo-se diante de pergunta tão aberta e vaga, começaram todos a olhar uns para os outros com risinhos abafados e cotoveladas provocadoras.

-Diz lá tu, ó Pedro! - incitou o Agostinho com olhar maroto.

-A Lúcia é que tem muito que contar - provocou a Mariana, rindo-se com a mão à frente da boca, e olhando para a Maria de Lurdes, conivente.

Sem perceber o que se passava entre a Lúcia e a Mariana, o António decidiu-se com ar inocente:

-Eu fiquei em casa todo o tempo.

Radiante, por ver que a atenção se desviava dela, a Lúcia carregou com malícia:

-O Antoninho ficou em casa a ajudar a mãezinha!

Todos se riram.

O António, corado, e sem saber o que responder, olhou para mim como quem pede socorro.

-Lúcia! - perguntei eu para proteger o António - mas tu não achas que um rapaz, quando está em férias, deva ajudar a mãe?

-Ó Senhor, credo! Os homens querem-se é fora de casa!



As raparigas, concordando, olharam umas para as outras, seguras do seu privilégio de donas de casa.

-Mas, Lúcia—insisti—os teus irmãos nunca te ajudaram a lavar a loiça?

-Os meus irmãos? Esses, mal acabam de comer, correm pela porta fora! Os malandros! E, quem tem de arcar com o trabalho todo, sou eu.

37. COISAS DE MULHERES

Na semana seguinte, continuámos a conversa sobre o papel do homem e da mulher. Comecei de novo com pergunta vaga e aberta:

-Vocês acham que há coisas que só pertencem às mulheres, e que os homens nunca devem fazer?

-Eu não gosto nada de ver um homem na cozinha - respondeu muito depressa, a Lúcia. É certo que às vezes, ficava zangada com os irmãos por estes a não ajudarem, mas, enfim, não gostava nada de ver homens a fazer coisas de mulheres.

-Que outras coisas achas que os homens não devem fazer, Lúcia?

De novo, com olhos evidentes, e como quem já decidira há muito tempo, a Lúcia respondeu:

-Não gosto nada de ver rapazes a comer *doces*.

Pensando que a Lúcia estivesse a brincar, olhei para a Maria de Lurdes. Mas esta rapariga, sempre sensata e digna, não tinha dado por brincadeira nenhuma. Com toda a seriedade, acrescentou:

-Eu também não gosto nada de ver homens a comer *gama*.

38. CHEIRO A MAREZIA

Prometi à mãe que falaria com o filho Altino.

-Ele tem só 15 anos, mas anda-me para aí pegado de carreta, percebe o Sr. Professor?

Chamei-o ao meu escritório. Nascera no Faial, mas nos últimos anos tinha vivido no Pico. O pai era pescador de baleia. Trouxera a mulher e filhos para a América no ano passado, e instalara-se em Olive Hill. Ainda se aguentara um ano nas limpezas da Universidade, mas já sufocava, não podia mais. Foi sozinho para a Califórnia, para a pesca. Os filhos ficaram com a mãe à espera que o pai os chamasse.

-E tu, Altino, o que é que queres ser?

-O mar é a minha vida - respondeu sereno, com olhos naturais e seguros. E começou-me a contar os três últimos verões que passara no Pico:

-Ia à pesca com o pai todos os dias. Umas vezes, de tarde, pegavam no caniço, e apanhavam bonitos, serras, veja e bodião. Outras vezes pescavam à linha, e era assim que pescavam cherne e cavalas grandes. Ou então iam à taínha...

Aqui o Altino parou. Os olhos brilharam-lhe e sorriram-se, longínquos. Impressionado pelo sonho, explorei:

-Como é que se pesca a taínha, Altino?

-A taínha anda sempre perto da costa - começou ele, radiante. - Eu, mais a rapaziada, subíamos às rochas, e, quando víamos um cardume, dávamos sinal aos homens que estavam lá em baixo de barco. Eles então lançavam as redes.

E o Altino continuou. Descreveu-me como se pescava à noite e como apanhavam chicharro, sardinha e moreia. Falou-me ainda de írios, enxaréus, meros, abróteas, rocaz....

Naquele escritório escuro e sem janelas da cave do liceu de Olive Hill já cheirava a maresia, e ouviam-se as gaivotas e os gritos a compasso dos pescadores.

O Altino levantou-se. Tinha uma aula de história, e depois, inglês. Quando virou costas, ainda o vi enxugar uma lágrima envergonhada.



x x x

Depois do Natal, o Altino, decidiu ficar em casa. Para que é que havia de continuar? Dentro de pouco tempo, iria para a Califórnia ter com o pai. A vida dele era o mar, não os livros. Para pescar não era preciso falar inglês, pois todos os pescadores da Califórnia são portugueses. De qualquer modo, ele falava inglês muito melhor que o pai, e o pai lá se terminava muito bem.

Foi, portanto, ficando em casa. Levantava-se ao meio-dia, e depois via televisão até lá para a uma da noite.

A mãe, coitada, bem queria que ele fosse para a escola. Mas o Altino era agora o homem da casa, e já se sabia impor. Enfim, muito feliz se sentia por o Altino ser sossegado.

-Ao menos não me anda com más companhias - dizia a mãe, pensando na filha de 13 anos que já fugira de casa e chegava para jantar às 9 da noite.

Fui duas vezes a casa dele. Das duas vezes me prometeu que iria para o liceu no dia seguinte; das duas vezes me faltou à promessa. A razão era sempre a mesma:

-Ô Senhor, o que é que eu estou para lá a fazer? Não preciso daquilo para nada! Não é ali que eu aprendo a pescar.

Hoje encontrei-o no corredor do Liceu.

-Então Altino, sempre vieste?

-Estive a pensar que, mais tarde, não quero trabalhar por conta de ninguém. Quero ter o meu barco. Mas como para isso é preciso assinar papéis em inglês...

39. INCORRIGÍVEL

O Avelino é um rapaz de 17 anos, forte e bem parecido. No ano passado fora dado como incorrigível: desobedecia, recusava-se a estudar, não vinha às aulas. Até fora encaminhado ao psicólogo.

Este ano está irreconhecível. Conseguiu ser admitido nas aulas de carpintaria, e, como começou a sentir que estava finalmente a fazer qualquer coisa com sentido, passou a estudar, a vir às aulas, e a ser simpático com os professores.

No outro dia, por lá apareceu no meu costumado cubículo da cave do Liceu.

Expliquei-lhe que, se ele quisesse, poderíamos começar a ter sessões regulares de orientação. Que nestas sessões poderíamos discutir tudo aquilo que o andava a preocupar... Ainda não tinha acabado a minha frase, quando me interrompeu para me dizer, meio envergonhado, que queria sair do *welfare*. *Welfare*? Sim, os pais eram velhos e doentes, e estavam no *welfare*. Ele, como ainda não trabalhava, também recebia. Mas que não queria; que não havia direito de, com 17 anos, estar às sopas do Estado. Que podia trabalhar depois da escola.

O Avelino continuou a falar. Eu só pensava naqueles professores do ano passado que o tinham dado como incorrigível.

X X X

Falei mais uma vez com o Avelino. Que sim, que ia ficar na *escola* até ao fim do ano, que estava mesmo determinado a acabar o Liceu; ia ser difícil, pois formar-se-ia com 19 anos, mas valia a pena.

Passaram-se as férias do Natal. Na 5.^a Feira seguinte, não apareceu no meu escritório para a sessão habitual. Foi fazer algum recado ao pai, pensei eu.

Na outra 5.^a Feira houve feriado.

Hoje, quando cheguei ao Liceu, fui rodeado por dois professores que me acusaram:
-O Avelino vai sair do Liceu.

Encontrei-o no corredor, com a folha de despedida que ia dando aos professores para assinarem. Ele tinha feito tantos progressos... Os professores estavam tão contentes... Só lhe faltavam dois anos... Que é que o fizera mudar de opinião? perguntei eu, sentindo-me culpado e quase ofendido.

-Arranjei um *job* - respondeu ele, atrapalhado. - Vou-me casar dentro de um ano, e quero dinheiro para pagar os *bilos* da cerimónia; não quero que ninguém pague os *bilos* por mim.



40. ENTRE DOIS MUNDOS

Tinha pensado ir visitar a família, depois da escola, antes de ir buscar a minha mulher à Universidade. Mas ninguém estava em casa, e portanto, fiquei com uma hora livre até às quatro horas. Tinha frio e estava cheio de fome. Decidi ir beber um café ao Roger Food. O Roger Food fica na Elm St., mesmo em frente da padaria da tia Joana, e ao lado da *estoa* do Sr. Arnaldo. Sentei-me ao balcão, e mandei vir o café.

Nisto, entra a Assunção. Há já um ano que eu não via a Assunção. A última vez, tinha sido no Learning Center de Springville. Era eu então o Conselheiro Académico do curso nocturno, e a Assunção frequentava o Centro para obter a equivalência do diploma do Liceu. Uma aluna como as outras (mais nova e mais bonita talvez) que não chamava muito à atenção, nem punha problemas.

Uma noite, oiço grande algazarra na entrada do Centro, com gritos, insultos (sua desavergonhada!) e choro copioso. Era o pai da Assunção que a tinha surpreendido a namorar com o Alfredo no intervalo entre duas aulas:

-É isto que vens para aqui fazer, não é? E eu que pensava que vinhas estudar! E os Senhores para aí a consentirem esta vergonha!

Com toda a minha calma, pedi ao pai que, depois de levar a filha a casa, viesse falar comigo. Que não castigasse a filha enquanto não me visse, pois eu tinha muita coisa que lhe dizer. Dentro de 15 minutos lá estava o pai, encarnado e raivoso, pronto a disparar. Ao princípio gritava, mas pouco a pouco pôs-se a desabafar, e acabou quase a chorar. A dificuldade em criar uma filha aqui na América... O medo que ela se perdesse... O que os vizinhos já diziam dela... Tinha-a tirado da escola aos 16 anos para que ela não andasse com rapazes, e arranjar-lhe emprego. Assim passaria o dia a trabalhar, e viria logo para casa. À noite, poderia estudar, mas com gente de mais idade. Quando fosse tempo para se casar, então levá-la-ia a Portugal, que se haveria de arranjar por lá um rapaz "das nossas terras". Mas ontem, descobrira que ela já namorava com este Alfredo há 6 meses, e tudo com o consentimento da mãe:

-Até a minha mulher me enganou!

Ao fim de duas horas de desabafo, o pai foi para casa, prometendo deixar que a filha continuasse no centro, "se os Senhores me asseguram que não deixam cá entrar esse rapaz".

Enfim, tudo isto já se passara há um ano. E agora? Pois a Assunção vinha aqui falar com o Sr. João Rogers sobre o almoço para o casamento. O casamento seria em

Abril, com o Alfredo, claro. Cada vez que se lembrava do que se tinha passado há um ano, até se ria.

-Sabe o Senhor? O meu pai gosta tanto dele! Às vezes até parece que gosta mais dele do que de mim. Mas ainda não podemos sair sòzinhos!

No entanto, essa severidade do pai já não preocupava a Assunção. Via-se, pelo olhar malicioso, que ela tinha encontrado maneira de "conversar" com o Alfredo às escondidas, e que lhe fazia ternura a inclinação que o pai pegara pelo noivo. A preocupação vinha da margem contrária: agora eram os pais do Alfredo.

O rapaz tinha dois empregos, e (veja lá o Senhor!) ainda era obrigado a entregar todo o dinheiro aos pais. Davam-lhe apenas 25 dólares por semana para os cigarros. Estavam a dois meses do casamento, e ele não tinha nada de seu no banco. Que não, que o Alfredo não tinha coragem de dizer nada aos pais. Eles até já lhe tinham dito que, se não estivesse contente, podia sair de casa. Ela que podia fazer! Sempre são pais, não se podia pôr entre eles e o Alfredo!

Eu ia ouvindo, pensando o que esta rapariga, já americanizada (viera para cá aos 6 anos), sofrera da geração antiga. Como ela acabasse de desabafar, perguntei:

-Já acabaste o teu curso?

-Estou quase. Vou fazer o Teste dentro de semanas. Tenho de acabar o mais depressa possível, pois o Alfredo já me disse que não me deixava estudar depois de casada.

41. DESPERDÍCIO

A casa dá para um pátio onde pneus velhos se misturam com potes partidos e traves rejeitadas. Aqui moram os pais do Amadeu.

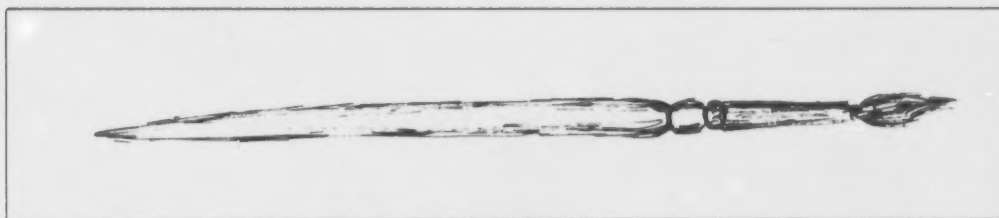
Ele é esperto, mas não se concentra; está sempre na brincadeira e falta continuamente às aulas - tinham-me dito duas professoras no corredor do liceu.

-Não sabe adiar a gratificação - declarara com gravidade um professor de olho freudiano.

O pai era um homem severo e forte, com os pés bem assentes no chão. Uma tristeza infinita lhe passava pelos olhos.

-Que grande asneira fizemos em vir para esta terra - disse-me ele mal nos sentámos e ainda antes de lhe fazer as minhas perguntas. Fechei a pasta, e pus-me a ouvir.

Tivera o seu negócio lá em S. Miguel. Era pintor; mas de interiores, não de exteriores. Restaurava igrejas e palácios, imitava mármore e todas as qualidades de madeira. O pai dele também fora pintor, o avô, o bisavô...na família todos eram pintores.



E o Amadeu? O Amadeu já tinha saído da escola, lá na terra, e aprendia a arte com o pai. O avô, quando um dia o vira trabalhar, tinha até dito:

-Este rapaz vai longe!

Já era tarde. Abri a pasta, e comecei com as minhas perguntas:

-Onde trabalha, Sr. António?

-Na Estrada

X X X

O Amadeu das brincadeiras, aquele que não sabe adiar a gratificação e que nunca se consegue concentrar, aquele de quem todos os professores se querem ver livres, estava na minha frente, no escritório escuro e abafado do liceu.

Tinha-lhe pedido que escrevesse frases a partir de certo número de palavras que eu tinha alinhado. À palavra “triste”, juntou: “estou muito triste com a vida dos meus pais”.

-Que se passa com os teus pais, Amadeu?

-O meu pai hoje não trabalhou. Está a chover. Quando é assim põe-se a *colectar*. São 50 dólares por semana. Tenho medo do Inverno, Sr. Fernando. O meu pai fica em casa todo o dia, e, quando eu chego da escola, está com a cisma. Já sei que hoje me vai dizer que tenho de ir trabalhar, que ele não pode sustentar uma casa com \$50 por semana.

O rosto do Fernando das brincadeiras toldou-se. Pelos olhos passava-lhe o terror da noite que se aproximava. A noite, o Inverno, a chuva e o pai em casa, sem trabalho, a cismar.

42. NA GARAGEM DOS MEDEIROS

A garagem dos *Medeiros Brothers* fica na Elm St. entre o *Fish Market* e o *Tony Barber*. É lá que costumo levar o meu carro, sempre certo que, com um jeitinho, o meu *stara* durará mais um ano, ou que, com um toque, me compõem os *travões* de graça.

Na garagem trabalham os quatro irmãos Medeiros. Mas hoje, quando lá cheguei, deparei também com o Sr. Carreiro.

A primeira vez que vi este homem alto e de cabelos loiros, foi na Sullivan School, quando ele lá fora inscrever o décimo filho no Programa Bilingue. Magro e nervoso, tinha o ar tão deprimido que eu pusera os papéis de lado, e lhe perguntara pela vida.

Desabafara então que uma das filhas tinha sido operada, e que ele tivera que pagar todas as despesas do hospital, pois o seguro ainda não a cobria; que o senhorio andava a ameaçar pô-lo fora de casa, porque os filhos faziam muito barulho; e, como se não fosse pouco, sobrevieram-lhe umas dores de estômago que o não deixavam trabalhar de dia e dormir de noite.

-Estou farto, Sr. Meneses! - concluíra ele, de cabeça baixa e voz embargada. -A vida não passa de trabalho, filhos e dívidas.

X X X

Mas hoje, era um dia quente e limpo de verão. A tristeza dos olhos do Sr. Carreiro também se tinha desanuviado. Estava sujo e suado, mas olhava de frente para a gente, e sorriu-se quando me viu. Pergunto-lhe pela filha que fizera a operação, pelas dores de estômago e pela casa.

O Sr. Meneses ainda se lembra disso? -responde surpreso e contente. -Isso já



passou tudo. Paguei a dívida da operação, comprei casa em Springville e já não tenho dores de estômago.

-Como é que você conseguiu tudo isso num ano, homem?

-Olhe - responde orgulhoso e satisfeito, trabalho agora nos Medeiros, e ainda faço uns biscatos por fora. Dou-lhe às vezes 11 horas por dia. Os meus dois mais velhos também já ajudam. Um até aqui trabalha comigo na mesma arte. Agora sim que se respira.

Respirar com 11 horas de trabalho por dia, admirei-me eu, filosofando. Talvez seja esperança, não o tempo livre, aquilo que nos deixa respirar.

X X X

Nisto chega o Zé Freitas num grande Chevrolet. Eu tinha visto o Zé várias vezes lá pelo liceu. Sabia que já estava no último ano, e que viera em Janeiro de Ponta Delgada com o 6.º ano feito. Mas nunca tinha tido oportunidade de falar com ele por muito tempo.

-Então já foste aceite nalguma Universidade? - digo-lhe eu com a rotina de quem pergunta pela saúde.

-Ainda não - responde, afastando-se comigo dos pais, como quem quer desabafar. E começa-me então a contar o que lhe acontecera com o conselheiro do liceu: Logo que tinha chegado à América, em Janeiro, fora ao conselheiro para se matricular na Universidade. Preenchera a *aplicação* e "aquele safado" prometera que a mandaria juntamente com a dos outros colegas. Dois meses depois, viera-lhe ele aflito, dizendo que a *aplicação* desaparecera, e que já era tarde para mandar uma nova.

-E agora, Zé? - pergunto, contendo a ansiedade que me veio ao pensar nas consequências da distração dum conselheiro.

-Agora ainda me posso inscrever para Janeiro - responde, desiludido. Mas não sei se aguento tanto tempo.

-É difícil aguentar estes três meses, não é, Zé? - comento sem saber bem onde estava a dificuldade.

-Olhe ali o filho do Sr. Carreiro - atalha, indignado.

-Éramos amigos já lá em Ponta Delgada, mas ele nem sequer acabou o 5.º ano. Logo que cá chegou, pôs-se a trabalhar na garagem, e agora já ganha cinco dólares por hora. Eu sei lá porque é que quero ir para a Universidade! Se calhar vou mas é trabalhar.

Nisto, o filho do Sr. Carreiro aparece à porta da garagem e chama o Zé para que ele diga o que tem "aquele bate-latas do teu Chevrolet."

Vou então ter com o Sr. Carreiro que ainda mourejava no meu Renault.

-Então isso vai ou não vai. Sr. Carreiro? - atiro eu, mais alto do que do costume, para desanuviar o peso que o Zé Freitas me tinha deixado.

-São só mais cinco minutos, Sr. Meneses. Este cabo está aqui enrascado...

E lá me vai explicando donde é que vinha o cabo, porque é que se tinha enrascado e porque é que ganhara ferrugem.

A mãe do Zé Freitas, senhora de forma avolumada e paciência curta, é que já estava farta de esperar:

-Ó Zé, despacha-te! - grita ela, decidida a pôr tudo em movimento. Aqueles dois - continua a Sra. Cândida para quem queira ouvir, referindo-se ao Zé mais ao filho do Sr. Carreiro - aqueles dois, quando se põem juntos à volta dum carro, nunca mais largam! Olha que eu tenho a fazer a *marqueta*, rapaz!

-Sorte tem ela - digo eu para o Sr. Carreiro. Quer dizer que o filho é trabalhador.

Ná! - responde o Sr. Carreiro como quem sabe o segredo. -Aquele não trabalha. Só quer é estudar. Não faz nada!



43. ELE SÓ QUER BRINCADEIRA

A lista de acusações contra o Hermínio era imponente: que não participava nas aulas, que perturbava os outros rapazes, que atirava papéis, que chegou a acender um cigarro na aula, que se irritava por tudo e por nada, que talvez estivesse a tomar drogas, e por aí em diante.

Fui falar com a mãe.

Eram do Nordeste de S. Miguel. O pai morrera num desastre de automóvel: estava bêbado e atravessara-se na estrada, de noite. Quando se casaram não se conheciam; fora casamento arranjado (eu sabia como eram as coisas lá em Portugal antigamente, não sabia?). Mas enfim, como ela ia dizendo, quando o marido estava em casa, batia-lhe a ela e aos filhos. Um dia, estava o marido a comer, quando o Hermínio, com os olhos grandes de fome se lhe chega de mansinho e pede uma sardinha. O pai (esse desnaturado!) pega nele e atira-o pela janela fora. Chegou a ir ao hospital, onde ela estava à espera de bebé para lhe dar pancadaria. O que valia era que passava muitas temporadas fora de casa: às vezes iam-no encontrar a cair de bêbado com a faca na mão a gritar que matava o primeiro que se atrevesse. Como lhe não dava dinheiro, ela tinha que se terminar sòzinha; fechava os filhos em casa e ia trabalhar para os campos, à jorna.



Fora a irmã que a tinha mandado chamar para os Estados Unidos. Visto que já não podia trabalhar no campo (dera-lhe o reumático!) viera, com a esperança de arranjar na América um trabalho mais maneirinho.

A Senhora Maria Angelina levanta então para mim os olhos a transbordar de paciência, e desculpa-se:

-Mas eu agora não posso trabalhar, Sr. Professor. Tive um ataque de coração.

X X X

A filha mais velha, a Luísa é quem sustenta a casa. Trabalha no *shop dos candinhos*, explicava a Senhora Angelina. Mas está muito doente:

-Anda-se-me sempre a queixar de dores de estômago e duma pontada nas costas.

Que devia ter sido dos choques, concluía a mãe resignada. Choques? Sim, quando eram pequenos, tinha o Hermínio 7 anos, apareceram, na cabeça de todos os seus filhos, umas impigens que era um horror de ver. Durante ano e meio tinham ido todos os meses ao hospital para levar os tais choques:

-Chegavam a casa meio tontinhos, coitados!

O Hermínio fizera a 4.^a classe lá em Portugal. Depois, fora trabalhar para as rezes: estivera lá dois anos. Quando chegou à América, ainda não tinha 16 anos, e portanto, teve que ir para a escola. Mas agora ele tinha de ir trabalhar, afirmava a mãe com decisão. A irmã já não podia mais, só tinham dívidas (o bilhete que os trouxera ainda não fora pago), e nem sequer dinheiro para comprar mobília tinham! Aquela que eu ali via fora apanhada no lixo! Que aquilo assim não podia continuar! Estava a ser injusta para a filha Luísa.

-E o Hermínio gostará de trabalhar?

-Ó Sr. Professor, quando lhe falo nisso, começa-me a chorar! Diz que quer estudar, que não quer ser como um ninguém!

X X X

Levantei-me. Sentia-me cansado e deprimido. A grande impotência daquela família, sem pai e com a mãe doente, tinha-se apoderado de mim.

Quando me ia a despedir, a Senhora Maria Angelina, de olhos ansiosos e suplicantes, pega-me na mão:

-Sr. Professor, o meu Hermínio é como quem não tem pai. Eu não sei o que ele faz de portas para fora. Se o senhor o pudesse orientar...

X X X

O Hermínio quer continuar na escola contra a vontade da mãe e da irmã. Quer ser alguém. Mas, na escola, não estuda, falta a muitas aulas e está sempre metido em sarilhos. Não se trata de falta de *memória*. Ele é esperto e sabe tanto como os outros.

-Precisa de atenção individual - decidimos nós então. Não consegue controlar-se no meio dum grupo grande.

Mudámos-lhe portanto o horário, e passou a ter três períodos por dia de explicações individuais.



Mas o Hermínio começou a faltar às explicações, a fugir da professora e a chegar sempre tarde.

O decano da disciplina está farto, e quer suspendê-lo:

-Para que é que ele quer ficar na escola se parece estar a fazer tudo para ser suspenso?

A explicadora anda desesperada:

-Não posso andar pelos corredores à cata dele! No outro dia disse-me, na cara, que não vinha para a aula.

-O que é que se passa, Hermínio? - perguntei eu numa das nossas sessões. - Se queres ficar na escola e ser alguém, porque é que faltas às explicações? Porque é que não aproveitas as oportunidades que aqui tens?

-Ó Senhor! O que eu quero é estar com os outros! - respondeu-me ele, irritado por eu não compreender o evidente.

Comecei a perceber. Tinha-me esquecido que o Hermínio trabalhara desde os 9 anos.

X X X

A primeira vez que eu visitara a mãe do Hermínio, ela tinha-me dito:

-O Hermínio tem de sair da escola: ainda nem comecei a pagar o dinheiro que devo por causa das passagens.

Eu, indignado, pensei que o futuro do Hermínio era mais importante que a dívida.

Noutra altura, a mãe desabafara:

-Tenho de arranjar um trabalho para o Hermínio. A minha filha mais velha já não pode mais; já até ameaçou que, se o Hermínio não trabalhar, ela também o deixará de fazer.

Eu compreendi, mas disse que talvez se pudesse arranjar um trabalho depois da escola.

Ontem, na reunião, a mãe decidiu:

-O Hermínio tem de começar a trabalhar. Em Portugal, vinha cansado do trabalho, mas estava alegre e pensava na vida. Agora, só quer brincadeira. Chega a casa e nem sequer me vai fazer recados. É só discos e *televeijon*.

Eu fiquei arrependido de me ter indignado da primeira vez que falei com a mãe do Hermínio.

O Hermínio saiu hoje da escola.

CONDENADOS

Condenado pelos médicos



44. A PEÇA DE MUSEU

O Francisco foi o primeiro pequeno que me encomendaram em Olive Valley. Os médicos tinham-lhe diagnosticado *Leucemia*, com um prognóstico de 5 a 7 anos para viver.

Os pais eram das Beiras, mas apenas se casaram tinham ido para Moçambique. O pequeno, de 7 anos, já tinha longa experiência de médicos e hospitais. Aos 4 anos partira uma perna em Lourenço Marques, que ficara mal soldada, infectara e o pusera às portas da morte. Quando aqui chegou aos Estados Unidos, foi esse diagnóstico de *Leucemia* dado de chofre pela intérprete.

-Se ao doente se lhe diz de chofre a doença que tem, mais doente fica, Sr. Meneses - dizia o pai, irado. -Lá em Portugal, preparam o doente, e nunca se diz à mãe que o filho lhe vai morrer!

Ontem o pai levou o Francisco ao hospital, pois, sem que o médico o tornasse a ver, não podia continuar a ter ginástica especializada.

Hoje, cá tive o pai do Francisco, triste, de olhos baixos, a conter uma ira cansada e impotente.

-Então que disse o médico, Sr. Antero?

-O costume - respondeu ele de olhos baixos. -Olhou para o Francisco, fê-lo andar um pouco, e depois chamou os estagiários. Eram 10, todos à volta do meu filho, com o médico a ensinar não sei o quê.

O Sr. Antero levantou então os olhos, já rasos de lágrimas, e suspirou:

-Ontem o meu filho foi uma peça de museu, Sr. Meneses!

Que lhe disse o médico, Sr. Antero?

-Ninguém me dirigiu palavra durante as duas horas que lá estive.

45. LAWRENCE WELK

O Francisco anda cada vez mais fraco. Não corre no recreio, e deita-se no chão assim que chega à aula. Chamei o pai ao escritório, e expliquei-lhe todas as vantagens que teria em inscrever o filho na Sociedade de Leucemia. Eles examinariam o Francisco regularmente, forneceriam todos os remédios que ele precisasse, até pagariam as transfusões. O pai, com o seu olhar paciente e firme de beirão, concordava. O pior era a mulher, acrescentava ele pensativo. Ela ainda não acreditava que o pequeno tivesse essa doença. Quando lhe falava nisso, punha-se a chorar, e batia-lhe com a porta na cara.

Como o Sr. Antero trabalhava de noite e a mulher de dia, eu só podia encontrar a família reunida aos fins de semana. Combinámos, portanto, que os iria visitar sábado à noite para poder explicar à mulher as vantagens de inscrever o filho na Sociedade.

Quando entrei, estava toda a família reunida na *parla* a ver o Lawrence Welk na grande televisão a cores. Lá estava o Francisco, com os irmãos José e Pedro, os três a reboarem-se pelo chão; a Lucinda, com os seus 7 anos cheios de juízo, aprendia crochet com a mãe; e a avó, a Senhora Adília, toda vestida de preto, espalhava um sorriso benevolente a transbordar de serenidade antiga.

O pai, envergonhado do Lawrence Welk, desculpou-se:

-É a única coisa que a gente percebe, Sr. Meneses!

46. A MARMELADA

Fui-me deixando ficar, a saborear aquela cena, e a renovar-me na serenidade da avó. Ofereceram-me um whiskey: a família tinha vindo de Moçambique, esclareceu o pai. Eu não me resolvia a falar sobre o assunto que ali me trouxera. Teria que mandar os filhos lá para dentro, e interromper aquele serão com uma chicotada de amarga realidade.

Por volta das 9 horas, as duas senhoras desapareceram, e dali a pouco, tínhamos a mesa posta para a ceia. Lá estava o queijo da serra, a linguiça, o pão cozido pela mãe, e a malga de marmelada. Mas marmelada autêntica, de marmelo e não de laranja. Há tanto tempo que eu não comia marmelada! Fiz-lhe uma grande festa, e começámos a contar histórias:

-Quando tinha 10 anos - avancei eu - fechei-me uma vez na dispensa, e comi uma malga inteira.

-O meu Mariano -acrescentou a avó sorrindo de saudade -foi-lhe uma vez com o dedo e rapou tudo, por debaixo, deixando só a camada de cima.

O Sr. Antero, esse, descreveu como as vizinhas, lá na terra, punham as malgas de marmelada no parapeito das janelas para secar ao sol. Um rapaz amigo ia com um pau comprido, e arrastava-as, enquanto o Antero, tinha ele 10 anos, as amparava cá em baixo.

-Garotos! - concluiu a avó.

47. O BURACO

Da marmelada passámos para Moçambique.

-Então também estive em África, Sra. Adília? - perguntei eu à avó que já enxugava a sua lágrima.

-Se estive! - respondeu de lá o Sr. Antero. -Como tinha ficado sózinha na terra - explicou -mandei-a vir para o pé de nós: sempre se entreteria com os netos. Mas, passados uns meses, não aguentou mais. Todos os dias suspirava pela terra: "Quero ir para o meu buraco, quero ir para o meu buraco!"

Todos se riram. A Sra. Adília, envergonhada, respondeu:

-Credo!

-Então lá lhe pagámos os bilhetes - continuou o Sr. Antero - e voltou para o buraco. Passados dois anos, fomos a férias. Quando nos estávamos para ir embora, perguntei-lhe, se queria vir connosco. "Se quero!" respondeu-me ela muito depressa, e mostrou-me a mala feita que pusera debaixo da cama.

-Eu já não podia viver sem os netos, Sr. Meneses! - desculpou-se a Sra. Adília.

Lá voltou ela então para Moçambique. Mas as coisas começaram-se a pôr mal, e os Costas decidiram vir para os Estados Unidos.

-Foi uns meses antes do 25 de Abril, Sr. Meneses - explicou o Sr. Antero que, com o gesto, pedia que lhe passassem a língua. -Todos me chamaram medroso naquela altura: "o que é que vais fazer para a América?", "Lá não se fala a nossa língua!", "Vais te ver à brocha para arranjar emprego!" Mas eu, ná! Isto aqui qualquer dia rebenta. Deixa-me sair daqui para fora enquanto o tempo! A nossa velhinha é que ficou desconsolada. Queria ficar ao pé dos outros filhos que estavam em África (o Justino e o Mariano), mas lá a convencemos.

-No dia do embarque - interrompeu a nora meio a sorrir - pôs-se tão nervosa que até ficou doente, e teve de ficar em terra. Só cá chegou três meses depois.

-E então agora, Sra. Adília, gosta disto? - perguntei eu para dar à pobre senhora a oportunidade de falar.

-Ah eu agora não me ralo - diz ela com ar de vencedora. -Por causa da guerra da África o meu Justino e o meu Armando também vieram cá ter. Aos Domingos de Verão, vamos todos para a praia. Às vezes, são cinco automóveis de carreira, só com os meus filhos e netos!

-E a gente depois vai à pesca dos caranguejos - interrompeu de lá a Lucinda que agora já percebia do que se estava a falar.

48. OS MÉDICOS É QUE SABEM

Acabámos a ceia. Os pequenos foram-se deitar, e fiquei por fim sòzinho com os pais.

Expliquei-lhes o que sabia sobre a sociedade de Leucemia, enquanto a mãe, de olhos no chão, ia enxugando a lágrima.

-Tudo o que fôr preciso para o meu filho - conclui ela resignada. -Mas ainda me custa acreditar que ele tenha essa doença.

Falámos então sobre as dúvidas que ela ainda tinha. Primeiro os médicos: Eram uns garotos! Um até tinha calças de ganga; nem bata branca nem nada; haveria de arranjar outro trabalho, amealhar dinheiro suficiente para ir a Portugal, e levá-lo aos nossos médicos. Depois a intérprete; se calhar nem percebia bem o que se lhe dizia. Quisera explicar tudo o que o filho passara por causa da perna lá em Moçambique, mas não a tinham deixado!

-Até me mandaram calar. Disseram-me que os médicos é que sabiam.

Há um ano e meio que a Sra. Natália anda a tentar dizer aos médicos o que o filho sofrera lá em Moçambique, mas ninguém acha que é preciso.

49. UM RESTO DE ESPERANÇA

Fui finalmente à Sociedade de Leucemia com o Francisco e os pais. A médica, senhora muito nova e cheia de paciência, examinou o Francisco, e ouviu tudo o que os pais tinham a dizer. Via-se que ela não tinha dúvida nenhuma sobre o diagnóstico do pequeno. No entanto, por escrúpulo, disse-nos que queria mandar fazer mais uma análise de sangue, antes de dar a sua opinião. Nos olhos dos pais via-se um resto de esperança que se animava. Eu pensava, com admiração, na delicadeza da médica que não queria dar o veredicto logo na primeira entrevista.

A médica saiu, e entrou o Assistente Social. Sem mais introduções, começou a dar conselhos práticos sobre o modo de tratar pequenos com leucemia. A médica esquecera-se de dizer ao Assistente Social que ainda não tinha confirmado o diagnóstico.

Quando saímos, já não se via nos olhos dos pais o resto daquela esperança.

50. SEM PALAVRAS

O Francisco vem ao meu escritório duas vezes por semana. Às vezes brinco com ele, outras vezes mando-lhe fazer um desenho, ou trabalhar em plasticina: qualquer coisa que ele possa fazer com as mãos, pois o Francisco não fala. Não fala com a professora, não fala com os outros alunos, não fala com a tia Amélia e não fala comigo.

-Em casa não se cala, o malandro! - disse a mãe exasperada. -Tem vergonha de falar inglês - acrescentou o pai. -Foi pena ter mudado de professora, pois no ano passado já estava habituado à Sra. Da. Matilde e já falava com ela.

-Foi uma cisma que lhe deu - diagnosticou a avó, certa.

Hoje mandei-lhe fazer um desenho sobre ele mesmo. Que pintasse o que quisesse.

O Francisco não fala, mas, no papel, desenhou um cemitério com muitas cruzes. No centro estava o caixão com um menino deitado de mãos cruzadas.

51. A MÃO

Para vêr se conseguia que o Francisco falasse comigo, decidi ir um dia ao Jardim Zoológico com ele e o pai. Como falava tanto em casa, pensei que talvez no Jardim Zoológico, distraído e contente, me envolvesse no círculo dos que eram dignos da sua voz.

Visitei a família, e expliquei o meu estratagema. Todos concordaram, e, contentes com a nossa esperteza, marcámos o passeio para a segunda-feira seguinte, às nove horas.

As nove horas em ponto, o carro do Sr. Antero da Costa pára à porta da escola. Qual não é o meu espanto quando, ao entrar para o carro, vejo a tia Amélia, com quem o Francisco não fala, mais a avó.

-Quiseram aproveitar o passeio - desculpa-se o Sr. Costa, atrapalhado. E a avó, para justificar a sua presença:

-Se não quero vêr se tu agora falas com o Sr. Meneses, ó Francisco!

A tia Amélia concorda:

-O Sr. Meneses para aqui com tanto trabalho, e tu com a tua teimosia!

Claro que o Francisco não falou.

Mas durante todo o tempo que estivemos no Jardim Zoológico, não largou a minha mão.

52. SONHO DESFEITO

À volta, fiquei sentado ao lado da tia Amélia. Tinha os seus 45 anos, e via-se que era senhora de trabalho e decisão. Era a mulher de Justino ("o meu mais velho", precisou a avó), e chegara de África há uns meses. Vivera 25 anos em Lourenço Marques ("Aquilo é que era uma cidade!") e tivera que fugir da guerra.

-Gostava de lá viver? - inquiri com a certeza de estar a encorajar a descrição de mais um drama.

-Se gostava! - animou-se logo a tia Amélia. -Mas ao princípio foi difícil. Eu, lá na terra, a única coisa que sabia fazer era cozer pão. Quando cheguei a Lourenço Marques passava o dia a fazer pão na minha cozinha, e depois vendia-o a esses senhores da alta.

-O Sr. Meneses há-de provar o pão dela! - comentou a avó com ar de quem sabe. -Já lá na terra se dizia: não há pão como o da Amélia!

-Mas enfim, não dava era muito dinheiro - continuou a padeira. -Aquilo só dava se fosse assim em grande. Então, o meu homem mais eu, pusemo-nos a amearhar, para comprar casa e fazer padaria a sério. Olhe que, durante todos aqueles anos, nunca fomos a Portugal de férias; era sempre poupar, com os olhos na casa.

-O seu homem o que é que fazia? - perguntei eu, já interessado.

-Trabalhava numa casa de cerâmica - respondeu ela depressa, com medo de perder o fio à meada. -Mas, como ia dizendo, poupámos durante 23 anos para comprar a casa. Conseguimos finalmente o nosso sonho: no primeiro andar fizemos a padaria, no segundo andar era onde vivíamos. O Justino até deixou a fábrica para trabalhar comigo.

-E a coisa estava a dar?

-Se estava! Tive que empregar mais três raparigas. Com o dinheiro que ganhámos naquele ano, decidimos tomar as nossas primeiras férias, e ir a Portugal. Já tínhamos comprado bilhetes e tudo. Mas nisto, vem o 25 de Abril. Os da FRELIMO vêm para a cidade, e começam a acupar as casas vazias. Com medo que nos fossem ocupar a nossa padaria, devolvemos os bilhetes, e decidimos ficar, até vêr.

-Ainda aguentámos 5 meses - continuou a Sra. Amélia, como que tem ainda muito que contar. -Um dia, estava o Justino sózinho na padaria, quando uma bala, vinda não se sabe donde, o atinge no braço. Fechámos logo a padaria, e pusemo-nos a pensar em fazer as malas. 15 dias depois, estávamos em Lisboa.

-E a padaria? - perguntei eu, impressionado com o sonho que se desfez.

-Para lá deve estar! Nunca mais soube de nada! -E, olhando para a janela, para esconder alguma lágrima, concluiu, com simplicidade e sem drama:

-Uma vida inteira desperdiçada!

Condenado pelos professores



53. CULPAR A VÍTIMA

O Gonçalo já está no programa regular americano. Os avós, os pais, os professores, todos quantos conhecem o Gonçalo, recomendaram que ele fosse avaliado pelos psicólogos. Mais: que fosse também avaliado pelos psiquiatras, pelos neurologistas...por todos. Já fugira de casa duas vezes, dizia-se que roubava, que mentia, que faltava quase todos os dias à escola, que não se podia confiar nele.

-Se é assim aos 11 anos, que será mais tarde! - suspirava o avô com gravidade.

Na terça-feira, o professor mandou-o ao escritório, de castigo. Passei por ele, e perguntei o que se passara. Tinha assobiado na aula.

Não voltei mais àquela escola até sexta-feira. Quando cheguei nesse dia de manhã, surgem o Director, o Vice-Director, o Professor, e, em uníssono, acusam-me:

O Gonçalo nunca mais veio à escola desde terça-feira.

Fui à procura dele. Encontrei-o a rondar o campo de futebol, de mãos nos bolsos e cabeça baixa. Convenci-o a vir para a escola. De caminho, contou-me o que se tinha passado na terça-feira: Estivera mais de uma hora no escritório; o professor, se calhar, tinha-se esquecido dele, e portanto, resolvera ir-se embora. Depois, no dia seguinte, tivera vergonha de aparecer diante do professor.

Parei e olhei para o Gonçalo. Tinha olheiras fundas, e bocejava continuamente.

-Sentes-te bem, Gonçalo?

-Hoje quase não dormi. O meu pai entrou tarde, vinha bêbado, e passou a noite aos berros. Quis bater na minha mãe, eu pus-me no meio, e levei porrada.

54. VIDA NOVA

- Como estás hoje, Gonçalo?
- Tenho vindo todos os dias à escola!
- Estás contente?
- Sim, mas sei muito pouco.
- Havemos de te arranjar uma explicadora, Gonçalo. Ela ajudar-te-á em tudo o que tiveres dificuldade.
- O meu pai, ontem, chegou outra vez bêbado a casa.
- Ficaste muito triste, não ficaste?
- Sr. Fernando!
- Sim?
- O Senhor quer vir ver-me jogar futebol no Domingo? Se calhar está muito ocupado... Vamos jogar contra os Boys Scouts, no Corn Field!

55. CONFIANÇA

Na altura, eu ainda não sabia onde ficava o Corn Field; ficou portanto combinado eu aparecer no Clube Faialense, Domingo ao meio-dia. Seria dali que todos partiríamos.

O clube ficava no primeiro andar duma casa da Washington St., lá para os lados de Springville. Havia uma sala grande com mesa de ping-pong, e um cochicho onde se vendia vinho e cerveja.

Quando cheguei estavam os pequenos, todos eles à volta dos seus 11 anos, sentados ao redor da mesa de ping-pong. Em cima da mesa viam-se 11 moedas de cada lado a simularem os jogadores. O Sr. Jacinto, rapaz dos seus 22 anos, com mão certa, ensinava a tática, movendo as pedras. Silêncio profundo.

Acabada a aula, o treinador foi ao bar, e veio de lá com o Sr. Silva.

-É o Vice-Presidente do nosso clube - apresentou o Jacinto.

Depois dos cumprimentos, o Sr. Silva dirigiu-se aos rapazes: que não interessava ganhar ou perder; o que era importante era jogar bem; que, se perdessem, deviam cumprir os vencedores; que temos que mostrar a nossa educação, rapazes! Ao finalizar a homilia, perguntou-me se eu também queria dizer umas palavrinhas. Eu não quis, obrigado.

Ainda estava eu a desculpar-me, quando entrou o Sr. Justino, o Presidente. Via-se, pela cara contente e rosada, que tinha mesmo acabado o almoço domingueiro. Vinha bem posto, de gravata, com sobretudo às costas. Podia dizer umas palavrinhas, sim senhor! Pôs o sobretudo na cadeira, e insistiu em que não deviam ir todos à bola ao mesmo tempo; passagens largas, passagens largas é que era preciso; mas, sobretudo, nunca discutir as decisões do árbitro.

-Temos que mostrar a nossa educação, rapazes! - concluiu.

Fomos para o Corn Field. Como o Gonçalo era o Guarda Redes, e como os Boys Scouts raramente passavam do centro, pus-me a falar com ele.

-Eu sou apenas guarda redes sobresselente - confessou-me o Gonçalo. -Mas hoje, como o Sr. Fernando cá estava, o Sr. Jacinto deixou-me ficar todo o tempo.

Eu pus-me a pensar na confiança que o Faialense depositava neste rapaz quase perdido. Como que adivinhando o meu pensamento, o Gonçalo suspirou:

-É pena é não vir nenhuma bola! Senão, o Sr. Fernando e o Sr. Jacinto é que haviam de vêr. Aqui hoje não entra nenhum golo!

56. BECO SEM SAÍDA

Segunda-feira, avisaram-me da Sullivan School que o Gonçalo fugira outra vez da escola. Que tinha ido ao pequeno almoço, e que depois escapara.

À hora de jantar, telefonei para ele. Que ainda não tinha chegado, respondeu a mãe, já aflita.

Terça-feira, de novo me declararam que o Gonçalo não aparecera na escola. O irmão mais novo, que estava no Jardim Infantil, contou que o Gonçalo tinha chegado tarde a casa, mas que, esta manhã, o tinham vindo trazer à escola.

Vou à procura dele. Ao virar a esquina da Washington St., vejo-o, ao longe, a raspar-se. Começo a correr. Um homem, que descarregava a camioneta, aponta-me para a direita. Uma senhora, que saía da loja com o filho na mão, indica uma ruela. Vou ter a um beco-sem-saída. Ao fundo, sentado no degrau da porta, de cabeça baixa, o Gonçalo esperava que o mundo desabasse.

Ainda ofegante da correria, sentei-me a arfar. Esperámos uns bons cinco minutos, em silêncio.

-Ontem, levei o meu irmãozinho ao refeitório, e fiquei à espera dele para o levar para a classe. A ajudante disse que eu não podia estar ali sem comer. Eu respondi que tinha que esperar pelo meu irmão, mas ela não quis saber, e pôs-me fora. Eu fiquei muito zangado, e fui para a rua passear.

-E ficaste todo o dia cá fora?

-Eu queria vir para dentro, mas tive vergonha do professor.

-Ontem à noite, chegaste tarde a casa.

-Eu sabia que o Sr. Fernando ia falar para lá, e tive vergonha.

-E hoje?

-Hoje, toda a gente deve estar zangada comigo.

O Gonçalo desatou a chorar.

57. SOLIDÃO

O Gonçalo estava a chorar num canto do escritório da escola. Professores e visitas entravam e saíam. Um professor usava a máquina de cortar papel, outro falava ao telefone; duas visitas conversavam com a secretária; o Vice-Director discutia animadamente com o Director. O Gonçalo, no canto, atrás da mesa atulhada de papéis, continuava a chorar. Era como objecto perdido que já ninguém reclama.

-Que se passou, Gonçalo?

-O professor de Ciências tirou-me todos os meus recortes dos jogadores de hóquei! Desde o princípio do ano que eu os andava a recortar dos jornais.

-Estavas a brincar com eles?

-O Rui tinha-mos pedido, e eu ia a passar-lhos.

Fui falar com o professor de Ciências. Que o Gonçalo só perturbava a aula, que se recusava a fazer qualquer trabalho, que estava sempre à bulha com os outros alunos, que era insuportável. Depois de ouvir a longa e irritada ladainha de acusações, perguntei de chofre:

-Do you like Gonçalo?

-I can't stand him!

58. SERES HUMANOS

Encontrei-me hoje com o professor de Ciências no corredor.

-O Gonçalo está outro - disse-me, contente e de olhos a brilhar.

-Trabalha, comporta-se bem...até já gosto dele.

Mas mal entrei no escritório, lá vi o Gonçalo outra vez, de castigo, no canto do costume, de beiços cerrados e respirar ofegante.

-Não fui eu que comecei - gaguejou ele, antes que lhe perguntasse alguma coisa.

-A Pat chamou-me *Porugee*; eu não podia ficar quieto. O *Pote de Barro* manda sempre as culpas todas para mim, e só a mim é que castiga.

Tive que sair dali para não desatar às gargalhadas. O *Pote de Barro* era a professora de Leitura. Senhora de meia idade, de cabelos ruços e cara congestionada; estava mesmo a calhar.

Fui falar com ela. De novo me declamou, irritada e frustrada, a conhecida ladainha de acusações contra o Gonçalo. De novo ouvi a conclusão:

-Não gosto do Gonçalo, não posso com ele.

De novo tentei explicar à professora que ele era um ser humano, que simplesmente se não portava como o menino bem dos subúrbios.

Tivemos uma reunião os três. Reconciliação e promessas. Quando me vim embora, olhei para o *Pote de Barro*: também ela era um ser humano.

59. À ESPERA DA PROVA

O Gonçalo também conhece o Jimmy.

-Ele quer matar-me - dizia o Gonçalo meio a rir. -Uma vez o Jimmy mais o grupo dele roubaram-me todo o dinheiro que levava. Mas no dia seguinte encontrei o Jimmy sozinho; dei-lhe pancadaria, e pus-me a fugir. Agora anda atrás de mim.

Fui falar com uma das professoras. Que sim, que era verdade que o Jimmy mais o seu grupo tiravam o dinheiro que os pequenos da primeira classe traziam para o lanche; que o grupo tinha partido os vidros de muitas casas de portugueses; que não deixavam os portugueses irem para a piscina da escola, durante o verão.

-Mas então não se faz nada? - perguntei eu, ingénuo.

-Esse rapaz é de gelo, e os pais dele ainda estão convencidos que é tudo mentira. Se quiser fazer alguma queixa, documente-se muito bem, que o pai é pessoa para o levar ao tribunal.

-E a polícia? - insisti eu.

-A polícia também ainda não tem provas.

Fui-me embora. Pensava nos grandes impérios da Mafia construídos sob os olhos duma multidão à espera de provas, com medo da evidência.

60. CONTENTE

Tive hoje a minha sessão regular com o Gonçalo. Um dos pontos que discutimos foi a possibilidade de ele, ainda este ano, passar para a quinta classe. Se ele se portasse bem, claro.

No fim da sessão, levei-o ao salão de actos onde a classe dele estava a ver cinema.

Duas horas depois, precisei de ir falar com o professor. Ainda estava eu na porta, quando o Sr. O'Brien me grita, danado, lá da secretária:

-What have you done to Gonçalo? Since he left you he has been jumping and singing all around. They even had to leave the Auditorium before time!

Chamei o Gonçalo ao corredor.

-O que é que se passou, Gonçalo?

-Eu sei que fui mau, mas estava tão contente, depois do Senhor me dizer que eu podia ir para a 5.ª classe... Só me apetecia cantar!

61. COMO FAZER AMIGOS

É difícil para ti fazer amigos? - perguntei ao Gonçalo no meio dum teste de personalidade.

Respondeu logo que não, contente e seguro. Ainda ontem tinha visto um rapaz preto que morava perto de sua casa. Perguntou-lhe se queria ser amigo dele, o preto respondeu que não, pois não o conhecia.

Então, continuou o Gonçalo, ele empurrou o preto, o preto empurrou-o a ele, e começaram a bulhar. A certa altura parou, e disse ao preto:

-Uma vez que bulhamos, também podemos ser amigos!

-É assim que eu, às vezes faço amigos - concluiu o Gonçalo com cara de conhecedor.

Condenado pelo patrão



62. À RASCA

O Simão Tavares é um rapagão de 14 anos. Alto, pesado e de bigode a despontar, anda sempre vestido de azul, à mecânico. Mandaram-no a mim, porque, coitado, estava no liceu, e ainda não sabia ler nem escrever.

Lá em Vila Franca, explicava ele com naturalidade, repetira três vezes a primeira classe, e duas vezes a segunda. Depois da escola? Depois da escola, ia esperar pelo pai que era pescador e tinha um barco com os tios. Enquanto os homens contavam o peixe, ele lavava os barcos. Agora também trabalhava: ia para a *estoa* do Sr. Arnaldo todos os dias depois das aulas.

O pai agora trabalha no *shop* dos sapatos. Mas aqui há um mês comprou um *boat* com o tio e o padrinho. Nos fins de semana, vão sempre à lagosta.

-E tu, o que queres ser, Simão?

-Mecânico.

-Mecânico?

-Sim, para arranjar o motor do nosso *boat*. Ando à rasca para ver se aprendo alguma coisa para ajudar o meu pai no *boat*.

63. A VIDA DO MAR

O Simão vive numa casa mesmo ao lado do *Patucho*. A campainha não funciona, e portanto, tive de esperar uns 10 minutos, até que a mãe me ouvisse. A Sra. Olívia veio finalmente à porta. Era senhora dos seus 50 anos, muito forte e muito escura, mas com uns olhos azuis a transbordarem de ternura.

A casa era pobre e velha, como aquelas casas da Washington St., mas todas as janelas tinham cortinas azuis, e não havia mesa que não tivesse a sua toalheta de renda. Fomos para a cozinha, e lá nos sentámos à mesa, depois de pormos para o lado o cesto de frutas artificiais.

-O Simão? Ó meu rico senhor, ele não tem a memória toda! Foi tudo por causa do susto.

E a Sra. Olívia, com os olhos já a brilharem de saudade, passa-me a contar o susto: Lá em Vila Franca, o marido era pescador. Juntamente com os irmãos, tinham comprado um rádio emissor para que, dos barcos, pudessem anunciar para casa se traziam peixe ou não. Estava ela então de 7 meses à espera do Simão. Um dia, liga o rádio, como de costume; ouve as vozes de todos os barcos, e põem-se todas à escuta. De repente, o marido grita por socorro; apanha tal susto que cai redonda no chão.

O marido lá se salvara, mas ela, daí por diante, sentira-se sempre muito mal.

Quando o Simão nasceu, trazia apenas um quilo, "coitadinho do meu menino!"

-A vida do mar é assim, meu rico senhor!

64. AO BATER DA MEIA NOITE

Até o Simão ter dois anos, continuou a mãe a contar, levava-o todos os dias ao dispensário. Um dia ele estivera quase a morrer. A enfermeira dera ao Simão uma injeção forte, e dissera à mãe que, se o menino resistisse até à Meia-Noite, estaria salvo. Senão...

-Fomos para casa, meu rico senhor, e estivemos toda a tarde à roda dele. Lá para as 10 horas, eu já não podia mais. Disse ao meu homem que me ia deitar, e ele que me acordasse dentro de 10 minutos. O meu homem não fez caso. Deixou-me dormir até começar a tocar a Meia-Noite. Acordou-me então, e disse: "Olívia, já é meia-noite, e o menino ainda mexe." Fui a correr para o quarto dele. A gente ajoelhámos todos diante do berço, e esperámos que acabassem de bater as horas. Ouvimos a última badalada, e o menino ainda mexia consigo. Estava salvo.

A Sra. Olívia respirou fundo, e como quem acaba a empresa começada, sentou-se para trás, concluindo:

-Naquela noite a gente pudemos dormir descansados.

65. O JUSTO

A Sra. Olívia ainda me contou que tivera outro filho:

-Nem quando nasceu me chorou - dizia ela a enxugar a lágrima. -O Sr. Doutor, quando viu aquilo, até disse: "Ó Olívia, você tem aqui um justo!" e justo era, meu rico senhor. Nunca chorava, e nunca inquietava ninguém. Até vinha gente de fora a vê-lo!

Morrera aos 9 anos, e a última palavra que dissera tinha sido: "Jesus".

-Só queria que visse Senhor. Mal o meu abençoado filho morreu, os animais calaram-se, o céu escureceu e começou a trovejar. O Sr. Doutor tinha razão. Deus estava a chamar a si um justo.

-E de que é que ele morreu, Sra. Olívia?, perguntei eu, impressionado pela descrição bíblica do Apocalipse.

-O Sr. Doutor disse que foi de fraqueza, meu Senhor.

66. EXPLORAÇÃO

Era ainda uma hora da tarde, mas o Simão já ia a sair do liceu. Como quem não quer a coisa, chamei-o, e fomos para o meu escritório. Que tinha de sair tão cedo para poder estar na *estoa* do Sr. Arnaldo às 3 horas. Como levava meia hora para chegar a casa, e ainda tinha de se vestir e comer, se saísse às duas e trinta, não chegaria a tempo à *estoa*. O Sr. Arnaldo chamava-lhe malandrão, e ralhava com ele se chegasse tarde. Não, o patrão não acreditava que a escola só acabasse às 2 e 30.

O Simão tem 14 anos, mas tem um corpanzil de homem. Foge todos os dias da escola antes do último período, para que o patrão lhe não chame malandro.

O Sr. Arnaldo tem um empregado de 14 anos. Obriga-o a sair da escola mais cedo, dá-lhe trabalho de homem, e paga-lhe menos que a um *babysitter*.

A Senhora Olívia está muito reconhecida para com o Sr. Arnaldo:

-Ao menos, o meu Simão não me anda com más companhias, meu rico Senhor, e não se me habitua à má vida.

67. A GARGALHADA

Fui hoje à *estoa* do Sr. Arnaldo. Talvez que, ao ver alguém da escola, tenha medo, e, ou aumente o salário ao Simão, ou o não faça faltar à escola, pensei eu, ingénuo.

O Sr. Arnaldo é um homenzarrão dos seus 60 anos. Há quase meio século que tem aquela loja (uma das primeiras do tipo) na Elm St. Quando cheguei, estava ele sentado atrás do balcão, a tagarelar com dois compinchas.

O Simão também estava por detrás do balcão, a cortar peças de carne com o grande machado. Tão atento estava que nem deu por eu chegar.

-Aquele? - respondeu o Sr. Arnaldo, rindo-se em voz alta. -Isso parece que tem uma espingarda pronta para matar o tragalho!

Mas, baixo, para mim:

-Não, não é mau trabalhador! É bom rapaz!

Mudando outra vez de tom, e para que toda a gente na loja o ouvisse, continuou:

-O pior é lá em cima, no juízo. Não tem a memória toda, coitado!

-Os três compinchas olharam uns para os outros, e desataram à gargalhada.

-O Simão continuava a cortar carne.

68. O AUTOCARRO

O Simão não tem vindo ao liceu. É certo que tem estado a chover, mas não é tanta coisa que possa meter medo a um rapagão como aquele.

- Há já três dias que não vens ao liceu, rapaz!

O Simão baixa a cabeça.

- Tens estado doente?

- Não senhor.

- Então, a tua mãe tem precisado de ti em casa, não é?

- Não senhor. É a chuva. Chegava à *escola* todo encharcado.

- Ó rapaz! Então não podias tomar o autocarro?

- Eu nunca tomo o *baso*.

Esperei que me desse uma razão. No silêncio que se seguiu, imaginei que a mãe não lhe desse dinheiro, e que ele não quisesse gastar do seu. Mas não, não era esse o motivo:

- Tenho vergonha.

- Tens vergonha de quê, Simão?

- Eles são capazes de aumentarem outra vez o *tiquete*. Um dia, aumentaram, eu não percebi, e todos fizeram escárnio de mim.

69. SONOS TROCADOS

O Simão entrou no meu escritório encolhido e envergonhado. Que a mãe queria falar comigo; se eu a podia visitar; eu que desculpasse, mas a mãe não sabia ir ao *Raio School*.

Quando cheguei, estava a mãe, como de costume, sentada à cabeceira da mesa da cozinha, a sorrir, com bondade e autoridade, para toda a sua "casa". Sentados à mesa, estavam também o sogro, de oitenta e dois anos, a comer uma mão cheia de amendoins espalhados pela mesa, e a nora, rapariga ainda muito nova, grávida de 8 meses.

Sentei-me. O primeiro assunto da conversa foi evidentemente o nascimento da minha filha. O Simão já lhes tinha dito, confessou a Senhora Olívia, enternecida.

Nasceu apenas há duas semanas, informei, mas era a coisa mais linda do mundo. O pior era que se me fartava de chorar de noite.

-E de dia, dorme bem? - perguntou a Sra. Olívia preocupada.

-Sim, de dia em geral não há problema - disse eu, como quem responde ao médico.

-Então, tem os sonos trocados! - diagnosticou a Sra. Olívia, olhando para a nora com ar de conviência. -E já lhes pôs as calças?

Perante a minha ignorância, a Sra. Olívia passou-me a explicar o tratamento que se dá aos bebés que têm os sonos trocados: à noite, antes dos pais se deitarem, põe-se um par de calças do pai, com as pernas trocadas, em cima do bebé: depois, põe-se um par de tesouras abertas à cabeceirinha da menina. Nunca falha: no dia seguinte, os sonos estão trocados.

-Eu também tinha uma amiga- acrescentou a nora - que não sabia deste tratamento, e que teve o filho a chorar de noite durante três meses. Era muito novã, e não sabia destas coisas - concluiu ela, desculpando a amiga. -Quando se casou só tinha 16 anos.

A Sra. Olívia, calculando então que eu me sentisse humilhado por não saber coisas tão elementares, tocou-me no braço, e consolou-me:

-Não se consuma Sr. Meneses. Olhe que eu já sou velha, mas aprendo coisas novas todos os dias. Gosto muito de aprender.

70. O AMENDOIM

Mas enfim, a razão da minha visita não era a minha filha, interrompi eu. Se a Senhora Olívia tinha alguma coisa em que eu a pudesse ajudar...

Os olhos da Senhora Olívia e da nora cruzaram-se. Houve um silêncio embaraçoso, enquanto o sogro continuava a comer amendoins. Depois de eu insistir, lá desabafou:

-O Sr. Meneses sabe se o meu sogro pode receber alguma ajuda da cidade? Ele tem 85 anos, e já não pode trabalhar.

Comecei a fazer perguntas para me dar conta de toda a situação. Com a Sra. Olívia, vivia o filho mais velho, já casado, que lhe pagava uma renda. Vivia o marido que se encontrava de *lirof*: tinha estado a receber do *social security*, mas para a semana acabar-se-ia. Viviam também o Simão e o Tomás que ainda estavam na escola. A Sra. Olívia, tão pesada, claro que não podia trabalhar. E o sogro só queria era viver com eles.

-Tenho a certeza - respondi eu com segurança - que, não só o seu sogro, mas todos vocês, podem receber da cidade. Já foram perguntar à PIRC?

-A gente temos vergonha, Senhor. A gente nunca pedimos nada a ninguém!

O Silêncio que se seguiu foi apenas interrompido pelo barulho do amendoim que o sogro partiu com mais força. Olhei para ele. Uma lágrima escorria-lhe pela cara abaixo.

Condenado pelos companheiros



71. ENTRE ESTRANHOS

O Manuel da Silva é dos retornados de Angola. Há 15 anos, tinha a família ido do Faial para Nova Lisboa. E tinham por lá vingado. O pai começara como contabilista numa fábrica de cerveja, e acabara como vice-director. Metera os filhos todos no liceu: O Manuel até já acabara o 6.º ano. Aguentaram-se em Angola até à última (pois se eles tinham lá tudo!), mas foram finalmente obrigados a fugir. Passaram, depois, três meses em Lisboa, à espera da carta de chamada do tio que aqui vivia em Olive Hill, e chegaram finalmente há coisa de um mês.

Estávamos na nossa reunião semanal do liceu. Pedi ao Manuel que nos contasse alguma coisa do que se tinha passado lá por Angola. Começou a falar em voz muito baixa, meio envergonhado, meio ferido com tudo o que lhe tinha acontecido em África.

A certa altura foi interrompido pelo Emílio:

-Dizem que vocês tinham por lá muitos escravos!

O Manuel, com paciência, explicou que não, que isso escravos não havia. Davam-se abusos, sim, mas escravos, também tanto não.

O Júlio, que até então tinha estado a brincar, observou:

-Dizem que eles depois da revolução massacravam os brancos todos!

O Manuel continuou a explicar que não, que isso massacrar, não massacravam... Mas parou de repente, e olhou para mim com ar de quem pergunta se acho que vale a pena continuar. Era um olhar cansado, certo de que ninguém o tinha percebido.

O Manuel encontrava-se entre estranhos.

72. AS LIMPEZAS

O Manuel era o único retornado de Angola. Todos os outros tinham vindo directamente ou das ilhas ou do continente. Decidi continuar a conversa para dar a todos a oportunidade de entrarem um pouco mais no mundo daquele rapaz isolado.

-Manuel, o teu pai, em Angola, era o vice-director duma fábrica; o que é ele faz aqui na América?

-Trabalha nas limpezas - respondeu, de olhos baixos.

Comecei então a explicar o que podia significar para qualquer pessoa uma mudança de trabalho deste tipo. Mas a Maria Antónia não me deixou acabar, e perguntou zangada:

-Mas que mal é que há em trabalhar nas limpezas?

O pai da Maria Antónia trabalha nas limpezas. Em S. Miguel, trabalhava no campo, à jorna: agora, tem salário, tem ajuda da cidade em caso de desemprego, tem automóvel e vai comprar casa em Springville.

A Maria Antónia não podia compreender o Manuel, e o Manuel continuava sozinho.

73. O CONVITE

No fim da reunião, todos os alunos deixaram a aula, enquanto eu arrumava papéis na pasta, e punha o casaco. Ao sair, dou com o Manuel encostado à parede do corredor, sòzinho, de mãos nos bolsos e cabeça baixa.

-Então Manuel, que aula tens agora? - perguntei com ar leve para desanuviar a tristeza que pairava ali à volta.

-Eu gostava de falar com o Sr. Meneses - disse ele, sem fazer caso da minha pergunta.

Fomos para o meu escritório. No caminho gracejei:

-Olha que estás a engordar, pá!

Como quem faz um grande esforço, o Manuel sorriu com a boca, mas os olhos continuaram parados e imóveis. Era a primeira vez que eu via um adolescente reagir daquela maneira. Só o longo sofrimento dos anos maduros, pensava eu, consegue dissociar assim o sorriso do olhar do sorriso da boca.

Sentámo-nos. O Manuel olhava para o chão. Eu esperava.

-Sr. Meneses - disse ele por fim -o senhor importava-se de ir a minha casa um destes dias?

-O que é se passa Manuel? - perguntei, certo que aquele convite era um grito de socorro.

-O meu pai não quer falar com ninguém. Entra em casa, e fecha-se no quarto. Andamos todos aflitos.

74. O WHISKEY

No dia seguinte telefonei para o pai do Manuel. Que queria falar com ele, disse-lhe, sobre alguns problemas da escola. Se eu precisasse de alguma coisa, respondeu o Sr. Silva zangado, que dissesse aos filhos, e eles lhe dariam o recado. Mas, depois de muito insistir, lá concordou, e combinámos que eu iria a casa dele no dia seguinte às oito horas da noite.

A casa ficava na Sullivan St., perto da Igreja portuguesa. Era o terceiro andar dum prédio pintado de azul (o dono era com certeza português, pensei). Foi o Sr. Ernesto da Silva quem me abriu a porta. Era tipo alto e bem parecido, entradas já avançadas, óculos de aros de ouro. Eu estava à espera do homem acabrunhado, de barba por fazer, descuidado e trapalhão. Qual! Via-se que tinha tomado banho há pouco. Vestia calças justas dum castanho muito claro, com camisa amarela "lacoste". Olhos vivos, testa desanuviada, falar pronto.

-O Senhor é que é o Sr. Meneses? - perguntou com confiança. -Efectivamente, o meu filho Manuel já tem falado em si.

E o Sr. Silva continuou, leve e bem disposto, usando "efectivamente", oferecendo-me Whiskies com água de castelo e bolachinhas com queijo. A mulher dele, a Sra. Da. Maria Natércia, essa vinha mais natural. Enquanto o marido preparava o Whiskey, chegou-se por detrás, e confessou:

-O meu marido até parece como era antigamente.

Bem instalados e de copo na mão, fomos falando de tudo e de nada. Nomes e idades dos filhos, a avó que ainda estava no Faial, as eleições primárias. De Portugal e de África, nem uma palavra. Cada vez que o assunto se aproximava dessas regiões, o Sr. Silva levantava-se e oferecia-me mais uma bolachinha. Numa altura, ainda tinha eu o copo meio cheio, veio com a garrafa de Whiskey e o gelo:

-Vai mais um?

Aproveitando a ocasião em que os filhos tinham ido à cozinha, decidi-me a atacar o assunto que tinha preparado. Queria que me explicassem o passado escolar de todos os pequenos.

-Sr. Meneses - interrompeu o antigo vice-director como que ausente - é o primeiro Whiskey que eu bebo desde que deixei Nova Lisboa.

-Não, não era o Whiskey do esquecimento, aquele que o Sr. Silva bebia agora. Aquele Whisky era a única ponte para o passado de prestígio social que ele vivera em África. Vinho, bebem os camponeses e os lavradores; cerveja, os da classe média; Whiskey, só os da alta. O Sr. Silva fora da alta. Nunca mais tinha querido beber desde que saíra de

África, como os israelitas que não eram capazes de cantar salmos em terra estrangeira. Eu fui-me deixando ficar, falando de nada, mas dizendo, no fundo, àquele homem que tudo perdera, que eu reconhecia, sim, que até há pouco, ele fora grande.

Ao despedir-me, o Sr. Silva aproveitou a altura em que a mulher fora buscar o meu casaco, para dizer, sem introdução:

-Foi o meu filho Manuel que hoje de manhã me veio dizer: -"Não é vergonha nenhuma trabalhar nas limpezas!"

A GUIA DE CONCLUSÃO

73. ANDAMENTO

Milford fica aí a uma hora de viagem de Boston. Desde há 70 anos que os portugueses ali se têm vindo juntar, atraídos pela fundição de ferro e a fábrica de sapatos. Vêm quase todos de Boticas, vila esquecida lá de Trás-os-Montes.

-Nós cá *sems* do continente - dizia o Amâncio da Fonte, conhecedor do predomínio açoreano aqui da América.

Era Verão, e o Sr. Santos baptizava o filho. Depois da cerimónia veio tudo a casa dele para a almoçarada. Éramos umas 30 pessoas, todas sentadas à volta de 3 mesas, que se tinham juntado no pórtico e coberto de toalhas brancas. O vinho tinha sido feito pelo pai do Sr. Santos. O irmão, o José Altino, assava os bifes, enquanto a irmã mais velha punha na mesa as panelas com batatas cozidas. A Sra. Matilde Santos, essa, estava sentada com o filho recém baptizado nos braços. Ela bem se queria mexer, mas as cunhadas não a deixavam:

-A festa hoje é também para ti!

Lá para o fim do almoço, as mulheres foram-se levantando, para ajudar. Nós que homens, contentes e rosados, discutíamos política, gozando a brisa que se levantara e a sombra da parreira que cobria o pórtico.

O velho Sr. Santos, o avô do baptizado, e o que fizera o vinho, olhava para toda a família com a ternura de quem vê a seara toda colhida no celeiro. Inclina-se então para mim, e declara-me com ar de quem jura:

-Sr. Professor, olhe que eu não sei lêr nem escrever, mas já tenho muito andamento. Quem trabalha colhe os frutos.

entre dois mundos

vida quotidiana de crianças portuguesas na américa

TEACHER'S GUIDE

FL010537

The activity which is the subject of this publication was supported in whole or part by the Office of Education, U.S. Department of Health, Education and Welfare. However, the opinions expressed herein do not necessarily reflect the position or policy of the Office of Education, and no official endorsement by the Office of Education should be inferred.

The National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Education is a special ESEA, Title VII project funded by the U.S. Office of Education through Lesley College, Cambridge, Mass., and the Fall River, Mass., Public School System.

This publication was developed and printed with funds provided by Title VII of the Elementary and Secondary Education Act of 1965, as amended.

1978

National Assessment and Dissemination Center ESEA, Title VII—Assessment: Lesley College, 9 Mellen Street, Cambridge, Mass. 02138—Dissemination: 385 High Street, Fall River, Mass. 02720—National Materials Development Center for French and Portuguese, 168 South River Road, Bedford, New Hampshire, 03102.

entre dois mundos

histórias: FERNANDO de MENESES
ilustrações: MAGDALENA MACHADO

TEACHER'S GUIDE

INTRODUCTION

Entre Dois Mundos describes the culture shock that Portuguese children and their families face when they immigrate to North America.

The majority of these families comes from rural areas of Portugal - areas that have not been much influenced by the process of industrialization. The problems that they encounter in New Bedford, San Diego or Montreal are, therefore, similar to those they would face had they gone to Lisbon or Oporto. Of course, the different language and collective historic experience add to the culture shock they suffer in America an intensity they would not feel in any major Portuguese city. But the fact remains that when a family comes from Boticas (Trás-Os-Montes) to New York, the basic culture shock can be attributed to the abrupt passage from an agrarian, pre-industrial society to an urban, industrial one. The Japanese boy coming from Tokyo would perhaps experience less difficulty in adapting to life in the U.S. than the Portuguese boy from Rabo de Peixe. It is urgent that these children be helped to clarify the values of their own culture in order to translate them into attitudes that are productive in the new surroundings.

But it is not only the immigrant who suffers culture shock. The same shock is suffered in reverse by American doctors and social workers who interact with these families. Actions, gestures and expressions that immigrant children and their families use in all good faith and out of generosity are sometimes interpreted as mischievous, exploitative or manipulative. It is, therefore, urgent also to clarify the structure of mind values and attitudes that are at the origin of behavior that intrigues and sometimes scandalizes Americans.

There are four basic characteristics of agrarian societies that sharply contrast these societies with industrial ones:

1. The cooperative concept of the family

The support of a family in an agrarian society is a cooperative venture of all of its members, from grandparents to children. All participate, according to their level, in both the responsibilities and the very activities of maintaining the family. While the father does the heavy work of plowing the fields, the children tend the cows, the grandparents feed the chickens and the mother waters the garden. Even though the children go to school, their first responsibility is still to collaborate in the communal task of supporting the home.

This concept of the family may have a permanent value, and is not dependent totally on an agrarian structure. What is dependent on that structure is the way the cooperation expresses itself. And so, since in an agrarian society parents provide for the future of their children through inheritance, these children will work for the father in his land or business, so that later they will inherit the fruit of their work. Working for the parents, therefore, makes economic sense. This is the reason why many Portuguese parents do not hesitate to take their children out of school and send them to work for the family. In their minds, the old agrarian structure is still functional.

2. Learning by participation

In an agrarian society, children learn the necessary skills of adult life by participating in the communal task of providing for the family. Parents do not sit down and teach the children how to milk the cow or how to fish. They just take the children along, and the children learn by observing and doing.

One consequence is that there is not the sharp distinction that exists in the city between a youth culture and an adult culture. In the country, children work with their parents and are closely supervised and encouraged by them.

Another consequence is that school work seems abstract and irrelevant to the children. This fact perhaps explains why country children have so many problems in school even while they are in their village. They are constantly torn between the remote, abstract work of school, and the fascinating initiation to adult life by the firm hand of their parents. When they immigrate, they are left alone with school work, while their parents disappear from the picture by working in a factory the children never see. Vocational awareness, planning for the future and encouragement to grow are left to teachers and counselors who think and act in ways the parents do not understand.

3. Integrated life

The activities of our everyday life can be divided into four different aspects: work, or the job from which we derive the means to support our family; maintenance, or the chores through which we maintain our physical well-being, such as cleaning, washing and eating; recreation, or activities designed to fulfill our need to play, such as sports, parties, etc.; culture, or endeavors organized to express our search for beauty, truth and other transcendental values.

In an agrarian society these four aspects are generally integrated and carried out in a traditional setting that leaves little room for individual choice. Work, for instance, can be hard, but is done in the open air (working in the fields, fishing) in beautiful surroundings, with plenty of physical exercise and fresh air. Thus, work, physical exercise, recreation and esthetics are integrated. Vacations are another example: peasants generally do not have 15 days of leisure at the end of an intensive working year. But very often there is the feast of a saint in the middle of the week that will be the occasion for a religious celebration, for trading the products of work, for dancing and singing, visiting relatives, eating and drinking. Again, recreation is integrated with culture, work and religion. There are, perhaps, no household domestic appliances; but when women get together to go to the river to do their washing, they talk and sing special songs while they benefit from physical exercise. Maintenance is integrated with culture and recreation.

In contrast, in industrial and urban societies, the four major aspects of daily activities have the potential to be more separate elements. Generally, there is a separate time and place for work, for recreation, for physical exercise and for religion or culture. A person who works in a business environment during the day may exercise before dinner, or choose to attend to maintenance activities such as laundry which are no longer social-cultural communal functions. More advance planning is often necessary to ensure the interaction of the recreational, religious and-or cultural components of a person's daily life.

Accustomed to have work, leisure and culture integrated in the same activities, the peasant coming to the city feels at a loss. Very often he will just work, to the exclusion of other aspects of life that in his country, were provided him by the environment. He will not understand the need for separate gymnastics or sports, for instance, or the decision process of choosing an evening activity outside of the home, such as a movie. He will perhaps not see the significance of planning ahead for the integration of cultural or religious events into his daily work and family life. This adaptation task is perhaps the most difficult one for many immigrants.

4. The class system

In some agrarian societies, and particularly in the Portuguese one, the class system permeates the whole life of the person. First, there is an embarrassment, respect and shyness toward a person from a higher social class that is unknown in the egalitarian industrial city. Second, there is a fear of overcoming the limits of one's class, as if it were a sign of hubris, or a disloyalty towards one's family.

This concept perhaps explains the reluctance of many parents to come to school to speak with the teachers, the embarrassment of students to eat in the cafeteria, and the feeling that to study is beyond one's capacities.

Although these four characteristics are present in most Western agrarian societies, they receive, nevertheless, a certain color and shading according to the different cultural areas within these societies.

Faced with the need to adapt themselves to the new industrial city, children and their families react in different ways:

1. Some children perceive their past within an agrarian culture as something backward and shameful. They are ashamed of the way their parents dress, eat and talk. They are embarrassed by their names and their place of birth. They don't want their parents to come to school, and they refuse to speak Portuguese. «Portuguese» for them represents poverty, humiliation, and backwardness.

This attitude can often be inadvertently reinforced by an American teacher who views immigrants as coming to America for refuge. This is the teacher who will change the names of the children, and will insist upon stressing how much better the new life is, thinking that in this way, the children will adapt better to the new country.

The problem, however, is that one cannot separate his past from himself; if one despises his old country and his parents, he is despising himself. On the other hand, no one with a low self-concept will be open to the challenge of new possibilities and new cultures. Ironically, therefore, if we reinforce the tendency of some immigrants to think little of their old culture, we are encouraging a process that will close them to the possibilities of the new one.

2. Other children react to the new culture in a defensive and fearful way. Everything America has to offer is bad and threatening. They do not want to learn English, to socialize with their American peers, or to go out and play baseball. Slowly they restrict their lives to the ethnic ghetto without taking advantage of the world outside.

This attitude is sometimes reinforced by the nostalgic bilingual teacher who would glorify and idealize the old customs and practices, and focus mainly on negative aspects of American life such as crime, and violence.

The problem is that this attitude stops the natural cultural development of the children and fosters attitudes that will diminish the possibility of a better life – the main reason they immigrated in the first place.

The challenge teachers and counselors face is how to help children grow to modes of thinking and attitudes adaptable to the industrial city without losing the values implicit in the life and culture of the previous village. To achieve this goal, the method suggested in this guide consists of four steps:

1. To listen with tenderness and respect to all elements of the old culture.
2. To search for the general values that are at the origin of the different practices, customs and attitudes.
3. To find the economic and historic reasons why those values were expressed in such customs.
4. To find ways the permanent values can be incorporated into practices consistent with life in the modern city.

The custom of dropping out of school as soon as possible in order to work for the family can be taken as an example. The value that can be considered at the origin of this custom is the cooperative concept of the family (2nd step). This concept, in the agrarian society, requires that the children start working as soon as possible. In fact, in such a society, parents provide for the future of their children through inheritance, and jobs are not so complicated as to require much schooling. Therefore, it makes economic sense to work for the father (3rd step). But in the industrial city, education has survival value; as a consequence, to drop out of school is detrimental for the future of the children, and therefore, against the original value of family collaboration. To preserve this collaboration in a concrete way, children can be taught to help young siblings with their school work and their parents with household chores, and even to take a part-time job (4th step).

For more examples of suggestions to explain old customs and how to apply them to new situations, read in this guide the following entries under Language and Culture:

- Poverty and intelligence - 7 (number of the story)
- To disturb the teacher - 10
- Folk medicine - 16
- To beat up - 19
- To repeat Grades - 24
- Gymnastics - 30
- The role of man and woman - 37
- Wedding ceremony - 39
- To date - 40
- To work for the parents - 40
- Unfair to working children - 43
- To praise children - 67

Besides this conflict in cultural values and attitudes, immigrant children suffer the normal embarrassment, loneliness and fear of life in an unknown community which can be prejudiced and rejecting. Again, the method followed in this book is the method of acceptance; the hypothesis being that once a person feels accepted, a process of change is started which, if encouraged, will lead the person to the optimum fulfillment of his own potential and ideals.

Responsible growth and change is constantly stressed in the guide. The counselor should try to empathize with the embarrassment, fear or loneliness of the student and his family. But the counselor should go beyond empathy, and encourage the student to take responsible action to solve his predicament. We can always do something about it. Empathy if it is to be helpful, cannot be an end in itself: it would then be an excuse for depression and withdrawal. Real acceptance contains in itself a call to the sources of energy and renewal within the other person. Acceptance without this call is not acceptance but indulgence.

X

X

X

This guide offers material to the counselor, but it does not tell him how to organize his counseling program. The counselor will have to decide which stories are appropriate, and in what order he will use them, according to the level of the students and their needs. The cross-reference of themes will help him to devise his program.

In many school systems the counselor of the Portuguese students is someone who can indeed communicate in Portuguese, but who, very often, has never been in Portugal, and perhaps cannot perceive many of the cultural details of the stories. The explanations of Language and Culture were written to help that counselor.

The ideal situation for the use of the book is a counseling group organized by the counselor himself or by the trained teacher. But the book can also be used as a warm-up in individual counseling sessions or as a reading text in Portuguese language classes. Many of the stories have also been used with success in workshops for the training of bilingual teachers and in parent groups.

1. PATUCHO

In every community, there is always something that is used as the main point of reference. Sometimes it is a store, sometimes a building; it can be the railroad tracks, Jordan Marsh or a statue. It is very important that children recognize and cherish these landmarks. It gives them a sense of security and the feeling of having roots.

Counseling Goal

To identify and cherish the special landmarks of the community.

Discussion

1) Where are the Portuguese stores and businesses located? 2) What are the places referred to by most people as points of reference?

Project

Draw a map of the Portuguese neighborhood (main streets where most people live, stores, landmarks, etc.).

Language and Culture

Patucho. The *H* sound does not exist in Portuguese, and the *I* is very close to *U* as pronounced by someone born in St. Michael. The English blend *rsh* is very difficult to pronounce, and, therefore, the *R* tends to fall. Hence: Patty irsh - Patty ish - Patucho.

Adro da Igreja (church yard). In Portugal, churchyards are in general, very big, and are used as market places, concert halls and for afternoon walks. From the Latin, *atrium*. Common expression: *ainda a procissão val no adro*, meaning «things have barely started».

2. UM ASPECTO DE AMOR

The story portrays an extreme example of the loneliness experienced by so many immigrants. Loneliness is the feeling of isolation from our fellow human beings. This mother is isolated from the community by her language and literacy barrier. She is also isolated from her husband. All that is left to her is to work in an empty house. Hence her psychosomatic symptoms.

Counseling Goal

To understand and learn how to deal with the feeling of loneliness.

Discussion

1. Have the students discover the main feeling of the story. 2. Ask for other examples of loneliness. 3. What would be a responsible action this woman could take in order to overcome her loneliness? 4. What would be a responsible action we could take, had we known this woman?

Project

Make a collage around the concept of loneliness.

Language and Culture

Sala-museu (parlor like a museum). Poor houses in the countryside of Portugal do not generally have a parlor. The living room is the kitchen with its fireplace. When they come to the United States, some immigrants prefer to furnish the parlor like a museum. They call it a *parla*. It gives them a sense of worth and pride, and some kind of esthetic security. Very often, though, they continue to live in the kitchen. The Portuguese word for parlor is *sala*.

Semblante: the way a face appears. From the Castillian *semblar*, *semblante*.

Aspecto: the way a person looks. From the Latin *aspectus*.

3. DESCULPE

Shame is the feeling of being worthless, or the feeling of being found worthless. People very often apologize when they feel ashamed, as if they were guilty. This woman apologizes for her poverty; in the previous story, the woman apologized for her illiteracy.

Counseling Goal

To look at poverty as something one has to fight against, but not something one has to be ashamed of.

Discussion

1. What are some of the things we are ashamed of? 2. Are there things for which there is no reason to be ashamed? For instance, should we apologize for poverty? 3. What is the responsible action the father in this story should take? The mother? The children?

Language and Culture

Parla: from parlor; see commentary on story no. 2.

Shop: in English, can be a place where manual work is done, or it can be a small store. The Portuguese translation is *oficina*, but it has only the first meaning. Since most immigrants come from rural areas or fishing towns, they were not accustomed to this «urban» word.

4. DEIXE OS PEQUENOS COM A GENTE

The Azorean family, as are most families from agrarian societies, is united and cohesive. Everything is done in common; the children participate in the work and activities of supporting the family, and they share the problems, the responsibilities and the joys of the parents. But if this openness was justified in a simple society, is it still productive in a complex industrial country, where the problems of living are well beyond the capacity of young children?

In this story, the parents feel lost when they have to talk to a stranger without the supporting presence of their children.

Counseling Goal

To appreciate the traditional cohesiveness of the Portuguese family, and decide what changes have to be made in the new situation.

Discussion

1. In view of the reaction of the parents, should Mr. Meneses have asked the children to leave the room? 2. Should the parents discuss, in the presence of their children, all the family problems? If not, what kinds of issues should not be discussed in front of the younger ones?

Language and Culture

Telefone (telephone). Very often recently arrived immigrants either do not have a telephone, or have it unlisted. They are afraid of receiving calls in English from the school or from salesmen, as it is too embarrassing a situation for them.

Lá para dentro: idiomatic expression. Literally, it means «to send to the interior». It supposes that the parlor is close to the front door, and that the rest of the house is in the interior.

5. A SENHORA VESTIDA DE PRETO

Susana is ashamed of her name, of her mother and of her origins. The mother suffers, but she understands. The secretary shows condescension and insensitivity.

Counseling Goal

To come to understand our differences as enriching and not as shameful.

Discussion

1. Discuss the feelings of Susana and of her mother. 2. Discuss the Anglicizing of names. What are the reasons why people want to Anglicize their names? 3. Discuss the difference between the ways of dressing in Portugal and in the United States.

Projects

1. Have interested students research the different customs related to the use of the scarf in Portugal. Compile a class folder with drawings.
2. According to the level of the students, tell other stories about people who were not ashamed of their parents (e.g. Pope John XXIII.)

Language and Culture

Lenço. The scarf is a very important article of clothing in Portuguese rural areas. When it is cold, all women wear one. In general, it is very colorful, unless it is used by a widow, in which case it is always black. Women from different villages tie the scarf according to the tradition specific to their place of origin. It is a symbol of being from the country, and therefore, when a woman goes to the city, she generally stops wearing it.

Escritório (office). This Portuguese word is practically unused by Luso-Americans. Again, it is an urban word (see *shop* in commentary to story no. 3.) Instead, Luso-Americans use *as ofas*, a derivation of the English word.

6. LIBERDADE

This story deals with the experience of a certain freedom that adult immigrants always lose when they leave their country. It refers also to the whole concept of culture shock.

Counseling Goals

To understand the concept of belonging, and how important it is to one's feeling of freedom.

Discussion

What is the freedom Mr. Bento aspires to? 2. Would he have this freedom in the United States if he could speak English? 3. Would you have this freedom if you went to Portugal?

Language and Culture

Homem e Cávado: two rivers in Minho (North of Portugal.)

Solar: house of a noble family, manor. From the Latin *solum* (ground.)

Estado Novo (New State). The name Salazar's regime (1933-1974) came to be called.

Canalha: used in the north of Portugal to refer to the mischievous aspect of children's games. In other parts of Portugal, the word refers to a person with bad character and morals.

Bento (Benedict). In the north of Portugal there were many Benedictine monasteries. It is a very common name in Minho.

Latada: a structure, usually higher than a man, that supports the vineyards typical of Minho. People sometimes plant corn under these structures or use them as shaded paths.

Coive (kale). In Minho, kale, corn and *Vinho Verde* are the three basic products. They pronounce it *coive*, like the islanders of Madeira, instead of *couve*.

Pataco: old Portuguese coin.

Botica: originally a pharmacy, but it came to mean a store where all conveniences are sold, from groceries and medicines, to clothes and tools. Hence the expression *há de tudo como na botica* (there is everything like in the *botica*). From the Latin *apotheca*, and the greek *apothêkê*. The English word «apothecary» has the same root.

Estoa (stor-). This is the way the Portuguese hear New Englanders pronounce «stores». The Portuguese word *loja* has practically disappeared from the vocabulary of Luso-Americans. Portuguese *lojas* are too different from American stores to have the same name.

7. SENSIBILIDADES DIFERENTES

In this story, the insensitivity (and lack of professional ethic) of the teacher contrasts with the compassion of Aurora's mother. Nevertheless, this compassion seems to be applied to the wrong people. Perhaps, in the mother's heart, there is much fear and submission.

Counseling Goals

1. To distinguish between compassion and submission. 2. To learn what can be done about cockroaches and lice, and about the duties of the Board of Health, and laws protecting the tenants.

Discussion

1. Discuss the teacher's attitude («I won't go to that house»). 2. Discuss the mother's attitude («We don't want to harm anybody»). 3. Discuss Aurora's attitude («I am poor and therefore I am not intelligent»). 4. What responsible action should each character in the story undertake?

Projects

1. Make a visit to the Board of Health, and ask a nurse to talk about roaches and lice. 2. Invite a member from the community to talk about the rights of tenants.

Language and Culture

Proeza e memória (Poverty and intelligence). Until quite recently, to study used to be the privilege of the rich. The children of the poor in rural areas of Portugal could only study if they were geniuses. If they were of normal intelligence, their parents would very often discourage them from studying, and would have no qualms about telling them: «you have no memory for that». Since they were very often illiterate, they had an exaggerated concept of what was necessary to finish school.

A gente. The use of *a gente* to signify «we» is optional and is very common in all parts of Portugal. But it is used almost exclusively in the countryside of the Azores. Since it is a collective noun, the verb should be in the singular. A common mistake (or dialectal variant), is to use the verb in the plural.

Semos (we are). Dialectical variant in some parts of Portugal, instead of *somos*.

Memória. In the countryside, *memória* means «intelligence as applied to studies». General intelligence, at least in the Azores, is *discrção* (see commentary to story no. 14). The Portuguese word *inteligência* is very often not understood in the countryside.

Cela: derivation of the English «cellar». The Portuguese word *cave* has practically been forgotten by Luso-Americans.

A gente não querem, a gente se descuidem: This way of conjugating the verb is a gross mistake in relation to «standard Portuguese», in which one should say *a gente não quer, a gente se descuida*; less correct, but used very often, is *a gente não queremos*; in formal language, one would always say *nós não queremos*.

8. SEM PROTECCAO

Living in fear is a very common state of mind in immigrants. On the one hand, they don't know the community, and therefore cannot trust it; on the other hand, they don't know how to use the agencies that could protect and assist them.

Counseling Goal

To be aware of the feeling of fear, especially the fear of immigrants in a foreign community, and to find responsible ways to deal with it.

Discussion

1) Discuss with the students their fears about living in the United States. Focus on the fears that are typical of immigrants, and that we would not find American-born people. 2) In each case, what responsible action should be taken to overcome it?

Project

Find out whether there are Portuguese translators in police headquarters. If not, ask the students how would they call the police in an emergency. If they know how to speak English, what instructions would they give to their parents to call the police when they are alone?

Language and Culture

Patucho: see commentary in story no. 1

Telefone: see commentary in story no. 4

A gente estavam: see commentary in story no. 7

O campo: (the countryside). As in any developing country, there is in Portugal a big difference between life in the countryside and life in the city. Often, in the country there is no electricity, telephone or supermarket. Life is very simple, people are very close, and they all know and trust each other. When a person says he is from the *campo*, he is suggesting either that he used to live in the simple environment of a farm, or else that he used to be poor and without the amenities of the city.

Barrúm: Portuguese deformation of the word «bar room». Some people also say *a barra*. The translation in Portuguese should be *taberna*, but, of course, a Portuguese *taberna* is too different from an American bar to have the same name.

9. O DIABO TECE-AS

In this story, the fears of a 60-year-old woman are described. Alone, and having as her main link to the outside, a TV which shows a good deal of violence, she imagines the worst when the counselor volunteers to take her to school.

Counseling Goal

The same as in the previous story.

Discussion

1) What influence can violence in TV have on our attitudes? 2) Do the students like violent programs? Which ones?

Project

Analyze the TV programs of a particular week, and rate them according to the degree of violence.

Language and Culture

Telefone: see commentary to story no. 4.

Sabem: see commentary to *a gente não querem* in story no. 7.

Televeijon (TV). The Azores has had TV only since 1974. Immigrants from the Islands were, therefore, not very much accustomed to the Portuguese word *televisão*.

Está sonhando (is dreaming). The use of the gerund has become rare in the Portuguese spoken on the Continent; it is very common in the Azores and in Brazil. On the Continent, one would say *está a sonhar*.

10. APAIXONADA

This story gives an example of how the acts of an immigrant can be totally misunderstood, because they are judged from a different point of view.

Counseling Goal

To realize that, in order to understand other people's actions, one has to listen to their points of view.

Discussions

1) Ask the students for examples of actions they felt were well-intentioned, but were judged as bad by others (teachers, parents, friends.) 2. When such a misunderstanding happens, what responsible action should one take?

Project

Role-play the story or any similar stories the students might have told in the discussion.

Language and Culture

Memória (memory). See commentary to story no. 7.

Apaixonada (passionate). This word comes from the Latin, *passio*, meaning any movement of the soul, from hate to love, joy or depression. In continental Portugal, the word became restricted to romantic love. In the Azores, it retained its general Latin meaning of any strong feeling. In this story, it represents anger.

Incomodar a sra. professora (to disturb the teacher). In the countryside there is a deep respect for the teacher. She is sometimes the only adult in the village who can read and write fluently; she therefore assumes many other roles besides teaching: marital and financial counselor, letter writer, newspaper reader, etc.

11. MARMELADA

This story touches the linguistic problem of false cognates: i.e., words of two different languages that have the same etymological origin, but have acquired different meanings.

Counseling Goal

To be alerted to the problem that false cognates pose to real communication.

Discussion

1) Have the students provide more examples of false cognates. 2) Ask the students to give more examples of typical Portuguese foods.

Projects

1) In collaboration with the ESL teacher, compile a folder with the more important false cognates between Portuguese and English. The best book to consult is: Mario Mascherpe and Laura Zamarin, *A Tradução e os Falsos Cognatos, Faculdade de Filosofia, ciências e letras de Assis, São Paulo, 1967*. 2) Compile a folder with typical Portuguese recipes.

Language and Culture

Marmelada: Typical Portuguese preserve. It is made of *marmelo* (quince) which is a variety of apple. In Greek, this variety had two names: *Kydônion mēlon* (apple from Cydonian) from which the English «quince» is derived, and *meli mēlon* (honey apple, or sweet apple) from which the Portuguese *marmelo* originated. The English used to import *marmelada* from Portugal even before the 16th century; later, they used the same process of making *marmelada*, but with oranges instead of quinces.

Fazia-me espécie (surprised me). Idiomatic expression more used on the Continent. From the Latin *species*, which means «intriguing image». In the Azores one would rather say *fazia-me aparência* which has exactly the same meaning.

Caldo verde (kale soup). The most traditional Portuguese soup. It is made with kale, potatoes, oil, garlic and a small piece of *linguiça*. For the Portuguese, this soup suggests all the warmth, intimacy and protection of family life.

12. ESTAMOS NA AMERICA

In this story, we view a family from the countryside in their daily activities: baking bread and cleaning the animal they themselves killed. The contrast is stressed between the highly-developed culture implicit in those domestic tasks and the frustration of living in the United States without being part of the literate English culture.

Counseling Goal

To appreciate the cultural elements implicit in Portuguese homemaking, and, at the same time, to be motivated to develop further literacy skills.

Discussion

1) Ask the students what kinds of bread their parents bake. 2) What are the different ways their parents provide themselves with meat? 3) Discuss the frustration of not being able to read.

Project

Compile a class folder with Portuguese bread recipes.

Language and Culture

Lenço branco (White scarf). When women knead the dough (*amassam a farinha*) they put a white scarf on their heads. The scarf is tied in a very characteristic way, so that no hair falls in the dough. See *lenço* in commentary to story no. 5.

Não foste à escola (you didn't go to school). In agrarian societies, the support and maintenance of the family is a communal task of all of its members. On the other hand, since very often the parents are illiterate, they consider going to school as a peripheral activity for the children, second in importance to the communal task of homemaking. For other consequences of this cooperative concept of the family, see commentary to story no. 40. It is important to preserve this concept of the family, without jeopardizing the education of the children which has survival value in an industrial country.

Cela (cellar). See commentary to story no. 7.

Parla (parlor). See commentary to story no. 3.

Aguardente: kind of brandy. It has no color, and has a very strong concentration of alcohol. It means «burning water». Most Portuguese families who make wine also make *aguardente*.

13. FARTURA

This family found in the United States the dignity and security that comes with a steady job. But it appears as though they have become so obsessed with work that there is no time for the family meal, nor for leisure. The grandmother does not like this change of values. On the other hand, they still value human compassion over material plenty.

Counseling Goal

1) To appreciate the value of work without letting it become the only purpose of life. 2) To value human compassion over material plenty.

Discussion

1) What is the difference between the mother's and the grandmother's conceptions of work ? of leisure? Which is more reasonable? How can students help their parents make room for leisure in their lives? 2) What do you think about all the expenses that these parents went through in order to be able to sleep with their daughter in the hospital? What do you think about the policies of Olive Hill Hospital?

Project

Make a collage or write an essay about the «workaholic».

Language and Culture

Lenço (scarf). See commentary to story no. 5.

A gente trabalhavam (We used to work). See *a gente não querem* in commentary to story no. 7.

Frisa (refrigerator). See commentary to story no. 24.

Work and Leisure.. People accustomed to living in an agrarian society where work, maintenance, recreation and culture are integrated feel lost in the city where these four aspects are often separate elements. They sometimes spend the whole day working and don't know what to do for fun. Perhaps even more important than preparing our students for work is to prepare them for leisure. See *Work and Leisure* in the Introduction.

Dormir no hospital (to sleep in the hospital). In the efficient sterilized American hospital, the sense of human compassion can sometimes be lost. Fortunately, there is now a trend to recover this human dimension. Some examples of the new trend are: the presence of husbands in the delivery room, the decoration of hospitals with home furniture, baby-sitting services for visiting families, etc.

14. O QUE DEUS DÁ

Special-needs children can be very sensitive and, therefore, very human. Mr. Meneses gave the flowers to Joaninha, because he knew that that was the best way to please Mrs. Serrão. Joaninha, although retarded, also felt that the best gift to Mr. Meneses would be to offer a flower to his daughter. The whole story symbolizes the generosity and hospitality of the Azorean family.

Counseling Goals

1) To perceive the humanity of children with special needs. 2) To appreciate the traditions of generosity and hospitality.

Discussion

1) Ask the students if they know people who are handicapped in any way. Elicit stories from them. How do they react to kindness and to insensitivity? 2) Should a poor person be hospitable and generous, or should those qualities be reserved for the rich? How can the students themselves be hospitable? Are they ashamed to invite friends to their house? Do they lend their friends their skates, bicycles, balls?

Projects

1) According to the level of the students, plan a meeting with the children enrolled in a special class. Repeat, continue, or reinforce activities of story no. 12.

Language and Culture

Discrição (discretio). From the Latin discretio. Etymologically it means the quality of someone who can distinguish, and, therefore, can understand or judge. *A idade da discrição* (the age of reason) means the age at which children can distinguish good from bad, and are, therefore, capable of a moral act. This meaning of the word exists also in English, as in the expression, «I leave it to your discretion». In the Azores, *discrição* came to be practically equivalent to «intelligence» (see commentary to story no. 7). In continental Portugal, as in English, the word refers more to the modesty and prudence of someone who is careful about what he says and does.

Cresceram (Left over). A typical Azorean word. On the Continent, people would rather say *sobejaram*.

Torresmos: usually they are chunks of bacon (toucinho) fried in their own fat; but it also means, as here, other pieces of pork marinated first in wine and garlic (vinha-lhos), and then fried in their own fat.

Quem sabe se (who knows if). Typical Azorean way of inviting someone or offering something. It is a suggestion without imposition, a beautiful symbol of the delicate Azorean hospitality. It could be translated by the English «I wonder whether...».

Alfaia. Jewelry, utensils, furnishings. In this case it could be translated by «paraphernalia». *Alfaia* comes from the Arab *al-caja*, from which *alfaiate* (tailor) and *alfaiar* (to furnish) also derived.

Dispensa (pantry). This Portuguese word tends to be forgotten by Luso-Americans.

Fazer pouco de (to tease). Usually it is a teasing with affection, as in the context of this story. But it can also be a teasing with the intent of laughing at or putting down. In the Azores it is more common to use the old expression *fazer escárnio*, which tends to have the second meaning. See commentary to story no. 32.

Parla (parlor). See commentary to story no. 3.

Petisco: any well-spiced food. In the Azores, although the word still has this general meaning, it refers very often to well-spiced shell fish that one eats as an appetizer. Traditionally, ladies like sweets, men like *petiscos*. *Petiscar* means to pick here and there from a table full of food, but without formally sitting down. See story nos. 28 and 37.

15. O LEITE

This story describes a typical case of culture shock. The solution chosen was not understanding and adaptation, but rather forceful change imposed on the children. This situation symbolizes what schools can sometimes be for immigrants.

Counseling Goals

To understand how Portuguese and Americans eat, and how, in America, each ethnic group has its own special foods.

Discussion

1. What are the foods Portuguese people like? Are they expensive? Good for you? Where can they be found? 2. What are the foods Americans like? 3. Should the Portuguese continue to eat in America what they used to eat in Portugal? Should they change?

Project

Organize a class folder describing in writing and with illustrations five or six ethnic groups represented in the neighborhood.

Language and Culture

Café com Leite (coffee with milk). In many parts of Portugal, children drink «coffee with milk»: but the expression is misleading: it is not American coffee with a drop of milk, but it consists usually of a glass full of warm milk with just a drop of coffee. If the glass is small, it is called *garoto*; if it is big, it is called *galão*. Adults usually drink a kind of espresso without milk.

16. OS CRAVOS

Henrique's hand is full of warts, but he knows very well their origin and the appropriate cure. These two stories are examples of the rich tradition of Portuguese folk medicine: they also reveal the thought processes that underlie these beliefs.

Counseling Goal

To maintain a deep loyalty to one's culture, while overcoming obsolete modes of thinking.

Discussion

What do you think about the reason why Henrique's brother passed to the next grade? And about the origin of Henrique's warts? Can banana peels cure them? And is it the drying of the peels that cures?

Project

In collaboration with the Portuguese teacher, compile a class folder of Portuguese folk medicine. Ask the students to interview their parents about this topic. The following unpublished paper can be of some help; Robert Like, *Portuguese Popular Health Culture*, (The paper was supported by Public Health Training Grant Number 2 T02 MH 0630218).

Language and Culture

Imitação de Cristo (Imitation of Christ). Devotional book, written in the Middle Ages, which had deep religious and literary influence in the Western world. Because of its prestige and authority it became, in the eyes of many people, a source of hidden power.

Folk medicine. The explanations for the origin and cure of the warts are a typical example of symbolic pre-logic thought. This type of thought process is characteristic of children from 1 to 5 years old. At this age, they believe that their thoughts, words and symbolic actions cause what they represent. While most people overcome this stage of development in most areas, some people continue to retain this thought process in some areas like medicine and religion. It is a very delicate task to help them grow to more sophisticated modes of thinking without making them feel guilty or embarrassed. In this respect, two rules should always be followed: 1. Never ridicule or scold the student for these cultural beliefs: 2. Try to separate the thought process from other elements of the belief that can be valuable. For instance, it is not the drying of the banana peels in the oven that causes the drying of the warts; but perhaps the banana peel has some substance that can, in some way, affect the wart. In fact, many herbs used in Portuguese folk medicine have recognizable medicinal value. It can also be explained to the students that the Imitation of Christ can be a beautiful and deeply religious book, without having the physical power to cause the passing of an exam. Religion can be disassociated from a prelogic type of thinking without damage to the faith.

17. REJEITADOS

This is an example of the discrimination experienced by Portuguese students. In this case, the students oscillate between the desire to find ways to solve the conflict, and lack of courage to do something about it.

Counseling Goal

To understand the mechanisms of discrimination and find ways to deal with it.

Discussion

1. Answer the question Henrique asked Mr. Meneses: «Why do they hate us?»
2. Should we take this rejection personally? 3. How can José Alberto benefit from his discouragement? Will it solve anything?

Language and Culture

Fazer caretas (to make faces). *Careta* is a diminutive of *cara* (face).

Iar (yard). When pronouncing the English word, the Portuguese tend to drop the last «d». The Portuguese word for yard should be *quintal*. But, of course, a Portuguese *quintal* is quite different from a back yard on Washington St., for example.

Candinho. From candy. The Portuguese love to add diminutives. The Portuguese word for candy is *rebuçado*.

18. A RECEPÇÃO

In this story a contrast is made between the cold way Miguel is received in the new school, and the warm and intimate hospitality of Miguel's parents.

Counseling Goal

To appreciate the traditions of hospitality, and apply them to the everyday life.

Discussion

1) Contrast the behavior of the teacher in the old school with the behavior of the teacher in the new school. 2) Why didn't anybody say something to Miguel? 3) Discuss the behavior of the three women (the mother, the daughter and the grandmother). 4) How do the students receive new boys and girls in their class?

Project

Investigate the customs of each family in regard to unexpected guests. Do they offer anything? What?

Language and Culture

Damas (checkers).

Xaile e véu preto (black scarf and shawl). See commentary to story no. 5 and no. 45.

Fazer as honras da casa. Literally, it means to make the honors of the house; i.e., to make the gestures of hospitality. The honor of a house consists in receiving a guest well.

19. DIFICULDADES NA LEITURA

This story shows reasons why a child did not like school in his country. It is important for children to know that the problems they have in school are not always their fault.

Counseling Goal

To understand some of the reasons for poor performance in school, and what responsible action to take.

Discussion

Discuss the topic of physical punishment with the students. Why would parents and teachers hit students? Is this a good method of discipline? Or, as a student once put it, «does beating up teach?» (*O bater ensina?*) Do students beat up their younger brothers and sisters? 2) After helping the students to understand why Rafael was performing poorly in school, ask them what responsible action he should take now in order to overcome his problems. What could the school do for him?

Language and Culture

Ficava em casa para ajudar o pai (stayed home to help his father). See cooperative concept of the family in commentary to *não foste à escola* of story no. 12.

Repetira a primeira e a segunda classe (repeated first and second grade). See commentary to *repetir 3 vezes a primeira classe* of story no. 24.

Bater (to beat up). In agrarian societies, to beat children is usually the normal method of disciplining them. This crude method has, nevertheless, to be considered in the general context of the way feelings are expressed in those societies. Everything is exteriorized: anger, impatience and jealousy, but also love and tenderness. Feelings are expressed by actions (beating, kissing, screaming) rather than by words. In this story, what is revolting is not so much the beating, but the unfairness and the exaggeration.

Régua (ruler). The most common instrument used to discipline children in elementary schools. Sometimes this ruler has holes in order to be more effective. Children who expected to be beaten used to butter their hands before coming to class, so that the beating would not hurt so much.

Vime (rattan). Used quite rarely.

20. ALDEIA MORTA

In this story, one of the many reasons why people continue to immigrate is expressed. As two or three families leave a village, the other people start to feel lonely. The urge then arises to join those who went ahead, until sometimes the village becomes empty and dead.

Counseling Goal

To understand the reasons that parents wanted to immigrate, and to plan how to take advantage of the new situation.

Discussion

1. Ask the students what were the reasons why their parents wanted to immigrate.
2. What do they expect from the United States?

21. MOIRATA

Leonaldo has not been able to find in school the beauty he found in his father's farm. But he is a poet, and a very sensitive boy. There should be a way for him to recover his joy.

Counseling Goal

To discover and appreciate the cultural elements in the life of an Azorean country boy, and to discover how these elements can relate to life in the United States, and to school.

Discussion

1. Ask the students to describe some of the jobs they would perform on a farm.
2. Ask them to describe the importance of these jobs and to demonstrate some of the physical skills necessary to perform these tasks.

Project

In collaboration with the science teacher, have the students research the different dairy products, the way they are processed, their nutritional value, etc.

Language and Culture

Bem educado (well-mannered). *Educação*, does not refer to books and years of study as in the English «education», but rather to manners and quality of relationships with others. It is, therefore, a false cognate (see commentary to story no. 11). Education should be translated into Portuguese by *instrução*.

Moirata. Typical name for a cow. In Portugal, cows and bulls always have proper names.

22. NADA QUE FAZER

There are many reasons to explain why João is not succeeding in school. In his country, he didn't attend classes very often, but he was happy and always had something to do. Now, he does go to school, but when he goes home, he is bored.

Counseling Goal

To find interesting things to do after school.

Discussion

1. Ask the students to compare what they used to do after school before they came to the United States, with what they do now. 2. What responsible action could João have taken to fight his boredom?

Project

Put together with the students a booklet listing suggestions for good TV programs, as well as for activities organized by different agencies in the community (NYC, Library, Boy Scouts, etc.).

Language and Culture

Briga, brigão (fight, one who is always fighting). From the Latin, *briga*. Other words coming from the same origin are *brigada* (a military unit), and *brigadeiro* (a member of the military hierarchy). In English, «brigade», and «brigadier». In the Azores, one will hear the word *guerrear* more than *brigar*.

Amanhar (to cultivate, to dispose, to accomodate, to fix). From the Latin *manum* (hand). It is an old word used commonly only in the countryside of both the Continent and the Azores. A very common affectionate invective used in S. Miguel is *Ah! corisco mal amanhado!* (See story no. 28). Other words of similar origin are: *maneatar, amanuense, manear, maneirinho*, etc.

Ajudar o pai (to help one's father). See cooperative concept of the family in commentary to *não foste à escola* (story no. 12), and to *à espera do pai* (story no. 24).

23. A BICICLETA

This story reflects the insensitivity of a teacher and his students towards a boy with special needs.

In sharp contrast, it expresses the deep humanity of this boy who is happy because he can finally play. Also, in contrast to the boy in the previous story, he is not bored although he has similar problems.

Counseling Goal

To understand the importance of play in everyone's life. 2. Same goals as in stories nos. 13 and 26.

Discussion

Discuss the advantages of playing indoors and outdoors. Do the students' parents allow them to go out and play with friends? What other outdoor activities can they think of besides riding bicycles?

Project

Continue project of story no. 22.

Language and Culture

Repetira 3 vezes a Primeira Classe (had repeated first grade three times). See commentary to story no. 24.

Tanto trabalho (so much work). Many children enjoyed thoroughly the activities they were requested to do with their parents. But sometimes the work demanded of them was either too much, too long or too difficult. A child who is not allowed to play, or whose work is too hard to be considered play, will be a depressed child.

24. A FRISA

In his country Maurino went to school, but his heart was in the activities he would do after school with his father. He misses those activities now, but, instead of getting discouraged, he looks at the positive side of life. Perhaps for him the freezer is the symbol of this land of plenty.

Counseling Goal

To look at the positive aspects of living in the United States.

Discussion

Have the students enumerate the good things they find in the United States. (Try not to encourage a comparison between this country and their native country. The objective is to foster optimism, not to provoke change or conflict of loyalties).

Language and Culture

Repetir 3 vezes a Primeira Classe (to repeat first grade three times). In small villages in Portugal, it is frequent to see children who have repeated first grade three times. On one hand, there are certain official standards all students have to meet in order to pass to the next grade. If they don't meet those standards, they stay in the same grade indefinitely. On the other hand, since in small villages there is sometimes only one teacher for all four grades, it is not possible to individualize instruction. A child with learning problems or poor motivation is, therefore, bound to repeat grades many times.

A espera dos pais (waiting for their fathers). To wait for the father (or the husband) to come from the sea is almost a archetype of hope and fear. In an agrarian society, children participate in the activity of the adults (see cooperative concept of society in commentary to story no. 12). In this case, they clean the boat, for which they receive a small amount of money. Their competence and vocabulary in this area increasingly develop. Seeing the progress their children make in their own jobs, the parents are proud of them and encourage them. Unfortunately, school is unrelated to those areas, and therefore, children find studying irrelevant. This is a culture shock they experience while still in their own country.

Varar: to pull a boat onto the beach. From the Latin, *vara*.

Preparo: the utensils used to fish

Frisa: Portuguese derivation of the word «freezer». For Portuguese-Americans it means «refrigerator». In Portuguese, the word for refrigerator is *frigorífico*, and for freezer is *congelador*. But since many immigrants did not have either of them, they were not familiar with the difference between the two, and were not even accustomed to the Portuguese words. They also often say *frisado* (frozen), instead of *congelado*.

26. A QUADRILHA

Discrimination can be an everyday experience of a minority group. It is important for children to experience the anger and rage that being the object of prejudice provokes.

Counseling Goal

To discover how to channel this anger in a responsible and productive way.

Discussion

1. Have the students give examples of discrimination, harassment and ethnic prejudice against themselves or their parents. 2. Have the students give examples of discrimination and prejudice they themselves can be guilty of, such as against minority subgroups in the midst of their own group: against the only two children who are not from St. Michael, or against a Brazilian, Continental or Cape Verdean student. 3. What responsible and productive action should be expected of Joaquim?

Language and Culture

Hóquei (hockey). Roller-skate hockey is a national Portuguese sport, second only to soccer. In fact, for a long time, Portugal was the winner of the European and World league. That is why Portuguese children in the United States become involved immediately with ice hockey.

Porugee: deprecatory way of naming the Portuguese in New England. It imitates the way Portuguese people would pronounce this name.

25. O GORILA

This story tells us about a boy who was crying for help but did not know how to express himself. The teachers misunderstood the signs he was sending, and only the mother could give a cue to what the boy was feeling.

Counseling Goal

To learn how to recognize when we are in trouble, and how to ask for help.

Discussion

1. How do we know this boy was discouraged? What should we do when we feel discouraged? 2. With whom can we speak when we have a problem?

Project

Write about an occasion when you felt discouraged and what you did about it.

Language and Culture

Discreto (intelligent). See commentary to story no. 14.

27. A GUITARRA

Sebastião received a new guitar from an uncle. He also had the opportunity to learn how to play it. But by heeding the teasing of other boys, he lost the opportunity to have lessons.

Counseling Goal

To learn how to assert oneself, and to pursue one's own interest, regardless of the embarrassment caused by other people's opinions.

Discussion

1. What do you think about Sebastião's attitude in avoiding Mr. Mahoney? 2. And about his unwillingness to risk the teasing of the other boys? Did it help him? 3. Have you ever avoided doing something you badly wanted to do, for fear of embarrassment?

Project

Have the students make a collage about the topic «There is no success without the risk.»

Language and Culture

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Cela (cellar). See commentary to story no. 7.

Deixou-nos ficar mal parados: idiomatic expression meaning «he let us down».

Escárnio (tease). See commentary to story no. 14.

28. CAGARROS

This story describes Azorean boys teasing each other with the nicknames peculiar to each island. The Azores are not as homogeneous as is commonly thought. Each island has its own characteristics of language, culture and social-economic structure. With this differentiation there sometimes comes a deep rivalry.

Counseling Goal

To appreciate the individual differences of each region of origin, without indulging in petty rivalry.

Project

In collaboration with the Portuguese teacher, organize folders with the specific characteristics of each region of origin.

Language and Culture

Corisco: Literally, it means «lightening.» Since this is a very common invective used by the islanders of St. Michael, these islanders are often nicknamed by this word.

Rabo-torto: Literally, it means «crooked bottom». It is the nickname of people from the island of Terceira.

Cagarro: Name of a bird very common in Sta Maria. People from this island are called *cagarros*.

29. BONITO

Portuguese communities in the United States are by no means homogeneous. This story is but one example of the confusion caused by the different linguistic variants of the community.

Counseling Goal

To understand and appreciate the different linguistic and cultural variants of the Portuguese community.

Discussion

1. Ask for examples of particular words and expressions typical of each region or island. 2. What words are common but have different meanings?

Project

In collaboration with the Portuguese teacher, write a small regional dictionary. Interview teachers or members of the community for this purpose.

Language and Culture

Bonito (bonito). The English adopted the Portuguese name. It is a fish of the mackerel family.

30. PREFERE VIVER

This story describes a boy trying to keep a balance between play, school duties and work. In the process, gym is sacrificed. The counselor, at the beginning, wanted him to sacrifice play, but that was unacceptable to the boy. What perhaps could have solved the dilemma was to have considered gym, not as another burdening task, but as something that made him fit for the physical strain of hockey and work.

Counseling Goal

To understand the benefits of physical education for our physical well-being.

Discussion

1. Why was the solution suggested by the counselor unacceptable? 2. Why is gym compulsory in schools? What are its benefits? 3. What are the consequences of cutting gym?

Project

Research in the library the physical exercise program of an astronaut (preparation for extreme physical activity), or of an intellectual (preparation for hard mental activity).

Language and Culture

Gym: In this and the following three stories, some of the difficulties Portuguese students find in gym are described. But beyond those concrete difficulties, the basic problem is the fact that physical education is completely alien to an agrarian culture. There are two reasons for this: first, because it is an activity separated from the basic chore of supporting the family; second, because strenuous physical activity is already the lot of most people in such a society.

Cavalo de batalha: Idiomatic expression meaning «a point of contention».

Bem educado (well-mannered). See commentary to story no. 21.

Escritório (office). See commentary to story no 5.

Hóquei (hockey). See commentary to story no. 26.

31. O TABU

This story describes a common taboo among the Portuguese, one justified by the special circumstances of the Portuguese climate and diet. In continental Portugal, the days can be very hot, the ocean very cold, and the diet very heavy. Nevertheless, as happens with all taboos, this one tended to become rigid, inflexible and unreasonable. The resistance Fernando feels towards gym has to be understood with this background in view.

Counseling Goal

To become free from the inflexibility of taboos.

Discussion

1. What could be some reasons for waiting hours after a meal to swim? 2. How did this rule become a taboo? 3. Does this rule apply in the United States?

Project

In collaboration with the science teacher, research the causes of congestion.

Language and Culture

Arrabida. Mountain and beach close to Lisbon. Remarkable scenery and gorgeous beach.

Atulhado (full of). It is the same as *entulhar*, and comes from *tulha*, which is the place where olives used to be stocked. *Atulhar* originally meant to fill up the *tulha*.

Garrações. Typical bottles covered with straw, and containing about two gallons of wine.

Pasteis de bacalhau (codfish cakes). A very typical Portuguese dish of salted codfish, potato, egg and spices, shaped like small eggs and then deep fried.

Banheiro (lifeguard). In general, he is a fisherman paid to clean the beach, set up the canvas shades typical of Portuguese beaches, and also to function as lifeguard.

À risca. Idiomatic expression meaning «with rigor.» The underlying image is a line that serves as a boundary, and is never crossed.

Refeições a sério. Idiomatic expression. In this case, it means «decent meals.» To be «decent» a meal has to have soup, a cooked entrée and desert. Sandwiches, hamburgers and hot dogs are not considered «decent» meals.

32. COISAS DE RAPAZES

Two girls feel embarrassed to go to gym because they are requested to play games which they don't know and which they feel are not feminine.

Counseling Goal

To understand the benefits that gym can bring to the beauty and health of a woman's body.

Discussion

1. How could the other Portuguese girls have helped Amélia and Helena? 2. What are the different games that males and females play? 3. Why does a woman need physical exercise? What are the consequences of not exercising?

Project

In collaboration with the science teacher, research the factors involved in overweight.

Language and Culture

A gente não querem...sabem...gostem: See commentary to story no. 7.

Povoação. A town in St. Michael.

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Desengonçada. This word comes from *gonços* or *engonços* (hinges). Something or someone *desengonçado* looks like a door that is not well hinged.

Fazer escárnio (to tease). To tease, usually with the intent of laughing at the person and putting her down. Expression used mainly in the Azores. See commentary to story no. 14.

33. O APERTAR DO CÍRCULO

This story, read in a counseling group, can be used to measure the degree of intimacy and cohesion the group has attained. It can also be used to discuss the unity or disunity of the Portuguese community: the group is the symbol of the community.

Counseling Goals

1. To strengthen the cohesion of the group. 2. To find out how to contribute to the unity of the community.

Discussion

1. Is everybody contributing to the growth of the group? Is there a feeling of presence or of distance? 2. What are the main points that divide the Portuguese community? Regional differences? Rivalries? Politics?

Project

Invite a Portuguese community leader to talk about the different problems facing the community, and then discuss with him how the students could help.

Language and Culture

Ofegante (breathless). From the Latin *offocare*.

Desconfiado (suspicious). From the Latin *fidare*. It maintained the etymological sense of not trusting.

Apresentar (to introduce). In the United States, the Portuguese tend to forget the word *apresentar*, and use its false cognate, *introduzir*. This latter word can indeed have all the meanings of the English, «to introduce», with precisely the exception of the meaning of introducing one person to another. In that case, only *apresentar* should be used.

Cerrar fileiras. Idiomatic expression from the military vocabulary. It is an order for the soldiers to move closer together, to be more compact.

34. ELES PÕEM—SE A RIR

Mariana suffers not only the fears and self-consciousness of the immigrant, but also those of an adolescent.

Counseling Goal

To understand the fear of speaking English in front of other people, and to decide how to deal with it.

Discussion

1. Did the mother understand Mariana? 2. What was Mariana ashamed of?
3. What do you think about her not wanting to speak English in the store? 4. Is it helping her?

Project

Ask the students what situations they fear most due to the language barrier; then, role-play those situations.

Language and Culture

Jardim Infantil (Kindergarten).

Estoa (store). See commentary to story no. 6.

Namorado (boy friend). See commentary to story no. 40.

As crianças aprendem mais depressa (young children learn faster). An older child's self-confidence is shaken in the new country when his younger siblings, who always looked up to him because of his greater knowledge, suddenly are learning something (i.e., the new language) better and faster than he is. The older child's embarrassment is even greater in situations where the only thing studied in school is the new language. Such a situation leaves him without anything in which to excel.

Quem me acode (who comes to my help). Immigrant mothers frequently overestimate how much English the children really know, and depend upon their help in situations where they would never have dreamt it necessary in their own country: i.e. hospitals, stores, businesses. Parents are so relieved that their children can communicate a little bit that they forget they are just children, with a very restricted vocabulary, self-consciousness and fear of strangers.

35. OS ÓCULOS

Pedro is an insecure adolescent who is embarrassed to wear glasses.

Counseling Goal

To realize that to let the fear of embarrassment rule us is the same as to surrender ourselves to the opinions of the others.

Discussion

1. What do you think of Pedro's attitude in refusing to wear glasses? What would a girl think of a boy who is not living up to his potential because of the glasses?

Language and Culture

Vai lá para fora (go out of the class). This is the standard expression used to expel a student from the class. In Portuguese schools, this sentence carries an ominous meaning

Loca (locker). Luso-Americans never use the Portuguese word *cacifre*. They prefer to use the derivative of the English word.

36. AMBIVALÊNCIA
37. COISAS DE MULHERES

Lúcia is not sure whether she prefers the old image of the male who comes home to eat and then goes out again, or of the male who remains home and shares the housework with his wife, sister, or mother.

Counseling Goal

To clarify the domestic roles of men and women.

Discussion

1. How can you explain the contradictions which Lúcia faces? 2. Should a man help his working wife with the domestic chores? 3. Are there things that are proper only to men or women?

Project

Make a list of roles, activities and preferences that characterize the sexes, as seen by the Portuguese.

Language and Culture

The role of men and women in the house. It is a mistake to look at the different sex roles of recent immigrants in the context of recent American social movements. Portuguese women of the countryside regard working in the house as a privilege, a right and an honor. Men come home to enjoy what their wives have prepared, but they are not to interfere with their wives' right to do this work by themselves. The house is the woman's exclusive territory. The attempt of a man to help his wife is seen either as a criticism and doubt of her skill as a housewife, or as a less than masculine preference that doesn't deserve the respect of a woman. This pattern, therefore, not only assigns different responsibilities in the overall task of maintaining the house, but, more importantly, shapes the sexual identification of both boys and girls. Lúcia is sexually attracted only to boys who don't help mothers and sisters. Her brothers unconsciously perceive this preference, and therefore don't help her. It is not only a question of feeling secure in his or her sex, it is the deeper problems of under what conditions someone is attracted to the opposite sex. In order to modify the attitudes of the boys it is necessary to modify, first, the attitude of the girls.

Ice cream and chewing gum. These are sweets and, therefore, reserved for women, according to the sex stereotype: «sweets for women, and *petiscos* for men». See *petisco* in commentary to story no. 14.

38. CHEIRO A MAREIA

This story portrays a boy who, in his native country, was very competent as a fisherman. Now, like his father, he misses the fishing and the cultural context that surrounded it. When boys who previously have worked full-time return to school, they have a hard time seeing the relevance of school work to their lives. There was only one reason strong enough to motivate Altino to go back to school.

Counseling Goal

To find convincing reasons to stay in school.

Discussion

- 1) Discuss reasons why study is necessary in a country like the United States.
- 2) Why was it less necessary for the students to study in their native country?

Project

1) Ask the students to compile, with the help of the ESL teacher, a small dictionary of Portuguese and English names for the fish found in the Azores. In order to accomplish this task, they could visit the nearest Portuguese fish market, or invite its owner to come to the classroom.

2) Ask each student to write an essay about why he wants to study. Share the papers with the group.

Language and Culture

Pegar de carreta. Idiomatic expression, used in Faial, meaning «to be disoriented.» On the Continent, a popular way to say the same thing would be *está desorientado* *Escritório* (office). See commentary to story no. 5.

Ir à pesca com o pai (to go fishing with his father). Notice the cooperative concept of family. Children participate, at their own level, in adult activities. There is no such thing as an adult culture and a youth culture. Everybody participates in the common activities of maintaining the family. Children learn not through formal teaching but by participation in the activity with an adult. See commentaries to stories nos. 12, 23, 24, 41, 62.

O Homen da casa (the man of the house). In a patriarchal society, when the husband is absent, the older son acquires much of the importance and power of his father. In such circumstances, it is very difficult for the mother to discipline him.

Terminar-se. In this context, it means «to find his way around», «to succeed.» One hears very often the expression: *nos Açores já me sabia terminar, mas aqui nem sei onde ficam as ruas.* It can also mean, «to go about his business or to go to the market.» as in *hoje tenho que me ir terminar.* *Uma pessoa terminada*, refers to a person who is quick and effective. Only Azoreans use the word in these three senses. On the Continent, it has only its original meaning of «to finish,» and it is used only as a transitive verb.

39. INCORRIGÍVEL

Avelino used to be considered incorrigible. Now he is studying something he finds relevant, and wants to get off welfare. Perhaps the most urgent task for counselors and teachers is to help students to find relevance in their school work. No man is incorrigible.

Counseling Goal

1. To discover how school work can be relevant to one's future. 2. To look at welfare as a right one has only when in need, and not simply as a source of extra income. 3. To understand what the purposes of counseling are. 4. To understand the desire to drop out, and to learn how to deal with it.

Discussion

1. Do you think that what you are doing in school is relevant for your future? If not, what steps should you take in order for it to become relevant? 2. What do you think about Avelino's idea about welfare? 3. What are your feelings about counseling? How can it help? In what circumstances? 4. Was there any way Avelino could reconcile his pride and self-reliance with staying in school?

Projects

1. Have each student review his-her own program, and be prepared to give reasons why they chose such a program. Students should be able to justify each subject and see its importance for their future. 2. Organize a class folder about welfare. One student could write about eligibility; another could gather practical information such as addresses, telephone numbers, etc.; a third could compile case stories, distinguish the different programs, etc. 3. Have the students investigate how much it would cost to get married according to the customs of the community. Include church ceremony, banquet, tuxedos, photographs, flowers. Then, discuss how the budget could be reduced to half, or to seventy-five percent.

Language and Culture

Qualquer coisa com sentido (something that made sense to him). See also story no. 43.

Orientação (counseling).

Welfare. The Portuguese word that should translate this term is *Previdência*. But the American welfare system is so different from the Portuguese Previdência Social that it does not make sense to translate.

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Job. In Portuguese this is *emprego*, but this word is rarely used in the language of the immigrant.

Bilos. Derivative of «bills». In Portuguese it is *contas*.

Cerimónia: the Portuguese wedding implies, besides the church ceremony, the banquet for relatives and neighbors (a *boda*). If one does not have money for the whole package, several alternatives could be considered: 1. To have a simple church ceremony without banquet. 2. To invite just close relatives to the banquet, or to have a less elaborate reception. 3. To take out a loan in order to pay for the ceremony. 4. To have just a civil ceremony, and when there is money available, have the religious one with banquet. 5. Get another job, work overtime or drop out of school. In general, only the last two are considered by Portuguese people who come from the countryside. The first three options presuppose a more urban mentality and culture, including a knowledge of the credit society. Such an outlook is generally not found in a small village in a developing country. (see debts in commentary to story no. 43.)

40. ENTRE DOIS MUNDOS

This girl finds herself torn between her needs and her loyalty to important people in her life. She wants to date; her father does not want her to meet boys of her own age. She wants to study; her father and fiancé don't think that is important. She wants her fiancé to start saving some money for himself; his parents want him to give them all the money he makes.

Counseling Goal

To appreciate and understand the parents' values, but be able to apply them to new circumstances in the United States.

Discussion

Analyze the differences in the customs in Portugal and in the United States. 2. Analyze the reaction of the mother as opposed to the reaction of the father. 3. What are the feelings of the students about inter-group marriage? 4. Should a working teenager give all his/her money to the parents? 5. Is it important for a girl in Portugal to study? For a girl in the United States?

Project

Dramatize the story, letting the students elaborate on each character.

Language and Culture

Namorar (to date). In certain regions of Portugal, dating is extremely ritualized. One extreme form, that still serves as an archetypal model for many people in the countryside, is the following: the boy asks the girl if she wants to date; the girl, if she wants to, says yes, but tells him he has to ask her father. If the father give his permission, the *namorados* can then converse (*conversar*), she usually at the window and he in the street. There is no such thing as dating several people at the same time. Dating is always considered steady.

Arranjar um rapaz das nossas terras (to pick up a boy from our village). For parents who immigrate to the United States, their dream is that their sons and daughters will go back to their native village to choose their mates. They are afraid that their children might marry persons outside their ethnic group, for example Anglo-Americans, Hispanic-Americans or even Portuguese-Americans. They feel that the latter group especially are not as «Portuguese» as themselves.

Dar o dinheiro aos pais (to give the money to the parents). In agricultural areas of Portugal, the support of the family is considered a cooperative task of all of its members, from grandparents to daughters and sons. This cultural pattern remains when the family immigrants to an industrial region: whatever the children earn before they think of getting married belongs to the whole family. This cooperative concept of the family is perhaps the reason why it is difficult for parents to allow the younger children to continue their studies after they are 16. The parents are afraid the older children who may have

left school in order to contribute to the support of the family, will feel cheated or discriminated against. Teachers not familiar with this cooperative concept of the family can very easily misinterpret these patterns as exploitation of the children. In this story, however, Alberto's father goes well beyond the custom, and he is indeed being exploitative. Usually, when the children are engaged, they start earning for themselves.

41. DESPERDÍCIO

Amadeu is acting irresponsibly. As the family situation is explored, we become aware that Amadeu used to be a very competent painter, encouraged by all his family and neighbors and that now his father is depressed and discourages him from studying. Will Amadeu find the inner resources to do something about the situation, instead of letting himself be the victim of outside forces?

Counseling Goal

To examine the students' disappointment with school and to find ways to deal with it. 2. For the students to decide what to do when their parents discourage them from studying.

Discussion

1. See if there are in the classroom students with hidden talents, and have these students describe and discuss their abilities. 2. Is Amadeu being responsible? What would be the course of action most helpful for him and for his father? 3. Ask the students whether their parents like them to be in school; discuss the reasons. 4. What responsible action can students take when they feel their parents discourage them from staying in school?

Language and Culture

Os pés assentes no chão. Idiomatic expression referring to a realistic, stable, «no-nonsense» type of man.

Aprendia a arte com o pai (used to learn the art with his father). See cooperative concept of family in commentary to stories no. 12, 24, 38.

Arte (art). This word has the same meaning as in English. It can refer to skill, craft, creative work, etc. Here it means «craft».

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Está com a cisma. Idiomatic expression meaning «he is with the preoccupation», as if the preoccupation had become independent, and then began haunting him like a fixed idea.

Tenho de ir trabalhar (I have to go to work). When the family is in trouble, everybody is responsible for helping out. The father did encourage his son to learn the family art, but he could not encourage him to study, something with which the father himself had no experience.

Toldar. Means to cover with a *toldo* (something that gives shade). Figuratively, it means «to obscure» as in *as nuvens toldaram o sol*.

42. NA GARAGEM DOS MEDEIROS

This story has four parts. In the first two parts, Mr. Carreiro is introduced as a very responsible man who, through much work and persistence, was able to solve the overwhelming problems that confronted him as a recent immigrant. In the third part, Zé Freitas is presented as a boy who applied to a college, but, having lost his application, is torn between persisting in his desire to study or going to work like his friends. In the fourth part, we see the responsible, hard-working Mr. Carreiro totally misunderstanding the insecure, idealistic Zé Freitas.

Counseling Goals

- 1) To learn that there is always a way out, even if it means extra work or sacrifice.
- 2) To understand the value of delaying gratification when considering the longer-range benefits of going to school.
- 3) To understand the pressure to go to work, and to be able to resist it in favor of one's best interests.

Discussion

- 1) What was the origin of Mr. Carreiro's stomachaches? What different courses of action could he have taken at that point? How could Mr. Carreiro be happy in spite of eleven hours of work?
- 2) What factors should Zé take into consideration when deciding whether or not to go to college? Do you feel pressured to go to work?
- 3) Why did Mr. Carreiro think so little of Zé? How can we explain Mr. Carreiro's mentality?

Projects

- 1) Ask for volunteers to do some research about the concepts of depression and of psychosomatic illness. Explain the concepts first if the terms are unfamiliar to the students.
- 2) Explore with the students the different work-study programs offered at the high-school or college level. Explain how a great percentage of Americans have worked their way through college.

Language and Culture

Stara: derivation of the English word «starter». The Portuguese word is *motor de arranque*.

Travões: the plural of *travão* (brake) is *travões* and not *travãos*. After many years in the United States immigrants tend to overlook certain linguistic details of the native language.

6^o Ano: It is the junior year in the Portuguese secondary school system.

Aplicação. In the United States, the Portuguese often use the word *aplicação* to translate «application»; but this is a false cognate. In Portuguese, *aplicação* has the meanings of «putting something on», «exerting physical or mental effort», «adapting from the abstract to the concrete». «Application» should be rendered in different ways in Portuguese, according to the context. If it is the application for a social service or for a government benefit, one would say *requerimento*; application to a school would be *matrícula*; application to a contest or a job, *pedido* or *candidatura*. This last word is also used in the context of running for public office. See other examples of false cognates in the commentary to story no. 11.

Moureja. This word refers to working very hard. It comes from *mouro* (Moor), one of the Arab tribes that occupied the Iberian peninsula. After the Christians conquered the Moors, the Moors who stayed were given the laborious manual jobs.

Desanuviar: to uncloud.

Marqueta. Derivation of the English word, «market». Portuguese generally use *ir ao mercado* or *fazer as compras*. *Fazer a marqueta* is a combination of the two expressions, with an English touch.

Só quer é estudar. Não faz nada. (He just wants to study; he does nothing). Mr. Carreiro, as many blue-collar workers, doesn't consider studying to be work. In his view, to study is a leisure activity that only rich people can afford. Since it is not «work», those who make a living out of books exploit the real workers; thus, children who study exploit their working brothers and parents. People who think Portuguese people exploit their children when they take them out of school should consider the opposite point of view that these parents have. The strategy to use is not to make these parents feel guilty and worthless, but while recognizing their values and concern for their children, to help them to see that an industrial society requires from the children many more years of preparation to work than the simple society they have been accustomed to.

43. ELE AGORA SÓ QUER BRINCADEIRA

To stay in school after 16 is not always a privilege for the student; and to allow a child to stay is not always a duty for the parent. In the following six stories, the complex motivation of a student, his sister and mother are described. As much as we empathize with Hermínio, perhaps we have to agree that it will be better for him to drop out of school.

Counseling Goal

To view staying in school as a responsibility rather than as a privilege.

Discussion

1. How do you view Hermínio's mother? Is she a responsible woman? Is she the type who would exploit her children? 2. How do you think Luísa felt in regard to her brother's staying in school? Would it be fair to Luísa if the brother stayed in school? 3. What could explain Hermínio's behavior in school and at home? Could these reasons excuse his behavior?

Language and Culture

Casamento arranjado (marriage prearranged by the parents). In a patriarchal society, the parents have an important role in the choosing of their children's mates. In Portugal, this process was similar to that of other Western societies; the only difference lies in the fact that the process of industrialization has not yet deeply influenced some regions of Portugal, and, therefore, the old patriarchal structures have survived longer.

Jorna (daily wage). From the Latin *diurnus*. It can be an insecure and less dignified way to work.

Maneirinho. Capable of being easily handled, or, easily manipulated. From the Latin, *manus* (hand). See *amanhar* in commentary to story no. 22.

Shop dos candinhos (candy shop). See commentary to story no. 17.

Injusta para a filha Luísa (unfair to her daughter Luísa). It is considered unfair by many Portuguese parents to allow some of their children to study, while others work. It is also resented by the children who work. In order to understand this dynamic better, one has to keep in mind the following elements: 1. Working children give the money they earn to the parents. In a sense, therefore, the working children are supporting the studying ones: 2. For a non-educated family from a rural area, studying is considered a leisure activity; only manual work is perceived as real work, something that fatigues the body and dirties the hands. 3. For these rural families, to study longer is also a sign of hubris (i.e., an attempt to escape the social conditions of the family) and therefore, an insult to those who accept those conditions. («He is not more than we are!») A sister who works therefore, might think, «I am working to support my brother who, by doing nothing and keeping his hands clean, will be better off than I am.»

Debts. There is nothing more disturbing for a family coming from an agrarian society than to have debts. To pay them as soon as possible is one of the highest priorities in their code of honor. («I am free only when I don't owe anything to anybody.»)

Televeljon (television). See commentary to story no. 9.

44. A PEÇA DE MUSEU

This story is but one example of the humiliation that so many immigrants experience when they don't know the language and have to deal with doctors and hospitals. The father is treated without respect for his dignity as a human being.

Counseling Goal

To increase among the students the respect for the dignity of every person.

Discussion

1. How was Mr. Antero's dignity violated? 2. What could he have done? 3. Have the students tell similar difficulties that they or their parents may have experienced.

Project

Introduce the concept of assertiveness, and ask the students to write about an episode in which a person (themselves or another) allows his dignity to be attacked.

Language and Culture

Beiras. Name of a group of three provinces in north-central Portugal: Beira Litoral, with its capital in Coimbra; Beira Alta, with its capital in Viseu; and Beira Baixa with its capital in Castelo Branco.

De chofre (unexpectedly.)

Estagiário (intern). From the Latin, *stadium*.

45. LAWRENCE WELK

This story permits a glimpse into the intimacy of Mr. Antero's family life. It is the life of a common, warm, hardworking family. As in most families, there is some hurt and tragedy; in this case, the mother can't accept her child's illness. And there is the typical frustration of immigrants: they can barely participate in the cultural life of the country. Here, the family can watch only a non-verbal TV program.

Counseling Goal

1. To understand the psychological mechanisms of «denial». 2. To understand the frustration of not being able to participate fully in the cultural life of the country.

Discussion

1. Why couldn't the mother believe her son had leukemia? If she didn't believe it, why did she cry and slam the door? 2. Why was Mr. Antero ashamed of *Lawrence Welk*? What other non-verbal TV programs do many immigrants watch?

Projects

1. Ask each student to bring to the next session an example of «denial» they observed in themselves or in others. 2. Ask the students to make a list of TV shows they commonly watch, and to explain their cultural value.

Language and Culture

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Beirão (person born in the Beiras). See commentary to story no. 44. People from Beiras are known for their endurance and patience.

Parla (parlor). See commentary to story no. 3.

Toda vestida de preto (all dressed in black). After a certain age, people in Portugal very frequently dress all in black. The same practice can be seen in many Mediterranean countries, such as Italy, Spain, and Greece. The bright colors older American people like to wear never cease to amaze the Portuguese.

Juízo. Literally it means «judgement» (from the Latin, *judicium*), but, when applied to children, it takes on an affectionate and complacent connotation. Another expression that can be used in this context could be *portar-se bem* (to behave).

46. A MARMELADA

To reminisce is one of the understandable pleasures of immigrants. Very often children get impatient with their parent's reminiscences. Nevertheless, it is still one of the best ways to capture the flavor of the parents' culture.

Counseling Goal

To understand the need immigrant adults have to reminisce, and to suggest how children can profit from such confidences.

Discussion

1. What was the feeling the grandmother experienced when she said «*garotos!*»? What were Mr. Antero's and Mrs. Meneses' feelings when they told these stories?

Project

Ask the students to start paying attention to their parents' reminiscences and to be prepared to share them with the class in future sessions.

Language and Culture

Whisky. A person from the Portuguese countryside would usually offer wine or beer to guests. But Moçambique, where this family spent some years, doesn't have wine and is influenced by neighboring Rhodesia. To offer whisky is also seen as a status symbol (as in the United States). See story no. 74.

Mandar lá para dentro (to send to the interior of the house). See commentary to story no. 4.

Queijo da Serra. A typical cheese from the Beiras.

Marmelada. See story no. 11 and its commentary.

Garotos. In general, small children who play in the street, as opposed to the ones who stay, well-behaved, at home.

47. O BURACO

The serenity of that old grandmother came from much suffering, but also from much support from her children and grandchildren. She will forever be torn between the desire to live in her own village and the need to live with her immigrant family.

Counseling Goal

To understand the needs of senior citizens and to appreciate the traditions related to taking care of aged parents.

Discussion

1. The grandmother was torn between two opposite desires. What were they? Why was it so difficult to resolve the conflict? 2. Was it difficult for Mr. Antero to support his mother-in-law? What would be the alternative?

Project

Have those who live with their grandparents ask them about their *terra*. Have those who don't live with their grandparents write to them.

Language and Culture

A terra. Literally it means, «the land». But in this context, it refers to one's village of origin. It is a word filled with the nostalgia of centuries of immigration to foreign countries and migration to the cities. See, for instance, the *Saudades da terra* of Gaspar Frutuoso.

48. OS MEDICOS É QUE SABEM

We continue to see the mother struggling to accept her son's illness. She finds all kinds of reasons why she should refuse to accept the facts: the doctor's dungarees, the incompetence of the interpreter, the accident her son had... She will need much compassion in order to be able to accept the sad reality.

Counseling Goal

To understand the psychological mechanism of denial. See story no. 47.

Discussion

1. Would it be useful to argue with the mother? To scold her? 2. Would she accept her son's illness if she went to Portugal? 3. What is the main thing this mother needs at this moment?

Language and Culture

Garotos (children). See commentary to story no. 46.

Amealhar (to save bit by bit). It comes from *mealha* (Latin, *medalia*) which was the coin that resulted from cutting in half the *dinheiro* (another coin). The idea is therefore to save the smallest coins until one has a big sum.

Levá-lo aos nossos médicos (to bring him to our doctors). There is no doubt that medicine in the United States is much more developed than in Portugal with more doctors, better training, handier facilities, and more efficient research. But these factors don't impress the mother. She feels that she can only trust a doctor from her own country and ethnic group; much the same way as Americans tend to shy away from a doctor with a foreign accent, even if they know that all of his training was obtained at an accredited American university. If you can't trust the person you can't trust the professional. And in general you only trust persons of your own group. Immigrants face this problem constantly in their dealings with teachers, social workers, lawyers, etc.

49. UM RESTO DE ESPERANÇA

This story tells us the last stage of the mother's process of accepting reality. Because the doctor listened to her, her defenses fell. The illusion gave place to hope. But she had to give up even this hope.

Counseling Goal

To decide what to do when we finally come to accept the reality of facts we don't like.

Discussion

1. What helpful and responsible attitude toward their son should the parents have after they accept the facts of his illness? 2. What psychological dangers do they face now: (i.e., self-pity, overprotection of the son, resentment towards him...)

50. SEM PALAVRAS

51. A MÃO

We turn now to Francisco himself. He knows what is wrong and he is angry and afraid of dying. He expresses his anger by not talking. We can sympathize with this boy, but would it be possible to react in a way more helpful to him?

Counseling Goal

To find productive ways to react to painful situations.

Discussion

1. Is not talking helping Francisco? 2. What would be the most constructive way for him to react to his illness?

Project

Collect stories of famous handicapped persons, i.e., people who reacted to their handicap in a way most productive to themselves and to society, e.g., Helen Keller, Roosevelt, Beethoven...

Language and Culture

Escritório (office). See commentary to story no. 5.

Malandro. A man of devious ways. Here it has an affectionate tone.

Cisma. A fixed idea. See commentary to story no. 41.

52. SONHO DESFEITO

Aunt Amelia worked for 23 years in order to fulfill her dream to have a bakery of her own. The year she was finally able to buy one, she lost everything and had to immigrate a second time. Life can be full of unfulfilled dreams and lost hopes. But nothing seems more disappointing than losing the fruits of our accomplishments.

Counseling Goal

To understand the feeling of disappointment with one's life and to find ways of dealing with this feeling.

Discussion

1. How does Aunt Amelia feel at the end of the story? 2. Did she really lose all the fruits of her work? 3. What can we do to insure that our best accomplishments cannot be taken away from us?

Project

Invite a refugee from Angola or Moçambique to talk to the class about his/her experience.

Language and Culture

Terra (village of origin). See commentary to story no. 47.

Senhores da alta (people from the «high society»).

Amealhar (to save bit by bit). See commentary to story no. 48.

Perder o fio à meada. Idiomatic expression. (Literally, it means «to lose the end in some tangled thread»). To lose the train of thought.

Frelimo: stands for *Frente de Libertação de Moçambique*. It is now the only party of Moçambique.

53. CULPAR A VÍCTIMA

This story describes the contrast between what the school thinks of Gonçalo (he is a delinquent, has psychiatric problems, etc.), and his personal interior world full of hurt, fear and shame. The way he is reacting to his pain is making things worse for himself, however.

Counseling Goal

To discover positive ways to react in school when life is difficult at home.

Discussion

1. What is Gonçalo's problem? 2. Is the way he is reacting helpful to him? 3. What could he do to have a more successful time in school?

54. VIDA NOVA

Although sad about his family problems, Gonçalo starts a new life.

Counseling Goal

To understand that regardless of bad experiences we can always start anew.

Discussion

1. Is Gonçalo doing something helpful and productive? 2. How did the counselor feel after this episode?

Project

Make a collage about the topic: «Today is the first day of the rest of my life.»

55. CONFIANÇA

Gonçalo plays soccer at a Portuguese club. Happily, he is good at it, and people trust him. He, in turn, is ready to do everything to show he is worth the trust.

Counseling Goal

1. To understand that trust is something one earns through responsibility. 2. To appreciate the ideals of good sportsmanship.

Discussion

Why can Mr. Meneses now trust Gonçalo? Why can Mr. Jacinto trust Gonçalo? What could Gonçalo do in school to show the same sense of responsibility he showed in the club? 2. What do the students think about the general rules of sportsmanship as explained by Mr. Silva and Mr. Justino? What other rules of sportsmanship could they think of?

Project

«Aqui hoje não entra nenhuma bola». This sentence expresses the sense of responsibility Gonçalo feels in his role as the goalkeeper. Have the students write a sentence that Gonçalo might have said in his role as student. 2. Have the class write a code of ethics for the different games they play at recess or after school.

Language and Culture

Treinador (coach). The one who trains.

Apresentou-me (He introduced me). See commentary to story no. 33.

Educação (good manners). See commentary to story no. 21.

Ir à bola (run after the ball). Typical soccer expression. In this game each player has a specific role and a specific place to defend or to attack. When everybody runs after the ball, it means that there is no global strategy, and therefore, that everybody plays for himself. When that happens, soccer ceases to be a game and starts to be a fight.

Passagens largas (large passes). Another soccer expression. It happens when a player «passes» the ball to someone on his team who is far away from him. These long-range passes give esthetic beauty to a good soccer game. But they presuppose strong team work and good strategy.

Sobressalente (substitute). In soccer, the whole strategy of a team depends upon the trust the players have in the goalkeeper. If they trust him, they can risk taking a more aggressive attitude toward the opposite team. If they don't trust him, they have to adopt a defensive attitude and remain close to the goal. To choose the goalkeeper is the same as to choose the player one can trust. We can thus understand how proud Gonçalo felt when he was put in charge of the goal for the whole game.

56. BECO SEM SAIDA

Gonçalo is angry with a lunch aide who was unfair to him, and leaves from school without permission. The consequences of this action are compounded by his delay in facing his mistake which, at the beginning, was small. He finds himself at a dead end without escape.

Counseling Goal

To understand that the sooner we face the consequences of our mistakes, the better able we are to correct them.

Discussion

1) What could Gonçalo have done to pacify his anger after he was expelled from the cafeteria, without going against the rules of the school? 2) What is Gonçalo afraid the teacher will do when he returns to school? 3) What is he afraid the counselor will do?

Project

Have each student write an example of someone who, instead of facing a problem, runs away from it; e.g., the man who takes out loans to pay his debts; the gambler who continues to gamble in order to pay for what he lost; the one who drinks in order to forget how bad he feels about himself for having drunk.

Language and Culture

Beco-sem saída (dead-end street).

Jardim Infantil (kindergarten).

57. SOLIDÃO

Gonçalo feels rejected because the teacher does not like him. It is useless to investigate whose fault it is: whether the teacher doesn't like him because he misbehaves, or whether he misbehaves because the teacher doesn't like him. What is important is to decide what to do about it, because we are responsible for our loneliness.

Counseling Goal

To understand the feeling of loneliness, and what each person can do to alleviate it.

Discussion

1. Why can we say that Gonçalo felt lonely? Do you sometimes feel lonely? 2. What should Gonçalo do in order not to feel lonely again?

Language and Culture

Atulhada (full of). See comment to story no. 31.

De chofre (suddenly).

58. SERES HUMANOS

Gonçalo is angry because he was called «porugee»; but he himself, in all innocence, calls the teacher «clay pot». Gonçalo is a human being with feelings and pride. But so is the teacher.

Counseling Goal

To realize that teachers, as well as students, are human beings who feel good when they are loved and respected, and feel bad when they are attacked or despised.

Discussion

Gonçalo called the teacher a name while complaining of having been called a name himself. Why didn't he realize the contradiction of this situation?

Project

Ask the students to write a brief story in which a teacher is offended by a student, and another one in which a student is offended by a teacher.

Language and Culture

Porugee: see story no. 26.

Menino bem (boy from a «good family»). Ironical way to refer to a boy or a man from a high socio-economic class.

59. A ESPERA DA PROVA

Same counseling goal and activities as in story no. 17.

60. CONTENTE

Gonçalo is happy and needs to express his feeling. Unfortunately, he doesn't choose the most understandable way to do so. The teacher totally misinterprets the meaning of Gonçalo's disruption.

Counseling Goal

To understand the feeling of joy, and find appropriate ways to express it.

Discussion

1) Do you think Gonçalo was «bad»? Jumping and singing are natural expressions of joy. Why, then, was the teacher angry? What was wrong? 2) In what other way could Gonçalo have expressed his joy?

Project

Explain to the students the difference between an introverted person and an extroverted one. Apply these concepts to cultures (Anglo-Saxon; Latin). Ask the students to rate themselves along the continuum of introverted-extroverted.

Language and Culture

Jumping and singing. Many factors contribute to make Gonçalo an extroverted boy: He is: 1) a Latin; 2) from a working class family; 3) originally from an agricultural region; 4) now living in the inner city. An American teacher from a middle-class background can very easily misunderstand Gonçalo.

61. COMO FAZER AMIGOS

To learn how to make friends is one of the most important tasks for any student. Some methods can be indirect, but they work. It seems as though the more indirect they are, the better they work.

Counseling Goal

To learn how to make friends.

Discussion

1. What do you do when you want a particular person to be your friend? 2. What do you do when you want to keep away from a certain person who wants to be your friend?

Project

Explain to the students the concept of «side effect». To be loved is mostly a side effect of our efforts to love others.

Language and Culture

To fight. Within an extroverted culture, fighting is not always considered an expression of aggression. Sometimes it can be a means to reach out to others.

62. À RASCA

Here Simão is introduced. He never did well in school, but liked to help his father. Now he wants to become a mechanic in order to continue to help his father.

Counseling Goal

To become aware of vocational preferences.

Discussion

Simão wanted to become a mechanic because he wanted to help his father; is this a good criterion for choosing a vocation? What criteria should we use to choose our vocation? 2. Ask the students to describe the person whose job they admire the most.

Project

In their native country, children often used to participate intensively in their parents' work. In the United States they are often completely separated, physically and psychologically, from the activities of their parents. Ask the students to write essays or to make oral presentations about their parents' jobs. Insist upon concrete data such as addresses and telephone numbers.

63. A VIDA DO MAR
64. AO BATER DA MEIA NOITE
65. O JUSTO

Simão's family is introduced, and some of the reasons why he is not performing well in school are explained. The love, tenderness and patience of this family of fishermen shows through in each story.

Language and Culture

Patucho. See story no. 1.

Toalheta (doily). The Portuguese often use the French word *napperon*.

Memória. See commentary to story no. 7.

Dispensário (community health clinic).

A última badalada. The words of a doctor or nurse are given an almost magic power. If they refer to «midnight», it means midnight sharp, and after that moment the child is not in danger anymore.

A gente ajoelhámos (we knelt). In «standard» Portuguese, one should say *a gente ajoelhou-se*, or *nós ajoelhamo-nos*. See commentary to story no. 7.

66. EXPLORAÇÃO

Simão's employer exploits him. An unfortunate part of the situation is that Simão and his mother are thankful for having the job.

Counseling Goal

To become aware of exploitative working situations.

Discussion

- 1) Why can we consider what Mr. Arnaldo is doing to be exploitation? Is it still exploitation even when both Simão and his mother are happy with the situation?
- 2) Should the law of supply and demand be the determining factor in the setting of wages?

Projects

- 1) Study the situation of illegal aliens -- how they work for very low pay, and cannot do anything to improve their status for fear of being discovered, and losing their jobs.
- 2) Study the legislation that refers to working students under eighteen years of age.
- 3) Make a list of local, state and federal programs that can assist students who want to work.

Language and Culture

Estoa (store). See commentary to story no. 6.

Má vida: It can refer to an easy life or a life of delinquency. A middle-class mother would also be anxious that her fourteen year old son be occupied after school. She probably would encourage him to take part in sports or to belong to boys' clubs. A working-class mother might rather encourage her son to work.

67. A GARGALHADA

Simão's employer teases him and laughs at him.

Counseling Goal

To realize how cruel it is to tease and to laugh at people, and how encouraging it is to praise them.

Discussion

1) Why does Mr. Arnaldo tease and laugh at Simão? How does Simão feel? Do adults sometimes tease children? You? How do you feel about teasing? 2) Do you sometimes tease younger children?

Project

Give a sheet of paper to each student, and have them write their names. Ask them to pass the papers along so that everyone can write two positive things about the person whose name is on the paper. At the end, ask each student how he felt when he read his paper.

Language and Culture

To praise children. Though it is obvious that Mr. Arnaldo thinks well of Simão as a worker, instead of praising him for his qualities, he laughs at Simão. Praise is not a very common practice of child-rearing in the Portuguese countryside. Adults think that praise will only make their children conceited and lazy. Of course, children can discover quite easily the signs of their parents' approval. But, when they fail to discover these signs, or when they receive two opposite messages, the results can be traumatic for the child.

68. O AUTOCARRO

Simão doesn't go to school, because he feels too embarrassed to take the public bus

Counseling Goal

To overcome the embarrassment and fears caused by a limited ability to speak English.

Discussion

1. Was Simão helping himself by avoiding the embarrassing situation? 2. Do we also avoid situations that may cause us embarrassment, even at the price of restricting our life?

Project

Have the students imagine the possible consequences for Simão's life should he not overcome his shyness.

Language and Culture

Vergonha (embarrassment, shame). The mere fact of not speaking English is a constant source of embarrassment for the immigrant. But if he happens to come from a lower socio-economic class, and is an adolescent, the embarrassment is almost intolerable.

Tiquete. Portuguese derivative of the English «ticket». In Portuguese one should say *bilhete*.

69. SONOS TROCADOS

Simão's mother explains to Mr. Meneses what to do when a baby sleeps during the day and is awake during the night.

Counseling Goal

To be aware of old customs, and to understand the underlying modes of thinking.

Discussion

1. What could be the reason why the baby was awake at night and is sleeping during the day? 2. Could Mrs. Tavares' prescription really help to change the pattern?

Project

See project of story no. 16.

Language and Culture

Sonos trocados. See what has been said about symbolic pre-logic thought in the commentary to story no. 16. The symbolic action is better understood if we take into consideration the Portuguese expression used by Mrs. Tavares. She diagnoses *sonos trocados* which literally means «crossed sleeps», or «changed sleeps» (i.e., the sleep of the day is in place of the sleep of the night; hence, crossed). In order to undo this abnormality, one has to apply something that symbolizes a change of direction: the trousers with the legs crossed or the open scissors.

Raio school (High School). It is very difficult for the Portuguese to pronounce the letter «H». Sometimes they omit it, sometimes they substitute an «R»; in this case, they round the result to the nearest Portuguese word.

70. O AMENDOIM

Mrs. Olívia Tavares is faced for the first time with the need to ask for public assistance for her father-in-law.

Counseling Goal

To be aware of the different social services provided by the city, state and federal governments.

Discussion

Should Mrs. Tavares feel embarrassed in asking for help? Do recently arrived immigrants have the right to share in benefits of the American welfare system?

Project

Have the students research the different assistance programs of the town, state and federal government. Emphasize the distinction between welfare, Social Security, workman's compensation. If possible, invite a social worker to speak on the subject.

Language and Culture

Lírof (laid off). The «d», as pronounced by Americans, sounds to Portuguese ears, like a Portuguese «r». The best Portuguese expression to translate «laid off» is *despedido temporariamente*; but there is no corresponding technical term since there is no corresponding institution in Portugal.

A gente temos vergonha (we are embarrassed). See commentary to story no. 7.

71. ENTRE ESTRANHOS

Manuel is a refugee from Angola. Besides experiencing the loneliness felt by any immigrant, he finds himself a stranger in the midst of his Portuguese peers.

Counseling Goal

To be sensitive to the needs of fellow immigrants who come from regions different from our own.

Discussion

1. Why did Manuel feel himself a stranger in the middle of the other Portuguese students? 2. Have you ever felt a stranger in the midst of your fellow citizens? 3. What can one do in those circumstances?

Project

Organize a class folder about the different sub-groups of Portuguese-speaking people in the community. How many are there? Where do they live? What social organizations do they have? Why did they immigrate?

Language and Culture

Retornado (returned). This is the name given to the white Portuguese who «returned» from the former overseas provinces after April 25, 1974. The term is not totally accurate, since many *retornados* were born in the provinces.

Vingar. In Portuguese, it can have both the meaning of «taking revenge» (same root as in English), or «to succeed». In this case it is the latter.

Carta de chamada. This refers to the letter by which an American citizen calls upon a close relative who is a citizen of another country to immigrate to the United States. There is a «preference» for these persons expressed in the United States immigration laws.

72. AS LIMPEZAS

For many Portuguese, immigration to the United States results in improved socio-economic conditions. But for some precisely the opposite circumstance occurs.

Counseling Goal

To judge other people's experiences not by the value they have to us, but by the meaning such experiences have to them.

Discussion

1) Why couldn't Maria Antónia understand Manuel? Why was she angry? 2) Should Manuel feel ashamed of his father?

Project

Have each student write down the most enjoyable and the most undesirable activity he can think of. Compare papers. Probably what is enjoyable for some students will be listed as undesirable by others.

Language and Culture

Retornado (returned). See commentary to story no. 71.

Trabalhar no campo (to work in the fields). See commentary to story no. 8.

À jorna (daily wage). See commentary to story no. 43.

73. O CONVITE

Manuel felt understood by the counselor, and therefore, had the courage to do something about his depression.

Counseling Goal

To recognize that to call for help is the first step one has to take in order to overcome depression or anxiety.

Discussion

How did Mr. Meneses feel when Manuel asked for help? Was he happy, annoyed? 2) Why are we so afraid and embarrassed to ask a teacher or a counselor for help?

Project

Invite an adjustment counselor or social worker to the class and ask him/her to describe some cases where a call for help was crucial to the person's life.

Language and Culture

Pairar. to be about; to be hovering.

Pá. Meaningless word that comes probably from rapaz. It is used mainly in Lisbon by a man addressing another man in the familiar second person of the singular (*tu*), very much like expression «man!» is used among American blacks. Girls and ladies usually do not use it. When *você* is used instead of *tu*, *homen* is used instead of *pá*. For instance: «*tu estas a engordar, pá!*, *você está a engordar, homen!*».

74. O WHISKY

Because of Maria Antônia and Manuel, Mr. Silva was finally able to come out of his depression and make the best of what was left of his life, regardless of his past. Refugees can very easily become fixated in their past, without taking advantage of their present circumstances.

Counseling Goal

To learn how to take advantage of the present instead of brooding about the past.

Discussion

1. Why couldn't Mr. Silva drink whisky before? 2. What did his being able to drink whisky again mean? 3. What made him change his attitude?

Project

Read to the students Psalm 137 («By the rivers of Babylon»).

Language and Culture

Lacoste. Tailored trousers and a Lacoste shirt are considered status symbols.

Efectivamente (in fact). This is a very formal word. It is characteristic of a man who climbed rapidly the ladder of social class.

Água de Castelo (soc's water).

Salmos em terra estrangeira (psalms in a foreign land). This is the theme of Psalm 137. Camões wrote a beautiful paraphrase of this psalm: *sob os rios*.

75. ANDAMENTO

A typical family ceremony according to the old customs of the countryside is described. There is courtesy, there is generosity and there is pride. The price was hard work, declares the patriarch.

Counseling Goal

To be encouraged by the success of many fellow immigrants.

Discussion

1. How do you measure success? Are Portuguese immigrants in America mostly successful? What are the factors that make them successful? 2. Are the Portuguese successful in comparison with other groups? 3. What is the role that school plays in the success of an immigrant?

Project

Interview some Portuguese senior citizens who immigrated when they were young. What factors made them successful or unsuccessful?

Language and Culture

Semos (we are). Dialectical variant. See story no. 7.

As mulheres foram-se levantando (The women started to get up.) In the culture of the countryside, it is the pride of women to clear the table for the men. The relationship is less one of servant to master, than one of artist to audience.

Andamento (walking). Beautiful word to express «experience». For people who live in the mountains, to walk is to live.

COUNSELING THEMES

Note: numbers refer to the stories, not to pages. The counselor can find, either in the stories indicated or in the corresponding notes in this guide, material related to the following key words:

After school

- in America - 22, 23
- in Portugal - 22

Anger

- at being misunderstood - 10
- at being discriminated against - 26
- at being sick - 50
- at being called names - 58

Assertiveness

- in pursuing one's interests - 27
- in risking embarrassment - 27, 35
- in not letting one's dignity be violated - 44

Beating

- students in Portugal - 19
- younger siblings - 43

Boredom

- nothing to do after school - 22

Cognates, false

- application - 42
- education - 21
- to introduce - 33
- marmelada - 11

Compassion

- and submission - 2
- and material plenty - 13
- for animals - 21

Community

- problems of - 33
- unity of - 33
- group as symbol of - 33

Consequences

- of our mistakes - 56
- facing the - 56

Cooperative concept of family

- cohesiveness of family - 4
- children staying home to help the parents - 12, 19
- children participating in the activities of adults - 22, 24
- going fishing with the father - 38
- giving salary to parents - 40
- dropping out to help the parents - 41
- working children resenting siblings' studying - 43
- in choosing one's vocation - 62

Counseling

- group - 33
- individual - 39

Cultural elements

- implicit in country life - 21, 22
- implicit in homemaking - 12, 14
- implicit in the fisherman's life - 38, 24, 29, 63
- implicit in dress - 5, 12
- implicit in foods - 11, 12, 14, 15, 18, 29, 46, 47

Dating

- and school - 40
- and the parents - 40
- different customs relating to - 40

Denial - 47,48

Depression

- of jobless parents - 41
- and psychosomatic symptoms - 2, 42

Disappointment

- with life - 52

Discouragement

- in trying to overcome prejudice - 17
- in school - 41
- with life - 42

Discrimination

- from peers - 17, 26, 59

Dropping out

- no relevance in school - 38
- to save money for the wedding - 39
- in order not to date - 40
- to help parents - 40
- for lack of community support - 42
- for lack of responsibility - 43
- pressured into by working sister - 43

Encouragement

- and praise - 67

English

- young children learn faster - 34
- and self-consciousness - 34

Exploitation

- landlords - 7
- employers - 66

Extroversion

- and beating - 19
- and expression of feeling - 60
- and cultures - 60
- and fighting - 61

Failing in school

- some reasons for - 19
- repeating grades - 24

Fear

- of landlords - 7
- of neighbors - 8
- of outsiders - 9
- of dying - 50
- of teachers - 56

Freedom

- from taboos - 31
- and belonging - 6

Friends

- how to make them - 17, 61

Frustration

- at not being able to participate in cultural life of United States - 45
- at being illiterate - 2, 12

Grandparents

- call to more human values - 13
- call to intimacy - 18
- and nostalgia - 47
- and serenity - 45

Gym Class

- and work - 30
- and sex roles - 32
- benefits of - 30
- taking a shower - 31

Health

- cockroaches - 7
- lice - 7
- warts - 16
- folk medicine - 16
- taboos - 31
- psychosomatic symptoms - 2, 42
- congestion - 31

Help

- asking for - 25

Hope

- and illusion - 69

Hospitality

- gestures of - 14
- honors of the house - 18
- welcoming students in class - 18

Hospitals

- misunderstanding - 10
- translation - 11
- to sleep in hospital - 13
- not being consulted - 44
- interpreters - 48
- lack of confidence in doctors - 48

Humiliation

- in the hospital - 44
- at work - 67

Illiteracy

- apologize for - 2
- being frustrated by - 12

Immigrate, to

- reasons for - 20

Joy

- cause of disruption - 60
- and culture - 60

Landmarks

- in the community - 1

Loneliness

- of mothers - 2
- of children in school - 53, 57
- of children from sub-groups - 71

Love

- need for - 2

Marriage

- money for - 39
- and dropping out - 39
- with people from the old country - 40
- prearranged - 43

Misunderstood

- by doctors - 10
- by secretaries - 5
- by teachers - 25, 60
- by lunch aides - 15
- by members of the community - 42

New start

- in school - 54
- in life - 74

Nostalgia (saudades)

- for country life - 21, 22
- for fishing life - 42
- for past experiences - 46
- for native village - 47

Optimism

- towards life in the United States - 23, 24

Play

- importance of - 23, 43

Plenty

- and compassion - 13
- and leisure - 13

Poverty

- and shame - 3
- and intelligence - 7

Praise

- effects on children - 67
- and Portuguese culture - 67

Presence

- feeling of - 33
- to introduce - 33

Pride

- to get off welfare - 39
- to be self-sufficient - 39

Refugees

- from Moçambique - 52
- from Angola - 71

Regionalism

- in the Azores - 28

Rejection

- by American peers - 17, 26

Reminisce, to

- value of - 46
- need for - 46

Relevance

- and staying in school - 38
- as a solution to disruptiveness - 39

Responsibility

- lack of - 43
- and privilege - 43
- and loneliness - 57

Resentment

- in older siblings - 43

Sadness

- from having nothing to do - 22
- from seeing the father laid off - 42

Self-consciousness

- and language - 34
- and glasses - 35

Sex roles

- in gym class - 32
- in household chores - 36, 37
- in foods - 37
- in studying - 41

Shame and embarrassment

- of poverty - 3
- of parents - 5
- of one's name - 5
- of being teased - 27
- of language - 34
- of glasses - 35
- in the bus - 68
- of applying for welfare - 70

Special needs children

- their humanity - 14, 11

Sports

- rules of sportsmanship - 55
- soccer - 55

Success

- due to hard work - 75

Symbolic thought

- and folk medicine - 16
- and doctors' prescriptions - 64
- and prescriptions to cure sleepless babies - 69

Tease, to

- teachers - 58
- employees - 67

Television

- and boredom - 27
- non-verbal programs - 45
- and violence - 9

Trust

- and responsibility - 55
- and school - 55

Vocation

- how to choose - 62

Welfare

- to get off - 39
- to go on - 70

Work

- and leisure - 13
- with parents - 24, 22
- to help the parents - 41

LANGUAGE AND CULTURE
(Index of Entries)

Note: Numbers refer to the titles of stories in the Teacher's Guide.

A

Água de castelo - 74
Aguardente - 12
Alfaia - 14
Amanhar - 22
Andamento - 75
Apaixonada - 10
Aplicação - 42
Aprendia a arte com o pai - 41
Apresentar - 33
À risca - 31
Arrábida - 31
Arranjar rapaz das nossas terras - 40
Arte - 41
aspecto - 2
atulhado - 31, 57

B

Banheiro - 31
Barrúm - 8
Bater - 19
Beco sem saída - 56
Beirão - 45
Beiras - 44
Bem educado - 21, 30, 55
Bento - 6
Bilos - 39
Bonito - 29
Botica - 6
Briga - 22

C

Café com leite - 15
Caldo verde - 11
Campo (o) - 8, 72
Canalha - 6
Candinho - 17, 43

Casamento arranjado - 43
Carta de chamada - 71
Cavalo de batalha - 30
Cela - 12, 27
Cerimónia - 39
Cerrar fileiras - 33
Coive - 6
Conversar - 40
Corisco - 38
Cresceram - 14
Crianças aprendem mais depressa - 34

D

Dar dinheiro aos pais - 40
De chofre - 57, 44
Deixou-nos ficar mal parados - 27
Debts - 43
Desconfiado - 33
Discrição - 14
Dispensa - 14
Dispensário - 64
Dormir no hospital - 13

E

Educação - 55
Efectivamente - 74
Escritório - 5 et passim
Espera dos pais (à) - 24
Estado Novo - 6
Estagiário - 44
Está sonhando - 9
Estoa - 6 et passim

F

Fazer caretas - 17
Fazer pouco de - 17

Fazia-me aparência - 11
Fazia-me espécie - 11
Fight - 61
Folk medicine - 16
Frelimo - 61
Frisa - 24, 13

G

Garrações - 31
Garoto - 15
Garotos - 46, 48
Galão - 15
Gente (a) - 7
Gente ajoelhámos - 64
Gente não querem - 18, 9 etc.

H

Homem da casa (o) - 38
Homem e Cávado - 6
Hóquei - 26, 30

I

Iar - 17
Ice cream - 36
Imitação de Cristo - 16
Incomodar a Senhora Professora - 10
Injusta para a filha - 43
Ir à bola - 55
Ir à pesca com o pai - 38

J

Jardim Infantil - 34
Job - 39
Jorna - 43, 72
Juízo - 45
Jumping and singing - 60

Lá para dentro - 4
Lacoste - 74
Latada - 6
Lenço - 5, 13, 18
Lenço branco - 12
Lirof - 70
Loca - 35

L

M

Má vida - 66
Malandro - 50
Maneirinho - 43
Marmelada - 11, 46
Memória - 7, 10, 63
Menino bem - 58
Moirata - 21
Mulheres foram-se levantando (as) - 75

N

Namorar - 40, 34

O

Ofegante - 33
Orientação - 39

P

Pá - 73
Pairar - 73
Parla - 3, 12, 45
Passagens largas - 55
Pasteis de bacalhau - 31
Patacos - 6

Patucho - 1, 8, 63

Pegar de carreta - 38

Perder o fio à meada - 52

Pés assentes no chão - 41

Pescatos por fora - 42

Petisco - 14

Pobreza e memória - 7

Porugee - 26, 58

Povoação - 32

Praise children (to) - 67

Preparo - 24

Q

Quem sabe se - 14

Qualquer coisa com sentido - 39

Queijo da serra - 46

R

Rabo torto - 28

Raio school - 69

Repetir 3 vezes a 1^a classe - 24

S

Sala-museu - 2

Salmo em terra estrangeira - 74

Sobressalente - 55

Semblante - 2

Semos - 7, 75

Senhores da alta - 52

Sexto ano - 42

Shop - 3

Solar - 6

Sonos trocados - 69

Stara - 42

T

Tanto trabalho - 23

Telefone - 48, 9

Televeijon - 9, 26, 43

Tenho de ir trabalhar - 41

Terminar-se - 38

Terra - 47, 52

Tiquete - 68

Toalheta - 63

Toda vestida de preto - 45

Toldar - 41

Torresmos - 14

Travãos - 42

Treinador - 55

U

Última badalada - 64

V

Vai lá para fora - 35

Varar - 24

Vergonha - 68

Vime - 19

Vingar - 71

W

Welfare - 39

Whisky - 46

Work and leisure - 13

an **NADC** publication

For additional information write:

*National Assessment and Dissemination Center For Bilingual-Bicultural Education
ESEA, Title VII
385 High Street
Fall River, Massachusetts 02720*